

GISELE PEREIRA DA SILVA

**A CONFIGURAÇÃO ATLETAS E EX-ATLETAS
PARAOLÍMPICAS DA CIDADE DE CURITIBA**

Dissertação de Mestrado defendida
como pré-requisito para a obtenção
do título de Mestre em Educação
Física, no Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências
Biológicas da Universidade Federal
do Paraná.



**CURITIBA
2007**

GISELE PEREIRA DA SILVA

A CONFIGURAÇÃO ATLETAS E EX-ATLETAS PARAOLÍMPICAS DA CIDADE DE CURITIBA

Dissertação de Mestrado defendida
como pré-requisito para a obtenção
do título de Mestre em Educação
Física, no Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências
Biológicas da Universidade Federal
do Paraná.

Orientador: Profa. Dra. Ruth Eugênia Cidade

AGRADECIMENTOS

Meu maior agradecimento é dirigido a minha família, Meus Pais, Moacir e Ema Inês, Minha Irmã Ana Carolina, por serem meu porto seguro, sempre acreditando, respeitando e apoiando meus projetos de vida. Meu eterno Amor!

Ao Meu Noivo Ruben, que mesmo distante, sempre esteve presente nas minhas angústias e alegrias, esperando por mim no alcance deste objetivo. Minha gratidão e admiração pelo homem e companheiro que é em minha vida.

A Minha Avó Maria, Tios, Primos e Padrinhos com seus preciosos sentimentos impulsionarem-me adiante. Em especial, Minha Afilhada Júlia que trouxe e traz mais cor em meu caminho. Aos Meus Amigos pelos momentos inesquecíveis.

A Equipe Interdisciplinar, Vania, Marilda, Paulo, Andréa, Vanessa e Fernando pela confiança no trabalho em equipe e as conquistas do dia-a-dia. Aos Alunos e Profissionais da FEPE.

A Minha Orientadora Professora Dra. Ruth Eugênia Cidade, pelo incentivo, e compreensão. Minha admiração pelas sucessivas revisões do texto e a pesquisa propriamente dita. Suas sugestões foram essenciais durante este processo. n

Ao Profº Dr. Wanderley Marchi Jr e Profº Dr. Luiz Alberto Pilatti, meus agradecimentos, pela seriedade do seu trabalho, contribuindo nos acertos e melhorias da dissertação.

Ao reencontro e a presença da Minha Amiga Renata por entender minhas dificuldades, crer na realização deste desafio e amenizar meus conflitos com seu conhecimento e dedicação a Língua Portuguesa. Agradeço, de forma muito carinhosa.

A todas as Entrevistadas que aceitaram em compartilhar suas experiências de vida como atletas compondo uma parte desta dissertação, meus sinceros agradecimentos.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| RESUMO..... | v |
| ABSTRACT..... | vi |
| INTRODUÇÃO..... | 01 |
| 1 SURGIMENTO DO ESPORTE MODERNO E O ENVOLVIMENTO | |
| DA MULHER NO ESPORTE..... | 06 |
| 1.1 SURGIMENTO DO ESPORTE MODERNO..... | 06 |
| 1.2 MOVIMENTO PARAOLÍMPICO..... | 09 |
| 1.3 MOVIMENTO PARAOLÍMPICO NO BRASIL | 19 |
| 1.4 O ENVOLVIMENTO DA MULHER NO ESPORTE | 23 |
| 1.5 DA DECLARAÇÃO DE BRIGHTON A KUMAMOTO..... | 30 |
| 2 A SOCIOLOGIA DE NORBERT ELIAS NA CONSTRUÇÃO DO LUGAR | |
| SOCIAL DO DEFICIENTE | 35 |
| 2.1 A SOCIOLOGIA DE ELIAS..... | 35 |
| 2.2 A ABORDAGEM “ <i>ES TABELECIDOS E OUTSIDERS</i> ” DE ELIAS E | |
| SCOTSON..... | 40 |
| 2.3 A CONSTRUÇÃO DO LUGAR-SOCIAL DO DEFICIENTE..... | 43 |
| 3 UM RETRATO DAS ATLETAS E EX-ATLETAS DO SISTEMA | |
| PARAOLÍMPICO EM CURITIBA..... | 54 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 73 |
| REFERÊNCIAS..... | 77 |
| ANEXO 1- TERMO DE CONSCIENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO | |
| | 83 |
| ANEXO 2- ROTEIRO GERAL PARA ENTREVISTA DAS ATLETAS E EX- | |
| ATLETAS DO SISTEMA PARAOLÍMPICO DE CURITIBA | 85 |
| ANEXO 3- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DAS ATLETAS E EX-ATLETAS | |
| DO SISTEMA PARAOLÍMPICO DE CURITIBA..... | 87 |

RESUMO

Este estudo descreve a configuração de sete atletas e ex-atletas do Sistema Paraolímpico da Cidade de Curitiba em 2007, a pessoa com deficiência (“nós entre eles”), como se constituiu e como se constitui, identificando-as sob as características de estabelecidos e outsiders de Norbert Elias em sua obra homônima com Scotson. Para isso, fez-se um resgate histórico das Paraolimpíadas explicando não somente a formalização da estrutura internacional e nacional, mas também evidenciando as reformulações necessárias pelas particularidades e diversidades do grupo que dela fazem parte. A teoria que dá suporte a esta interpretação é a Sociologia Figuracional de Elias, segundo a qual compreende-se o processo civilizador numa interlocução da trajetória das pessoas com deficiência até sua inclusão social. A abordagem elisiana, por meio de seus principais conceitos – interdependência e configuração –, permite compreender a construção histórica da identidade do deficiente para descrever a configuração inacabada em que este grupo se encontra contemporaneamente, observando suas relações de poder e estatus. Enquanto o conceito de interdependência tem como fundamento a idéia de que os indivíduos fazem parte uns dos outros, configuração é a rede dessas interdependências, em constante transformação. Assim, o que se analisou nesta dissertação são as características dos processos pelos quais as atletas e ex-atletas paraolímpicas passam à medida que se conhecem e se reconhecem incluídas e excluídas socialmente. Reconhecem-se incluídas quando atletas participando de competições mas excluídas quando se aposentam e quando percebem a condição de atleta independentemente da deficiência diante da falta de patrocínio, ou valorização profissional do esporte. Foram nos excertos dos relatos transcritos que as mulheres entrevistadas evidenciaram seus sentimentos de orgulho, por participarem desta pesquisa, entendendo-a como registro da história do desporto adaptado. Através das entrevistas pode-se ver que o esporte foi para muitas delas uma forma de se sentirem incluídas novamente, distanciando-as das demais deficientes e da exclusão.

Palavras chave: deficiente, estabelecidos-outsiders, mulher.

ABSTRACT

This study describes the configuration of seven athletes and ex-athletes of the Paralympic System of Curitiba in 2007, a disabled person ("we between them"), how was and how, identifying them on the characteristics of established and outsiders from Norbert Elias and Scotson. Therefore, it was made a ransom history of Paralympics explaining not only the formalization of the international structure and national, but also highlighting the changes required by the peculiarities and diversity of the group that are part of it. The theory that supports this interpretation is the Sociology of Figuration by Elias, according to which comprises up the process of the civilization dialogue as the trajectory of the disabled until its inclusion. The Elias approach through its main concepts - interdependence and configuration - allows understand the historical construction of the identity of the poor to describe the configuration unfinished where this group belongs, observing their relations of power and status. While the concept of interdependence is based on the idea that individuals are part of each other, the network configuration is such interdependence, in constant transformation. So, what is examined in this thesis is the characteristics of the processes by which the athletes and former Paralympics athletes send as you know and recognize is included and excluded socially. They will be recognized included when athletes participate in competitions but excluded when they retire and when understand the condition of athlete regardless of disability face of lack of sponsorship, or recovery of the professional sport. We were transcribed excerpts of reports that women interviewed showed their feelings of pride, by participating in this research, understanding, as a record of the history of adapted sport. Through interviews you can see that the sport was for many of them a way to feel included again, distancing them from other disabilities and exclusion.

Keywords: disable person, established-outsiders, woman.

INTRODUÇÃO

A partir da década de 1980, os movimentos sociais avançaram politicamente enquanto o Estado democrático brasileiro era reinaugurado. A Constituição de 1988, chamada de cidadã, fez enormes progressos na questão social, concedendo direitos amplos e criando condições na lei para a igualdade e a inclusão. Nesse sentido, muitos avanços ocorreram com a criação de organismos e instituições que trabalham as diversas questões sociais brasileiras, como a questão do menor, do idoso, do deficiente, da mulher, do preso, etc.

Para nosso trabalho interessa principalmente a questão do deficiente e, especificamente, a da mulher deficiente que pratica esportes. A Organização das Nações Unidas é o principal instrumento de inclusão, no mundo, de deficientes, já que trabalha mundialmente para a melhoria e o reconhecimento das necessidades especiais. O ano de 1981 foi escolhido para ser o Ano Internacional do Portador de Deficiência, quando se executaram diversas ações de melhoria da vida dessas pessoas.

No Brasil, a questão dos deficientes avançou muito, seja a melhoria da infraestrutura (que está longe de ser a ideal), seja a inclusão que muitas empresas e o Estado promovem em seus quadros de funcionários. Também deficientes ocuparam espaço na sociedade, muito mais que no passado, organizando-se e mostrando-se como grupo capaz de interferir na sociedade e no Estado. A estigmatização, no entanto, acompanha o grupo, fazendo dele segregado ainda em parcelas substanciais da vida social.

No caso do esporte, em particular o desporto adaptado, o Brasil só muito tarde conseguiu ver a capacidade do deficiente de praticá-lo. Tanto a dedicação do Estado como da iniciativa privada na questão do incentivo e patrocínio é mínima, bem menor do que o esporte olímpico e tradicional. Nesse sentido, os atletas paraolímpicos enfrentam maiores dificuldades do que as já difíceis buscas por patrocínios e incentivos estatais, ainda mais quando esse grupo é composto por mulheres, sujeito específico desta pesquisa.

A primeira atleta que participou dos Jogos Paraolímpicos conquistando medalhas, está presente em nosso estudo, o fez em 1984. De lá até os dias de hoje, mais de vinte anos se passaram. É tempo suficiente para a academia refletir sobre o desenvolvimento, as barreiras e as lições que esse grupo pode dar para o conhecimento sobre o esporte e a sociologia do esporte de um grupo marginalizado.

A concepção sociológica que fundamenta essa pesquisa é a de Norbert Elias. Encontra-se na teoria proposta por esse autor, a Sociologia Figuracional, os conceitos de configuração e interdependência que se referem a redes de relações. Nas palavras do autor:

O conceito de configuração foi introduzido exatamente porque expressa mais clara e inequivocamente o que chamamos de ‘sociedade’ que os atuais instrumentos conceituais da sociologia, não sendo nem uma abstração de atributos de indivíduos que existem sem uma sociedade, nem um ‘sistema’ ou ‘totalidade’ para além dos indivíduos, mas a rede de interdependências por eles formada (ELIAS, 1994, p. 249).

Pode-se dizer que rede é o contato de uma pessoa com outras pessoas, através das suas semelhanças, afinidades e arranjos, compreendendo como são constituídas, mantidas, organizadas a fim de traçar suas composições. E interdependência é o fato do *eu* estar conectado com o *nós*, “das pessoas mudarem em relação umas às outras e, através de sua relação mútua, de estarem continuamente moldando e remoldando em relação umas às outras” (ELIAS, 1994a, p. 29). As diferentes relações que uma pessoa tem com outra pessoa ou pessoas, sendo construída em vários momentos e em diversas situações, contribuem para a composição de sua teia de interdependências.

Nesse sentido, “configuração significa a rede de interdependências formada pelos indivíduos. É um sistema de interações onde as pessoas se inter-relacionam” (FREITAS, 2003, p. 29), ocupando posições nesta estrutura. A composição de uma configuração ocorre entre indivíduo e sociedade, sem a separação desse conjunto.

Além disso, Cidade, em tese de doutorado, um dos primeiros estudos das relações e interdependências na dinâmica configuracional das atletas paraolímpicas, explica que, para Elias, no transcorrer dos processos sociais de longo prazo também há o surgimento e junção dos diversos atos individuais. “Cada um desses atos contém algo de intencionalidade, mas o resultado coletivo, a direção do processo social de longo prazo, não é planejado” (CIDADE, 2004, p. 19). Deste modo encontramos nas palavras de Elias ao dizer que:

[...] nada na história indica que essa mudança ocorrida com o ser humano em longo prazo tenha sido realizada “racionalmente”, através de qualquer educação intencional de pessoas isoladas ou de grupos. A coisa aconteceu, de maneira geral, sem planejamento algum, mas nem por isso sem um tipo específico de ordem. (ELIAS, 1993, p. 193).

Dessa forma, compreende-se que “a formação individual de cada pessoa, depende da evolução histórica do padrão social, da estrutura das relações humanas”, o que talvez ocorra por um fato em si ou pela consequência de vários (ELIAS, 1994 a, p. 28).

Nesse sentido, pelo avanço de ocorrências desde o século XVI, Elias revela que o processo de individualização foi decorrente de mudanças das relações humanas, de sua reestruturação. Portanto quando se aborda o processo civilizador, o indivíduo está inserido nele. Então, fala-se também da transmissão de conhecimentos adquiridos por uma história construída pela passagem de geração em geração, como segredos de sobrevivência. A transmissão desses conhecimentos sofre algumas mudanças no decorrer do tempo e a continuidade faz parte do fluxo desses processos. “A maneira de viver que as pessoas impõem às outras e a si mesmas e os regimes que permitem enfrentar os problemas da vida” são decorrentes dos conhecimentos adquiridos (CIDADE, 2004, p. 21).

Em meio a essa corrente teórica, emerge a seguinte questão: quem são, onde podem ser encontradas e que características da abordagem estabelecidos-outsiders podem ser identificadas na configuração constituída pelas mulheres, atletas e ex-atletas do sistema Paraolímpico da cidade de Curitiba?

Sob essa concepção de configuração, o objetivo desta pesquisa é descrever, o grupo de atletas e ex-atletas paraolímpicas de Curitiba, identificando se, em suas falas, há características da abordagem estabelecidos-outsiders de Elias e Scotson na configuração atletas e ex-atletas, relacionando-as. Trata-se de um estudo de caso, compreender o desporto adaptado para as mulheres, atletas e ex-atletas em Curitiba como prática e *locus* social.

Esta pesquisa qualitativa parte da compreensão do desporto adaptado como prática e *locus* social para identificar as características da relação estabelecidos-outsiders em Elias e Scotson nas atletas e ex-atletas do Sistema Paraolímpico, o que

permite entender o papel social e a relação entre os indivíduos, visto que se compõem de situações complexas e ao mesmo tempo peculiares. “O estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real” (YIN, 2005, p20), ou seja, o estudo de caso vem a ser a estratégia para analisar acontecimentos contemporâneos, através da observação direta e série sistemáticas de entrevistas.

Então, este estudo foi dividido em três capítulos.

No capítulo 1, aborda-se como o esporte surgiu da modificação da sociedade medieval numa sociedade burguesa que desviou a força dos homens para o esporte ao invés das guerras internas. Como surgiu e cresceu o movimento Paralímpico na sua trajetória internacional e nacional. Também fala-se do envolvimento da mulher no esporte e suas inserções. Tendo a Declaração de Brighton como articulações e ações em favor de uma cultura esportiva que capacite e valorize a participação da mulher em todos os aspectos do esporte, até a mais recente, Declaração de Kumamoto.

No capítulo 2, apresenta-se a Sociologia Figuracional de Norbert Elias, a compreensão da longa duração, os conceitos de interdependência e configuração. Pertinentes a esse estudo, a abordagem os *Estabelecidos-Outsiders* de Elias e Scotson, quem são e como se relacionam. Compreendendo também o processo civilizador numa interlocução da trajetória das pessoas com deficiência desde a construção do lugar-social até sua inclusão social. A esse capítulo compõe-se, então, a concepção teórica que subjaz esta pesquisa.

No Capítulo 3, descreve-se o conteúdo das entrevistas das atletas e ex-atletas da cidade de Curitiba no Sistema Paraolímpico na complexidade de suas respostas para identificar as características da abordagem de *estabelecidos-outsiders* de Elias e Scotson neste grupo, como: rótulo, estigma social, equilíbrio instável de poder, coesão entre grupos, proteção da identidade grupal, sujeição a padrões de conduta, padrão de estigmatização, anomia e imagem.

Por fim, nas considerações finais, encontram-se os indícios da condição social em que o grupo: está envolvido, Sistema Paraolímpico, que permite a elas (atletas) não somente ser atletas bem como sentir-se estabelecidas, numa configuração social inacabada, mas com sinais positivos de mudança, visto o contexto histórico contemporâneo de ações afirmativas em diversos setores sociais e da citação de personagens deficientes inseridos socialmente. Quanto às ex-atletas, há indicações em

suas falas de que elas voltam a se sentir deficientes, com toda carga social contemporânea que esta condição lhes impõe. Através das entrevistas pode-se ver que o esporte foi para muitas delas uma forma de se sentirem incluídas novamente, distanciando-as das demais deficientes e da exclusão.

1 SURGIMENTO DO ESPORTE MODERNO E O ENVOLVIMENTO DA MULHER NO ESPORTE

1.1 SURGIMENTO DO ESPORTE MODERNO

O esporte como componente das relações humanas, auxilia na compreensão do processo histórico dos indivíduos. Sua dimensão pode ser referente ao contexto em que está inserido, como também influenciado pelos setores políticos, sociais, culturais, econômicos e mídia. A interferência e a participação direta dos indivíduos nas práticas esportivas contribuem com os valores atribuídos aos setores acima citados.

Elias e Dunning (1992) tentam compreender o esporte e o seu desenvolvimento, por ser um conhecimento sobre a sociedade, segundo uma perspectiva institucional enfatizando uma relação de conflito na construção dos modos de vida. Suas posições direcionam para a heterogeneidade do sentido das práticas esportivas e deixam a entender que pode ocorrer mais do que uma significação social para esportes em geral ou em particular.

Elias aponta as mudanças dos comportamentos ao longo do tempo, num estudo de longa duração, como no refinamento dos costumes, na transformação do em cortesão quando adquire hábitos de contenção da natureza, modificando seu comportamento à mesa, diante do amor e do sexo e diante da educação. Essa introjeção de comportamento coincide com o surgimento de um Estado regulador que coíbe a liberdade de ação dos indivíduos por meio de leis e do monopólio da força. (ELIAS, 1994).

O estabelecimento de regras sociais e educacionais, que se formaram ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, resultou no crescimento de jogos e esportes. Eles existiam desde a antiguidade e podem ser divididos em jogos (de carta, dados, xadrez) ou esportes (geralmente jogos de guerra e luta). Nesse sentido os guerreiros buscavam diversão no aprimoramento da sua técnica militar – esgrima, por exemplo. (GARRIGOU, 2001)

Somente no século XIX é que o predomínio da sociedade burguesa resultou no parcial abandono daquela relação entre esporte e guerra, e passou a ser vista de maneira independente. Os esportes aumentaram em número e popularidade (surgimento do vôlei, do basquete) sendo praticados por entusiastas. A natação ganhou popularidade enorme e passou a ser aberto o longo caminho de associação entre esporte e saúde. No

século XIX, as populações já habituadas com as regras e o autocontrole, além da diminuição da violência absorveram rapidamente os jogos novos passando a adotá-los cotidianamente. (ELIAS, 1992, 1993).

Com a invenção do esporte como categoria de atividade social, esportes como modalidades particulares dessa atividade nasceram, portanto, da transformação de antigos jogos, da transformação de atividades sociais (duelo, treinamento militar) ou da criação de variantes esportivas por cissiparidade e dissidência das práticas de organizações esportivas (GARRIGOU, 2001, p. 69).

Com o avanço da conduta humana em relação ao controle dos seus impulsos, o esporte moderno se caracteriza pela transcrição das regras sociais e leis do Estado, a monopolização do auto-controle. Desta forma, o esporte vem a ser em todas as suas variedades uma luta controlada. Podendo também identificar as diferentes expressões relacionadas com diversas formas de apropriação (ELIAS e DUNNING, 1992).

Muitos esportes envolvem formas de lutas e ambos, esporte e luta aparecem para derivar um mesmo complexo ou ser similar a raiz socio-cultural. Como representante das lutas (boxe e luta) e batalhas (futebol e hóquei no gelo). Aquele que controla suas emoções e utiliza o esporte para representar sua força demonstra domínio sobre si mesmo. No entanto, aquele que se descontrola e faz uso da violência resulta para si na punição dos seus atos (DUNNING, 1999).

E nesse sentido há muitas razões para acreditar que os esportes são mais que meros *hobbies*, passatempo, recreação, atividades de prazer. De fato alguém pode dizer que juntamente com as religiões e as guerras, os esportes representam um dos mais significativos sucessos de mobilização humana. Proporcionando uma fonte de significados para a vida e atuando como foco de identificação social (DUNNING, 1999).

Porque como “fruto da dinâmica da sociedade moderna, o esporte entre as classes, multiplica aos contatos, promete mobilidade social e vai progressivamente abolindo as discriminações sociais” (PRONI, 2002, p. 39).

É verdade que o esporte está desde sempre associado à saúde, e dessa maneira a doença lhe faz uma oposição óbvia que somente muito recentemente começou a ser desvinculada.

Como a psiquiatria que ganhou espaço após a primeira guerra mundial (1914-1918), também o esporte como atividade para feridos de guerra ganhou espaço depois daquele conflito. A tradição de aproveitamento de feridos em guerra para propagar ensinamentos de guerra era utilizada na França desde Luís XIV e seu Palácio dos inválidos. Porém, ainda a sociedade mostrava reprovação e apartamento dos deficientes.

Aos poucos, o caminho da reabilitação humanitária dos feridos de guerra ganhou espaço já que os feridos de guerra queriam mostrem que ainda eram capazes de fazer algo heróico e importante. (TOLOCKA e DE MARCO, 1995).

As práticas corporais na população com deficiência são adequações contínuas de ajustamento, principalmente pela individualidade de cada praticante. Desta forma, entende-se por desporto adaptado, o desporto para pessoas com deficiência, elaborado para atender este grupo e suas particularidades. Desporto adaptado “significa a adaptação de um esporte já de conhecimento da população. Este conhecimento está relacionado às regras estabelecidas e sua prática” (ARAÚJO, 1998, p. 18).

A necessidade de modificação ou criação do esporte é para suprir as necessidades das pessoas com deficiência. Como no caso do basquete em cadeira de rodas, que é uma adaptação do basquete regular. Já o golbol, um jogo inventado para “para pessoas com deficiência visual, no qual os jogadores tentam rolar a bola – que emite um som – em direção ao gol adversário” (WINNICK, 2004, p. 6).

Mas nestas práticas aqueles que estão envolvidos também acreditam numa “maior participação de que levará a opções mais criativas e padrões de agrupamento em todos os níveis da prática esportiva” (WINNICK, 2004, p. 7). Deste pensamento muitas competições e festivais tem incluído esportes adaptados em seus eventos, contribuindo para a aceitação do público dando oportunidade nos níveis nacionais e Jogos internacionais (DOLL-TEPPER, 1999).

A Special Olympics, um programa mundial de treinamento e competições esportivas para crianças e adultos com deficiência mental, foi iniciada nos EUA, na década de 60, com Eunice Kennedy Shriver. Hoje as Olimpíadas especiais contam com a participação de 170 países, 1 milhão de atletas, 500 mil voluntários. No Brasil, o movimento nasceu em 1990 no Distrito Federal e é chamado de Olimpíadas Especiais Brasil. Atualmente está presente em 7 Estados: Distrito Federal, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo (SPECIAL OLYMPICS BRASIL, 2006):

A Special Olympics Brasil acredita que o treinamento contínuo é essencial ao desenvolvimento das habilidades esportivas, e que a competição realizada entre pessoas com o mesmo nível de desempenho é o mais indicado para testar seu potencial, avaliar os progressos, e fazer atividades que incentivem o crescimento pessoal (SPECIAL OLYMPICS BRASIL, 2006).

Convicções sobre os direitos e necessidades das pessoas com deficiência tem mudado com o passar dos séculos. Este olhar contínuo sobre as diferenças individuais e o alcance das atividades físicas adaptadas tem mudado e continuarão a mudar. No entanto, há um consenso que todas as pessoas (independentemente da idade, sexo, classe social, raça/ etnias) deveriam ter acesso às oportunidades das atividades físicas, pesquisas e que as programações deveriam ser inclusivas e menos restritas (SHERRILL e DEPAW, 1997).

Portanto cabe ao esporte, ao lado das técnicas terapêuticas e dos avanços tecnológicos, proporcionar reabilitação e reintegração das pessoas com deficiência para as práticas esportivas adequadas a cada um. Oferecendo-os neste sentido, a oportunidade de vir a ser um atleta (VITAL, 2004).

Porque aos atletas que tem como objetivo o alto rendimento (deficiência física, sensorial e neuromotor) são exigidos com suas performance do mesmo modo que os atletas não-deficientes, quanto à disciplina, sacrifício, habilidade, determinação e vontade de vencer. São atletas do Sistema Paraolímpico (CASTRO, 2005).

1.2 MOVIMENTO PARAOLÍMPICO

Como os movimentos não são lineares tão poucos seqüenciais, estão em várias direções conquistando espaços, exercendo pressões, conquistando seus objetivos, expandindo-se, sendo assim fortalecidos quando presentes em ações sociais, políticas e outras formas de representação (JACOBI, 2000). Conseqüentemente, os movimentos

corporais que fazem parte do desenvolvimento humano são tão presentes nas ações sociais e culturais que se tornam uma das representações do homem (PACHECO, 1995).

O termo representação é referido a toda atividade que um indivíduo passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência/poder (GOFFMAN, 1988; JOSEPH, 2000). Assim, a representação social é uma maneira de conhecimento com a finalidade de construir comportamentos e comunicação entre os indivíduos (AMARAL, 1995).

E o esporte vem a ser uma dessas representações porque utiliza a combinação dos movimentos corporais para a prática pretendida. Logo, o desporto adaptado, que está inserido nos esportes, não aparece ao acaso, de forma linear na história, mas como uma das revelações do processo de construção de identidade das pessoas com deficiência.

No ano de 1888, em Berlim, Alemanha, há notícia da existência de clubes esportivos para pessoas surdas. Em 1924, foram formalmente organizados os esportes para surdos quando tiveram sua própria competição internacional – os Jogos Silenciosos (SHERRILL e DEPAW, 1997).

Na década de 40 com o intuito de suavizar a imagem negativa das guerras na sociedade procurou-se demonstrar que os soldados feridos ainda eram capazes de fazer esportes. E por isso o desporto adaptado encontra sua história nos trabalhos de reabilitação feitos naqueles que se tornaram deficientes físicos decorrentes das lesões de guerra (TOLOCKA e DE MARCO, 1995).

Dr. Ludwig Guttmann consegue em 1944, a pedido do governo inglês um centro com pacientes vindos da 2ª Guerra Mundial com lesões na coluna vertebral, colocando assim em prática suas idéias de tratamento, utilizando o esporte e a reabilitação de naqueles que eram considerados "aleijados", com pouca expectativa de vida. (PARALYMPIC SPIRIT, 1996).

O sucesso de sua filosofia levou-o a organizar os primeiros Jogos Stoke Mandeville em julho de 1948 com 16 competidores em cadeiras de roda no arco e flecha. Deste modo, a origem dos Jogos Paraolímpicos podem ser traçados em duas fontes: Stoke Mandeville, Inglaterra e Dr. Ludwig Guttmann. Como resultado do seu

trabalho e zelo, pessoas que foram lesionadas e tornaram-se deficientes físicos tiveram acesso a uma vida esportiva (PARALYMPIC SPIRIT, 1996).

Em 1949, Dr. Guttmann anunciou publicamente que os Jogos alcançariam a fama internacional tanto para homens como mulheres com deficiências equivalentes aos Jogos Olímpicos. Seu propósito foi atingido nos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville em Roma, 1960 (PARALYMPIC SPIRIT, 1996). Em 1952 foi criada a Federação Internacional dos Jogos de Stoke Mandeville (ISMGF) destinado ao esporte em cadeira de rodas passando a ser denominada Federação Internacional de Stoke Mandeville para Esportes em Cadeira de Rodas (ISMWSF) (CAPARELLI, 2006).

Em 1964, a Organização Internacional de Esportes para Deficientes (ISOD) foi criada para atender atletas deficientes visuais, amputados, paralisados cerebrais e paraplégicos não participantes dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville, através da organização de eventos e competições para estes grupos. Fruto deste trabalho conseguem incluir atletas cegos e atletas amputados nos Jogos Paraolímpicos de Toronto, em 1976.

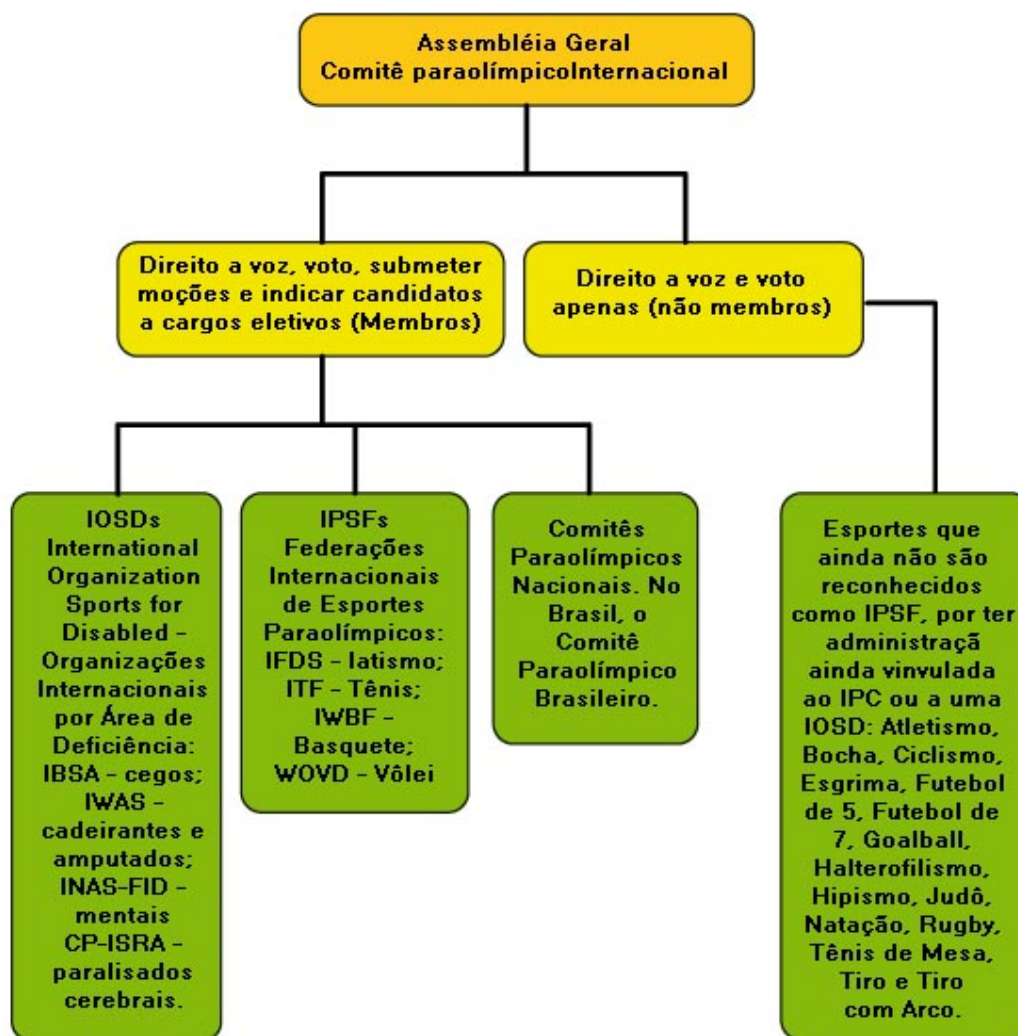
Foi também com o incentivo destes movimentos que outras entidades organizaram-se fortalecendo o esporte de alto-rendimento. Em 1978, a Associação Internacional de Esportes e Recreação para Paralisados Cerebrais (CP-ISRA) e, em 1980, a Associação Internacional de Esportes para Cegos (IBSA).

Com o aumento do interesse pelo desporto adaptado tanto pelos atletas como profissionais envolvidos, novas necessidades também surgiram. E cada vez mais as regras das competições precisavam ser mais sistematizadas. Quando foi fundado o Comitê Internacional Coordenador das Organizações Mundiais de Esportes para Deficientes (ICC), em 1982, com a colaboração das quatro entidades internacionais existentes para o desporto adaptado (ISMWSF, ISOD, CP-ISRA e IBSA), (CPB, 2006).

Após os Jogos Parolímpicos de Seul, Coréia, 1988, quando foram utilizadas as mesmas instalações dos Jogos Olímpicos, os países membros pressionaram o ICC por mais representatividade para as demandas nacionais e internacionais, levando a ser fundado o Comitê Paraolímpico Internacional (IPC) na Alemanha, em 1989. Responsável pelo movimento paraolímpico em todos os lugares, é “a única entidade internacional responsável pela organização e realização de eventos esportivos que envolvam mais de uma deficiência” (CAPARELLI, 2006).

O Comitê Paraolímpico Internacional (IPC), tem em sua estrutura organizacional a Assembléia Geral, com direito a voz e poder de decisão quatro Entidades Internacionais por Área de Deficiência (IOSDs), Federações Esportivas Internacionais (IFSFs), esportes administrados pelo IPC por serem multideficiência e esportes administrados pelas IOSDs por serem para uma única deficiência. Os Comitês Paraolímpicos Nacionais também são parte desta organização entre eles o Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB). Segue na próxima página o organograma do Comitê Paraolímpico Internacional (IPC), no presente momento.

ORGANOGRAMA DA ESTRUTURA INTERNACIONAL



FONTE: CPB (Comitê Paraolímpico Brasileiro). História da Paraolimpíada. www.cpb.org.br/paraolimpíada/paraolimpíada.asp. Acesso em: 22 jun, 2006.

O esporte para pessoas com deficiência já existia praticamente desde o século XIX, nos clubes para pessoas surdas, mas somente na década de 40 com a necessidade do pós-guerra, por ser utilizado no processo de reabilitação, que os eventos esportivos passam dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville para serem integrados aos Jogos Paraolímpicos

Os Jogos Paraolímpicos são organizados a cada quatro anos, sempre no mesmo ano dos Jogos Olímpicos. Mesmo que o termo PARAOLÍMPICO tenha sido aprovado somente em 1984, a primeira Paraolimpíada reconhecida foi em Roma, 1960, e a décima segunda em Atenas-2004 (CPB, 2006).

Foram 24 anos realizando o evento sem o reconhecimento comunidade esportiva internacional. Mesmo assim as pessoas envolvidas no processo insistiram e investiram, organizando as entidades representantes fortalecendo-se ao ponto que os órgãos competentes não puderam mais negar o que estava acontecendo por tantos anos.

O quadro abaixo apresenta não somente dados históricos desde a primeira edição dos Jogos Paraolímpicos como nos remete a uma análise do desenvolvimento do esporte adaptado como um todo.

| Ano | Cidade | País | Nº de atletas | Nº de países |
|------|---------------------------------|------------------------------|---------------|--------------|
| 1960 | Roma | Itália | 400 | 23 |
| 1964 | Tóquio | Japão | 390 | 22 |
| 1968 | Tel Aviv | Israel | 750 | 29 |
| 1972 | Heidelberg | Alemanha | 1.000 | 44 |
| 1976 | Toronto | Canadá | 1.600 | 42 |
| 1980 | Arnhem | Holanda | 2.500 | 42 |
| 1984 | Nova Iorque Stoke Mandeville | Estados Unidos Inglaterra | 4.080 | 42 |
| 1988 | Seul | Coréia do Sul | 3.053 | 61 |
| 1992 | Barcelona | Espanha | 3.020 | 82 |
| 1996 | Atlanta | Estados Unidos | 3.195 | 103 |
| 2000 | Sydney | Austrália | 3.843 | 123 |
| 2004 | Atenas | Grécia | 4.000 | 142 |

FONTE: ABRADecAR (Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas). História. <http://www.abradecar.org.br/abrad/histor.php> Acesso em: 10 dez, 2006.

Ao observar o quadro evolutivo do evento percebe-se desde o número de atletas e países envolvidos como cidade/país sede das Paraolimpíadas. Roma foi escolhida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), para sediar os Jogos de 1960 com 400 atletas, 23 países e 8 modalidades. Já em 2004, em Atenas, Grécia além de serem realizados na mesma vila olímpica das Olimpíadas o número de atletas passa a 4000 e 142 países.

Os números revelam a dificuldade do início dos Jogos, onde 400 atletas estiveram presentes passando a 4000, na sua última edição. Uma expressão muito significativa pelo resultado de várias ações, como o aumento do interesse de atletas e profissionais, o fortalecimento do esporte de alto-nível, a sistematização das regras e competições, a formalização das próprias entidades e o reconhecimento internacional.

Profissionais em todo o mundo estão mais envolvidos em criar melhores condições de vida para as pessoas com deficiência. Incluindo novos programas de treinamento para profissionais, desenvolvimento de pesquisas sobre cadeiras de rodas, próteses e equipamentos esportivos como também a redução de barreiras arquitetônicas (DOLL-TEPPER, 1999).

E mesmo que as Olimpíadas tenham um número muito superior de participantes, cerca de 10 mil e 201 países, na última edição, Vital Severino Neto, presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB) diz: "O sentido da competição é muito diferente. O número de medalhas oferecidas na Paraolimpíada é muito maior. A gente não deve fazer esse tipo de comparação, não dá para comparar os desiguais. O esporte paraolímpico só existe porque antes existia o olímpico" (LOPES, 2008).

As conquistas no esporte adaptado são parte de um processo contínuo e as estruturas que sustentam os Jogos Paraolímpicos são organizadas de forma mais eficaz. Nesse sentido, com a melhor qualidade de vida, acesso a espaços e equipamentos, aumento de praticantes do desporto adaptado, novos eventos surgiram e outras modalidades foram incorporadas. Da mesma forma as associações e as estruturas internacionais foram mais sistematizadas com apoio de governos, empresas públicas e privadas. Novas leis e mudanças de atitudes criaram oportunidades, antes inexistentes até mesmo nas competições, atletas deficientes com outros atletas. E os resultados obtidos passam a ter um significado nas próprias notícias da imprensa.

Em 1989, o Comitê Paraolímpico Internacional, com intenção de trabalhar com a integração, diminuiu o número de classes em cada competição e unificou o sistema de classificação funcional, que é feito por uma equipe de médicos e técnicos especializados denominados classificadores, que fazem a execução e avaliação da classificação

(DOLL-TEPPER,1999). As avaliações são feitas nos atletas com procedimentos e testes “baseados em sua habilidade funcional de executar as atividades requeridas pelo esporte”. Deste modo é averiguado o potencial residual do atleta e não sua limitação motora (CAPARELLI, 2006).

O objetivo na classificação dos atletas cadeirantes é proporcionar para cada atleta, até o com limitações mais severas, competir de maneira mais justa com outros que tenham similar deficiência (DOLL-TEPPER,1999). “As classes são descritas por uma letra, geralmente a letra inicial do esporte, e um número (por exemplo, S5 na natação). O número mais baixo representa geralmente um nível mais alto de deficiência” (CAPARELLI, 2006).

Por isso, os atletas são divididos em categorias de acordo com sua deficiência, como aponta (CAPARELLI, (2006):

- ✓ Atletas com deficiências físicas (como: paralisia cerebral, amputações, distrofia muscular, lesão medular, poliomielite, entre outros);
- ✓ Atletas cegos.

Para cada categoria há modificações específicas nas modalidades “que fazem parte dos jogos, seja de participação individual, seja coletiva, são desportos de larga tradição competitiva, e coincidem com as modalidades olímpicas com adaptações necessárias” (COSTA e SOUSA, 2004, p.31).

Nos Jogos Paraolímpicos de verão são disputadas 22 modalidades sendo elas: tiro com arco, atletismo, bocha, bowls, ciclismo, hipismo, futebol de cinco, futebol de sete, goalball, judô, halterofilismo, rowing, tiro, natação, tênis de mesa, vôlei, basquete em cadeira de rodas, esgrima em cadeira de rodas, rugby em cadeira de rodas, tênis em cadeira de rodas, dança em cadeira de rodas e iatismo. E nos Jogos Paraolímpicos de Inverno, são disputadas 4 modalidades, como: esqui, esqui nórdico, hockey, wheelchair curling (IPC, 2006).

Mesmo assim ainda há uma discussão na classificação dos esportes de verão e inverno para os atletas com deficiência física, dificuldades sensoriais, dificuldades visuais e com deficiência visual (DOLL-TEPPER, 1999, p. 185). É o que afirma Mello (2004, p. 393):

Tenho plena convicção de que existe um caminho longo a se percorrer, pois elaborar protocolos, validá-los e aplicá-los em uma população tão especial e com características tão heterogêneas exige uma dedicação e um estudo contínuo pra sempre buscar o teste mais específico e adequado, dentro das características da modalidade esportiva e da deficiência apresentada pelo atleta.

Também nos Jogos Paraolímpicos uma questão não resolvida é a integração dos atletas com deficiência mental. Mesmo com a participação nos Jogos de Atlanta, 1996, ainda há controvérsias com os representantes de diferentes organizações internacionais na participação dos atletas com deficiência mental (DOLL-TEPPER, 1999).

Neste sentido as organizações existentes são separadas para cada deficiência por causa dos equipamentos, esportes, regras, estratégias, classificações, treinamentos, conceitos médicos, que possuem conhecimentos específicos nas suas áreas. Especialistas da atividade física adaptada são colaboradores em cada organização através de pesquisas, treinamentos e técnicas desportivas (SHERRILL e DEPAW, 1997).

Já Fernando Landry (1993), pesquisador do esporte e olimpismo, citado por Doll-Tepper (1999), coloca que as Paraolimpíadas ao fazer parte dos movimentos Olímpicos contribuiriam para a promoção do *momentum* de mudanças sociais e traria a tona os valores do Olimpismo (DOLL-TEPPER, 1999). Porque depois das Olimpíadas, os “Jogos Paraolímpicos são o segundo acontecimento esportivo mundial em termos de duração e número de participantes” (COSTA e SOUSA, 2004, p.32).

O Comitê Paraolímpico Internacional (IPC) e outras organizações internacionais que lidam com esportes e movimentos científicos têm estabelecido cooperações com a Federação Internacional de Atividade Física Adaptada (IFAF) e Conselho Internacional Ciência do Esporte e Educação Física (CICEEF), (DOLL-TEPPER, 1999).

Recentemente o IPC criou Comitê Ciência do Esporte para servir melhor as necessidades dos atletas com deficiência. A missão do Comitê Paraolímpico Internacional Ciência do Esporte (IPCSC) é aumentar o conhecimento sobre os Esportes Paraolímpicos através de colaboradores e cooperações com atletas, treinadores, administradores do esporte, equipes da medicina esportiva e pesquisadores, como também fazer a integração da teoria com a prática promovendo a educação da ciência do esporte (DOLL-TEPPER, 1999).

A relação entre o movimento *disability sports* e o movimento *able-bodied sports*, tem feito bons progressos durante os últimos cinquenta anos. E neste contexto há três correntes diferentes de pensamento nas discussões atuais sobre as regras, os impactos dos Jogos Paraolímpicos e ganhos físicos dos atletas com diferentes *disabilities*:

- ✓ Completa inclusão das Paraolimpíadas nos Jogos Olímpicos;
- ✓ Independência do Movimento Paraolímpico dos Jogos Olímpicos e;
- ✓ Co-funcionamento

Hans Lindstrom (1992), membro Executivo do IPC, citado por Doll-Tepper (1999), também defende a integração do esporte de atletas com deficiência no movimento internacional de esportes para atletas de corpos sadios, ao mesmo tempo preservando a identidade dos esportes adaptados.

Hoje, o Comitê Paraolímpico Internacional (IPC), é a única entidade internacional responsável pela organização e realização de eventos esportivos que envolvam mais de uma deficiência (ABRADECAR, 2006). São nove as entidades filiadas ao Comitê Paraolímpico Internacional (IPC), segundo o Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), conforme o quadro abaixo:

ENTIDADES FILIADAS AO IPC

(COMITÊ PARAOLÍMPICO INTERNACIONAL)

| |
|--|
| <p>IPC: Comitê Paraolímpico Internacional IBSA: Federação Internacional de Esportes para Cegos INAS-FID: Federação Internacional de Esportes para Deficientes Mentais IWAS: Federação Internacional de Esportes para Cadeirantes e Amputados WOVD: Organização Mundial de Voleibol para Deficientes CP-ISRA: Associação Internacional de Esportes e Recreação para Paralisados Cerebrais IWBF: Federação Internacional de Basquetebol em Cadeiras de Rodas ITF: Federação Internacional de Tênis IFDS: Fundação Internacional de Vela Adaptada</p> |
|--|

FONTE: CPB (Comitê Paraolímpico Brasileiro). História da Paraolimpíada. www.cpb.org.br/paraolimpíada/paraolimpíada.asp. Acesso em: 22 jun, 2006.

O Comitê Paraolímpico Internacional (IPC) está desenvolvendo cooperações com o Comitê Olímpico Internacional (COI) e federações esportivas internacionais para obter reconhecimento internacional e Olímpico para os atletas com deficiência nos esportes até mesmo nos esportes de maior nível (DOLL-TEPPER, 1999, p. 187).

Nos Jogos Paraolímpicos de Sydney, 2000, o Comitê Paraolímpico Internacional (IPC) e o Comitê Olímpico Internacional (COI), assinaram um acordo de cooperação garantindo a colaboração entre as duas entidades. Em 2001, outro acordo foi assinado assegurando que os Jogos Paraolímpicos seriam sempre realizados na mesma cidade e com a mesma organização dos Jogos Olímpicos (ABRADECAR, 2006).

No entanto, somente uma pequena porcentagem mundial das pessoas com deficiência são fisicamente ativos. Isto porque em muitas partes do mundo as oportunidades são limitadas e pouquíssimos atletas com deficiência têm acesso a esportes de alto nível. E as mudanças somente acontecerão quando as barreiras sociais e arquitetônicas forem eliminadas. Podendo começar na oportunidade ao acesso as escolas, comunidades, organizações e clubes. E também encorajar atitudes positivas as pessoas com deficiência em todos os aspectos da sociedade, especificamente no esporte e educação física (DOLL-TEPPER, 1999, p. 187).

1.3 MOVIMENTO PARAOLÍMPICO NO BRASIL

O início da prática do desporto no Brasil aconteceu pela influência e organização dos próprios deficientes. Quando surgiram os primeiros clubes esportivos, sem nenhuma relação com o Estado (FREITAS, 2001). Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Serafim Del Grande, ambos deficientes físicos por acidentes, foram aos Estados Unidos na década de 50 para tratamento de reabilitação. Como os programas incluíam esportes participaram do basquete em cadeira de rodas. E ao retornarem ao Brasil iniciaram um movimento da prática do desporto. Quando Del Grande funda um clube de paraplégicos em 1958, na cidade de São Paulo (COSTA e SOUSA, 2004).

Robson Sampaio no mesmo ano fundou o Clube do Otimismo, no Rio de Janeiro. “Formaram-se assim as duas equipes esportivas pioneiras de basquetebol sobre rodas do Brasil”. No Brasil, após um jogo de basquete em cadeira de rodas realizado no Rio de Janeiro entre as duas equipes pioneiras outros amistosos aconteceram e deram início a outras equipes (CASTRO, 2005, p.449).

A primeira participação do Brasil nos Jogos Paraolimpicos foi em 1972 na Alemanha. E as primeiras medalhas Paraolímpicas chegaram em 1976 com os atletas Robson Sampaio de Almeida e Luis Carlos que conquistaram duas medalhas de prata na

bocha em Toronto, Canadá. Na Holanda em 1980, a delegação brasileira foi representada apenas pelo time do basquete masculino em cadeira de rodas e um nadador sem conquistar medalhas.

Em 1984, os jogos foram divididos em duas sedes: Aylesbrery (Inglaterra) e Nova York (EUA). Na Inglaterra participaram somente atletas em cadeira de rodas e nos EUA participaram atletas paralisados cerebrais, amputados e cegos. O Brasil conquistou 28 medalhas no total destas participações. Com uma estrutura mais organizada o resultado em Seul, Coréia, 1988, foi a 25.º colocação do Brasil num total de 65 Países. Já em Barcelona, 1992, o Brasil foi 30.º colocado com a participação de 92 Países (CPB, 2006).

No Brasil existem algumas entidades que representam os atletas tais como a Associação Nacional de Desporto de Deficientes-ANDE (1975), Associação Brasileira de Desporto para Amputados-ABDA(1990), Associação Brasileira de Desporto para Cegos-ABDC(1984), Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas-ABRADECAR (1984), Associação Brasileira de Desporto de Deficientes Mentais-ABDEM(1989), Associação Brasileira de Desporto para Amputados-ABDA(1990). A 09 de fevereiro de 1995 fundou-se o Comitê Paraolímpico Brasileiro-CPB com sede na cidade de Niterói, RJ (CPB, 2007). Segue abaixo o quadro das entidades que são filiadas ao CPB:

ENTIDADES FILIADAS AO CPB ([COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO](#))

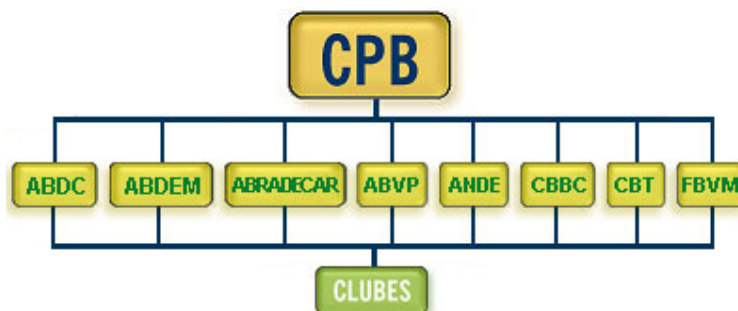
| |
|---|
| <p><u>CBDC: Confederação Brasileira de Desporto para Cegos</u> <u>ABDEM: Associação Brasileira de Desporto para Deficientes Mentais</u> <u>ABRADECAR: Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas</u> <u>ABVP: Associação Brasileira de Voleibol Paraolímpico</u> <u>ANDE: Associação Nacional de Desporto para Deficientes</u> <u>CBBC: Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas</u> <u>CBT: Confederação Brasileira de Tênis</u> <u>FBVM: Federação Brasileira de Vela e Motor</u></p> |
|---|

FONTE: CPB (Comitê Paraolímpico Brasileiro). História da Paraolimpíada. www.cpb.org.br/paraolimpiada/paraolimpiada.asp. Acesso em: 22 jun, 2006.

O desporto paraolímpico é estruturado através das associações, confederações e federações que compõem o [Comitê Paraolímpico Brasileiro](#). E com uma particularidade, as modalidades são organizadas pelo tipo de deficiência. Atletas do atletismo com deficiência física não treinam com atletas com deficiência visual. Os atletas pertencem a

associações específicas das suas deficiências. E, portanto, treinam e competem conforme a estrutura delas, como pode-se observar no organograma da estrutura nacional:

ORGANOGRAMA DA ESTRUTURA NACIONAL



FONTE: CPB (Comitê Paraolímpico Brasileiro). História da Paraolimpíada.
www.cpb.org.br/paraolimpiada/paraolimpiada.asp. Acesso em: 22 jun, 2006.

Após as filiações e uma estrutura organizada o Comitê Paraolímpico Brasileiro contribuiu mais e melhor com o esporte de alto-rendimento para pessoas com deficiência. “As iniciativas foram desde a divulgação e organização de competições até o envio de atletas nacionais para eventos no exterior, com o intuito de lhes proporcionar uma maior experiência esportiva” (CPB, 2006).

No ano de 1996 o Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), percebeu que não poderia continuar sozinho e envolveu os profissionais das universidades no engajamento do programa de avaliação e treinamento dos atletas paraolímpicos (COSTA e SANTOS, 2004). Aumentando suas parcerias com entidades competentes o CPB visava a possibilidade de melhorar sua estrutura.

Neste mesmo ano o desporto para pessoas com deficiência ganhou dimensão e importância para a mídia e empresas privadas. E foi através deste apoio que 58 atletas foram preparados para representar o Brasil em Atlanta. Trazendo ao país 21 medalhas e a 37.º colocação (CPB, 2006).

Nas Paraolimpíadas de Sidney, 2000, o Brasil deixou claro através de sua participação, quando avançou sua colocação para 24.º no quadro geral com 22 medalhas

que o país “pode ser mais do que um mero participante, foi demonstrado o seu potencial e a sua grande capacidade em se tornar uma potência no desporto adaptado” (COSTA e SANTOS, p. 371, 2004).

E dando continuidade para os trabalhos realizados o [Comitê Paraolímpico Brasileiro](#), a partir de 2002, ampliou as avaliações em diferentes modalidades esportivas com o objetivo de melhores resultados para os Jogos de Atenas, em 2004, na Grécia (CPB, 2006).

O quadro de medalhas abaixo retrata participação do Brasil nas Parolimpíadas desde em Heildelberg, Alemanha em 1972, até a mais recente em Atenas, Grécia em 2004:

| Ano | Local | País | Ouro | Prata | Bronze | Total |
|-------------|------------------|-------------|-------------|--------------|---------------|--------------|
| 1972 | Heildelberg | Alemanha | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1976 | Toronto | Canadá | 0 | 2 | 0 | 2 |
| 1980 | Arnhem | Holanda | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1984 | Nova Iorque | EUA | 1 | 3 | 2 | 6 |
| 1984 | Stoke Mandeville | Inglaterra | 6 | 14 | 2 | 22 |
| 1988 | Seul | Coréia | 4 | 9 | 14 | 27 |
| 1992 | Barcelona | Espanha | 3 | 0 | 4 | 7 |
| 1996 | Atlanta | EUA | 2 | 6 | 13 | 21 |
| 2000 | Sydney | Austrália | 6 | 10 | 6 | 22 |
| 2004 | Atenas | Grécia | 14 | 12 | 7 | 33 |

FONTE: Adaptado de: ABRADecAR (Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas). História. <http://www.abradecar.org.br/abrad/histor.php> Acesso em: 10 dez, 2006.

O Brasil em 2004, nas Paraolimpíadas de Atenas, Grécia, passou a ser o 14.º no ranking mundial com a conquista de 33 medalhas sendo a melhor participação brasileira desde a Paraolimpíada de 1984, em Nova York (EUA) e Stoke Mandeville, Inglaterra quando foram conquistadas 28 medalhas.

Com o avanço do desporto paraolímpico em âmbito internacional o movimento brasileiro acompanhou esse ritmo e almejou trazer melhores resultados para o país. Para isso organizou-se com melhores condições de treinamento esportivo, encontrando parceiros adequados, em relação ao conhecimento científico e tecnológico para os atletas (CPB, 2006).

Neste sentido podemos relatar o mesmo a respeito dos atletas Paraolímpicos que mais medalhas ganharam de Nova York até Atenas.

Anelise Hermany, foi a primeira atleta brasileira a ganhar três medalhas nas Paraolimpíadas de Nova York em 1984: salto em distância (seu recorde 4,49m), 100 m e 800m.

Ádria Rocha Santos se torna a maior medalhista do Brasil, com quatro ouros e seis pratas dos [Jogos Paraolímpicos de Barcelona-1992](#) a Atenas-2004 nas provas de atletismo.

Luiz Cláudio Pereira, que nos Jogos de 1984, 1988 e 1992, acumulou seis ouros e três pratas, nas provas de pentatlon e de arremessos de dardo, peso e disco.

Clodoaldo Francisco da Silva, de 25 anos, ganhou nos Jogos Paraolímpicos de Atenas seis medalhas de ouro, uma de prata e quatro recordes mundiais na natação.

1.4 O ENVOLVIMENTO DA MULHER NO ESPORTE

A crescente diferença entre os sexos, do período pré-histórico até os nossos dias, foi atribuída às pressões evolutivas e seletivas, as quais se acreditavam maiores em raças brancas do que nas negras e maiores nos homens do que as mulheres (STEPAN, s/d). “Se os mitos desapareceram em larga medida devido ao saber sobre a natureza, já o conhecimento dos acontecimentos sociais ainda está muito impregnado de mitos” (ELIAS, 1985, p. 44).

Na primeira edição dos Jogos Olímpicos da era moderna, 1896, somente os homens estiveram presentes. A participação feminina aconteceu nos Jogos Olímpicos de Paris, 1900, quando “dezenove atletas romperam esse mito cultural e competiram em dois esportes: tênis e golfe” (MOURÃO, 2003, p. 127).

Ao final do século XIX além da natureza sexual e dos valores culturais incide a questão de classe no sexismo e nos esportes. O que chamamos de sexo e gênero estavam explicitamente vinculados no “modelo de sexo único”. No mundo do sexo único é precisamente onde resultava falar mais direto da biologia dos sexos, porque estava incorporada na política do gênero, na cultura. Ser homem ou mulher significava ter um lugar social, um lugar na sociedade (LAQUEUR, 1994).

As mulheres de classe alta e média passam a disputar campeonatos de tênis, em Wimbledon, logo após os homens. E têm através do esporte “um papel público

reconhecido de seres humanos individuais, à parte de sua função como esposas, filhas, mães, companheiras ou outros apêndices dos homens dentro e fora da família” (HOBSBAWM, 2002, p.308).

Um dos recursos utilizados nos séculos XIX e XX para explicações de fatos e situações foram metáforas e analogias. Mesmo com o estudo científico se perpetuaram saberes populares intensificando seus significados. Um dos mais importantes sistemas de implicações sobre grupos humanos baseado no argumento analógico desenvolvido pelos cientistas do século XIX trata dos formatos das cabeças e tamanhos dos cérebros. Presumiu-se que negros, mulheres, classes baixas, e criminosos tinham em comum cérebros mais leves e crânios com capacidades menores. As semelhanças entre si e as diferenças com o homem branco eram explicadas em suas posições inferiores e diferenças na hierarquia social (STEPAN, s/d).

A propagação dos pensamentos desta natureza é justificada pelas pesquisas científicas que perpetuam direções determinadas pela dominação masculina. Dessa forma, seus resultados são limitados quando se encarrega de um único olhar (LOWY, 2000).

No século XX representantes de estruturas colocaram as diferenças entre as mulheres e os homens como óbvias, já que poderia ser reparada na forma física mais delicada da mulher (WHITAKER, 1993). “Os preconceitos associados ao gênero continuam presentes e os estereótipos do sexo frágil cercam as praticantes de esportes que exigem velocidade, força e impacto” (MOURÃO, 2003, p. 131).

O mais intrigante é que a sociedade tenha a necessidade de reinterpretá-la de maneira simbólica e artificial, transformando assim em desigualdades sociais que vem por atingir diferentes mulheres em todo o mundo, o que deveria ser apenas uma mudança no ponto de vista no papel social da mulher (WHITAKER, 1993, p. 11). Porque mesmo tendo a mulher como não participante desse processo de igualdade uma vez que para interar-se com os homens lhe é cobrado um ‘um excesso de capacidades’ para justificar sua presença (LOWY, 2000).

As raízes das metáforas sustentadas por determinada comunidade científica ou escola de pensamento passam a se tornar insatisfatórias, devido às razões políticas, sociais ou econômicas. As formações mudam e novos aspectos da realidade ou experiência humana se tornam importantes, levando às novas metáforas (STEPAN, s/d).

A solução de continuidade entre o social, o cultural e o político na construção da natureza feminina ou masculina tornou-se uma das preocupações principais dos historiadores/as das ciências interessados/as nas questões de gênero. Seus trabalhos abriram um novo domínio de investigação centrado na construção e na naturalização das diferenças de sexo e de gênero (LOWY, 2000).

Na década de 60 com a chegada da pílula anticoncepcional pode-se dizer que a mulher “começa a adquirir o controle sobre sua sexualidade, quando a política do corpo fica a seu arbítrio, que ela decidirá sobre seu desejo ou não de procriação” (SILVA, 1995, p.118).

E assim pode-se assistir ao surgimento da sociologia feminina, na qual se dá a abertura a estudos, pesquisas voltadas à mulher, investigações, em toda área de saber, tudo graças ao estímulo provocado pela década da mulher. Algo interessante nesta história da conquista feminina é a maneira que foi recebida pela sociedade, no Brasil em 1975, os resultados das pesquisas, os registros das investigações foram mantidos restritos ao público, aos estudantes, pouquíssimas reportagens foram publicadas, procurando assim manter a mulher como prisioneira de uma ideologia social desigual (WHITAKER, 1993).

De maneira mais abrangente, as correntes de pensamento inspiradas por grupos dominados e marginalizados - movimento de mulheres, movimento anti-colonial, movimento negro – contestaram a existência de um ponto de vista único sobre a história e sobre a sociedade, e a validade dos relatos transmitidos por uma voz única (LOWY, 2000).

Colocar a público as pesquisas realizadas, os resultados, os registros e as descobertas das mulheres significam demonstrar a igualdade dos sexos. Ao avançar as descobertas, tornou-se possível o acesso aos resultados e registros femininos, mas não foi o suficiente para conseguir a superar as dificuldades que o público tem de ir além das aparências, levando em conta a partida que a formação ideológica visava à reclusão feminina na sociedade. (WHITAKER, 1993).

Isto ocorre porque entre os grupos existentes há uma ameaça, um receio que os separe e ameça não somente uma perda das suas instituições sociais como também o sentido e o valor da vida (ELIAS, 1985).

As mudanças sociais e políticas não são por si só as explicações para a re-interpretação dos corpos. Desde o crescimento da religião evangélica neo-pentecostal, novos espaços públicos, revolução feminista e outras influenciaram por si mesmos ou

em combinação uma nova visão de mulher. E a re-construção do corpo é intrínseca a cada uma das mudanças (LAQUEUR, 1994).

O crescimento do feminismo na Europa Ocidental e Estados Unidos foi grande, bem como no Brasil onde também as mulheres começaram a ocupar funções tradicionalmente masculinas, como dirigir ônibus, trabalhar como jardineiras e líderes sindicais.

Na mesma época surgiu na antiga União Soviética um projeto de lei que, se aprovado diminuiria a carga horária das mulheres a fim de que ela pudesse realizar melhor o trabalho doméstico. Então surgiu a questão levantada pelas mulheres da sociedade: por que não reduzir a jornada de trabalho de ambos, homens e mulheres? Assim realizariam juntos os trabalhos domésticos, logicamente essa seria a melhor solução, mas a sociedade local colocava com responsabilidade apenas da mulher o cuidado da casa e dos filhos (WHITAKER, 1993).

Nesse sentido, a família ensina e transmite a criança comportamentos e valores em relação ao papel feminino ou masculino durante o desenvolvimento da sua personalidade. Atitudes, adequadas ou não, são reforçadas neste processo que reproduz modelos estabelecidos pelo meio social. Os padrões apropriados são reproduzidos pelos pais no que se refere a um ou outro sexo. Para as mulheres lhes é permitido mais a demonstração do afeto do que em homens. E, ao menino, é dado o estímulo de revidar um ataque físico, ao contrário das meninas (ROMERO, 1999).

O ciclo familiar é também um fator que impõe limites no que se refere a participação das mulheres no mercado de trabalho, fatores como a idade, a posição na família, e a presença ou não de filhos influenciam muito. A mulher na sociedade moderna oscila entre a casa e a profissão. Muitas mulheres ainda são exclusivas do lar, porém, há muitas que vem despertando para a realidade da vida profissional. Uma grande porcentagem vive o conflito de conciliar o cuidado dos filhos, as tarefas domésticas e o mundo do trabalho fora de casa (WHITAKER 1993; SILVA, 1995).

As buscas por um caminho a ser percorrido podem ser alcançadas, mas as conquistas tornar-se-ão efêmeras pela falta de oportunidades de disputa igualitárias aos homens. Portanto, mesmo que as mulheres estejam evoluindo, encontram-se presas a um passado feito pelos homens. Porque apesar dos avanços da sociedade, a opressão estava longe de ser abolida como no pensamento coletivo abordado por alguns escritores (BEAVOIR, 2000)

Para Priore (2004, p.293), em Curitiba, no momento imediatamente posterior à proclamação da República, travou-se uma intensa batalha entre os jornais no sentido de idealizar as mulheres; no entanto ambos concordavam em um ponto: que os papéis definidores da feminilidade eram os de esposa, mãe e dona de casa.

Beavoir (2000) questiona a mulher do século XX, como ela é e onde se encontra buscando a construção de uma nova identidade feminina. Aborda as relações do gênero apontando que sendo a mulher o *outro* para os homens, pode-se compreender porque destinavam as condutas de alienação como femininas. E a repetição dos comportamentos pré-estabelecidos é o que se esperava das mulheres. Caso assumisse o papel de esposa e mãe aos que estavam ao seu redor, de nada se queixavam. Uma mera demonstração de ajustamento da sociedade formada pelos homens que as cercavam. Isto se deve pela distinção entre o ser feminino e a mulher que foi adequada aos interesses masculinos.

Neste sentido pode-se dizer que o esporte moderno surgiu como uma preservação do masculino, uma resistência. E uma tentativa do feminino participar ou desenvolver-se por si só poderia principalmente por conectar-se a imagem ideal do masculino (DUNNING, 1999).

Isto se deve porque a maioria das sociedades encontra-se “organizadas por causa dos homens e não das mulheres. Em geral, confere-se ao homem a autoridade perante assuntos legais e morais, atribuindo-se de modo peculiar ao papel masculino maior valor e prestígio” (ROMERO, 1995, p.244).

Mesmo assim o relato que as mulheres brasileiras entram no mercado de trabalho com mais e mais trabalhadoras e já se chega a 12 milhões nos últimos 15 anos. “Na década de 60, a proporção das mulheres que trabalhavam fora de casa era de 23%, hoje, ultrapassou a casa dos 42% - o que significa 30 milhões” (PASTORE, 2001, p.105).

No entanto, a negação dos padrões de comportamento determinado leva aos observadores, a indignação, negação e o estigma desta mulher. Mesmo que o estigma esteja presente nas relações, como um reflexo da construção social que foi e é internalizado, identificamos esse indivíduo (mulher) mais do que diferente, como anormal. Goffman (1988), nos coloca que ao olharmos alguém com estigma não o enxergamos completamente humano.

Considerando a competição internacional um momento significativo para uma atleta, relata-se o episódio de Nova Iorque em 1984 quando a atleta paraolímpica A7

passou por um constrangimento pela falta de uma passagem aérea. Com apenas oito passagens para seis atletas deficientes visuais e três dirigentes, alguém teria que ser cortado “[...] eu era a única mulher... eles queriam me cortar, né, então..., não deixa de ser um preconceito aí [...]”. O preconceito significa julgamento prévio, antes de conhecer. É uma atitude favorável ou desfavorável, positiva ou negativa, anterior a qualquer conhecimento (AMARAL, 1995).

A justificativa dada foi pelo fato de (A 7) não ter “[...] nenhum resultado lá fora, nenhuma experiência lá fora [...]”. Já a ignorância, como um dos componentes dessas relações, acaba sendo à base dos preconceitos, em diferentes situações. “Ora são noções falsas referentes às características físicas, tradições culturais ou crenças de um povo”. (CIDADE e FREITAS, 2002, p. 19).

A situação não se agravou tanto porque no último dia conseguiram mais uma passagem aérea e (A7) foi incluída novamente no grupo. E mesmo com o pré-julgamento que teve foi “[...] a única pessoa, única mulher lá, eu tive destaque, fui a primeira, a primeira a trazer medalha para o Brasil [...]”. Trazendo três medalhas das Paraolimpíadas de Nova Iorque em 1984.

Isso ocorre pela conseqüência de pensamentos intrínsecos que já estão formulados e sem questionamento. Sendo assim comportamentos discriminatórios são assumidos limitando as oportunidades na vida da mulher. “É a estigmatização moral de um machismo que traduz os aspectos mais evidentes da dominação patriarcal” (SILVA, 1995, p.115).

Mesmo que muitos homens de hoje não tenham nada a ver com as atitudes machistas dos seus antepassados o que acontece é que “transportam consigo, no seu habitus pessoal, particularidades do habitus do seu grupo, e que o destino de cada homem singular é determinado também pelo destino e pela reputação dos grupos” que pertence tanto para ela como para ele (ELIAS, 1985, P. 52).

O Comitê Paraolímpico Internacional (IPC), estima que há aproximadamente 40 milhões de mulheres e meninas com deficiência no continente africano. Estas mulheres passam por dupla discriminação, que é baseada na deficiência e seu gênero. Podendo ser percebido nas barreiras que as afastam da independência e oportunidades, restando então uma vida de pobreza e dependência (WIPS, 2006).

Esta denuncia da posição de subordinação e inferioridade reflete o quanto as mulheres devem avançar para superar o “eterno feminino. Sim, as mulheres, em seu conjunto, são hoje inferiores aos homens, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores: o problema consiste em saber se esse estado de coisas deve perpetuar-se” (BEAVOIR, 2000 p.22).

Neste sentido, percebemos também no processo de mudanças do comportamento, o controle das emoções e da violência que resultou na punição do homem que se descontrola usando a violência em relação à mulher (DUNNING, 1999). “É aí que entra a história das pessoas, que assim com a das instituições deve ser entendida como um *continuum* que não permite perder de vista o passo seguinte, que é o que nos levará ao sentido global” (SILVA, 1995, p.122).

Portanto, a partir do momento que são geradas igualdade de escolhas a qualidade de vida melhora. Como no caso, a invenção do absorvente interno feminino reduzindo os inconvenientes associados à menstruação, facilitando a vida das mulheres, juntamente com as técnicas modernas do controle do nascimento. E aos homens a possibilidade de alimentar o bebê através com o uso da mamadeira (DUNNING, 1999).

Mesmo assim “para liberar mulher, corpo e sociedade faz-se mister um processo dialético que abranja a totalidade do ser humano” (SILVA, 1995, p.122). Um desses passos pode ser percebido no programa Mulheres no Esporte Paraolímpico (WIPS) que contribui com as mulheres e meninas com deficiência na participação delas na sociedade através do esporte. O projeto faz capacitações individuais e de organização para desenvolverem uma rede de líderes, *network*. Com o intuito das participantes assumirem o compromisso de aplicarem seu conhecimento no treinamento de quantas mulheres e meninas for possível em suas regiões (WIPS, 2006).

Já no Brasil, as mulheres no desporto adaptado ainda representam uma minoria porque nos esportes coletivos quanto nos individuais a representação maior é dos homens. É, portanto, poucas conseguem resultados diferenciados, precisando ser excepcionais na sua modalidade para obterem o reconhecimento. Porque não há uma política de desenvolvimento no desporto adaptado brasileiro (MOURÃO, 2003).

1.5 DA DECLARAÇÃO DE BRIGHTON A KUMAMOTO

O esporte como atividade cultural praticado com equilíbrio, enriquece a sociedade e as relações entre nações. Oferece ao indivíduo a oportunidade de conhecer-se, expressar-se e realizar-se mediante aquisição da habilidade, interação social, apreciação, saúde e bem estar. Promove também a participação, a integração e a responsabilidade na sociedade e contribui ao desenvolvimento da comunidade.

Entretanto, quando as mulheres e as meninas - que são mais do que a metade da população mundial - praticam esporte, a porcentagem de sua participação varia entre países sendo sempre menor do que aquela dos homens e dos meninos.

Um dos fatos podem ser refletidos na participação crescente das mulheres no esporte em anos recentes e o aumento de oportunidades, contudo a representação na tomada de decisões bem como os papéis da liderança dentro do esporte não foram significativos.

Isto porque mesmo as representações estão nos níveis mais elevados como treinamentos e cargos de gerência. E sem líderes das mulheres quanto responsáveis pelas decisões e modelos do papel dentro do esporte, as oportunidades iguais para mulheres e as meninas não serão conseguidos (IWG, 2007).

Neste sentido em 1994, o Conselho Britânico do Esporte (British Sports Council), organizou a I Conferência Mundial sobre a Mulher e o Esporte, na cidade de Brighton, UK, com 280 representantes de organizações governamentais e não-governamentais de 82 países (IWG, 2007).

Um acordo foi estabelecido entre os participantes na elaboração da Declaração de Brighton, que é “um marco histórico que vem, no decorrer destes anos, transformando-se no eixo das estratégias, articulações e ações em favor de uma cultura esportiva que capacite e valorize a participação da mulher em todos os aspectos do esporte” (CIDADE, 2004, p. 50).

Esta declaração é dirigida a todos os governos, autoridades públicas, organizações, negócios, pesquisas educacionais, estabelecimentos e organizações das mulheres aonde influenciam diretamente ou indiretamente a conduta, o desenvolvimento ou a promoção do esporte. Ou que está envolvida no emprego, na instrução, na gerência, no treinamento, no desenvolvimento ou no cuidado das mulheres no esporte. O significado complementar é o de sustentar o desporto, local, nacional e

internacional no uso das leis, códigos, regras e regulamentos relacionando-se às mulheres ou ao esporte (IWG, 2007).

Outro resultado desta Conferência foi a Estratégia Internacional para o Esporte Feminino coordenar entre 1994 e 1998, “no âmbito internacional, os trabalhos realizados em favor da participação da mulher no esporte. Nela, recomenda-se aos governos e organismos de todo o mundo que implementem a Estratégia e Declaração de Brighton” (CIDADE, 2004, p. 50).

Na lista de organizações que adotaram a Declaração de Brighton consiste recentemente mais de 250 organizações internacionais adotaram a Declaração de Brighton no Grupo Internacional de Trabalho da Mulher e Esporte (IWG, 2007).

Como terceiro resultado de Brighton foi a formação de um Grupo de Trabalho Internacional sobre a Mulher e o Esporte (GTI). Todos os continentes estão representados para dar continuidade nos acordos feitos quanto a supervisão e implementação. (CIDADE, 2004).

É nos interesses da igualdade, desenvolvimento e paz que um compromisso feito por organizações governamentais, não-governamentais e todas aquelas instituições envolvidas no esporte se aplicam nos Princípios desta Declaração na política, estrutura e mecanismos apropriados para: (IWG, 2007)

- ✓ Assegurar que todas as mulheres e meninas tenham a oportunidade de participar no esporte em um ambiente seguro e de suporte que ao direito, a dignidade e o respeito do indivíduo;
- ✓ Aumentar a participação das mulheres no esporte em todos os níveis e em todas as funções e papéis;
- ✓ Assegurar que o conhecimento, as experiências e os valores que as mulheres contribuem ao desenvolvimento do esporte;
- ✓ Promover o reconhecimento da participação das mulheres no esporte como uma contribuição à vida pública, desenvolvimento da comunidade em construir uma nação saudável;
- ✓ Promover o reconhecimento por mulheres no valor intrínseco do esporte e da sua contribuição ao desenvolvimento pessoal e ao estilo de vida saudável.

A II Conferência Mundial sobre a Mulher e o Esporte foi em Windhoek, Namíbia, 1998, aonde os 400 delegados da conferência de 74 países além de

reafirmarem os princípios da Declaração de Brighton, produziram a Carta de Windlhoek para estabelecer a ação nas seguintes áreas: (IWG,2007).

1. Desenvolver planos de ação com objetivos para executar os princípios da declaração de Brighton, monitorá-las e relatá-las em cima de sua execução.
2. Alcançar além dos limites atuais do setor do esporte ao movimento da igualdade das mulheres e desenvolver parcerias mais próximas entre o esporte e as organizações das mulheres;
3. Promover e compartilhar informação sobre a contribuição positiva do esporte na participação de meninas e mulheres;
4. Criar mecanismos para mulheres serem líderes e responsáveis pelas decisões e assegurar-lhes papéis significativos e visíveis no esporte em todos os níveis;
5. Proporcionar programas de instrução física de qualidade como meios de introdução positiva às meninas para adquirirem habilidades e outros benefícios com o esporte;
6. Incentivar os meios de comunicação a cobrir a positivamente e significativamente a participação das mulheres no esporte;
7. Assegurar um ambiente seguro e de suporte para as meninas e as mulheres;
8. Assegurar-se de que as políticas e os programas forneçam oportunidades para todas as meninas e mulheres independentemente das diferenças raça, habilidade, a idade, a religião, a orientação sexual, etnia, língua, cultura ou o seu status;
9. Reconhecer a importância dos governos para a criação e desenvolvimento de uma legislação apropriada bem como as políticas públicas;
10. Assegurar-se de que os programas oficiais do auxílio de desenvolvimento forneçam oportunidades iguais para meninas e mulheres e no esporte;
11. Incentivar mais mulheres a transformarem-se em pesquisadoras no esporte, e mais pesquisas críticas que relacionam às mulheres no esporte.

A III Conferência Mundial sobre a Mulher e o Esporte foi em Montreal, Canadá, 2002, aonde os 550 delegados comparecerem com 97 países Identificaram barreiras que as mulheres enfrentam, mas também celebraram mudanças positivas no esporte e atividades físicas para as mulheres nos quatro anos que se passaram. Exemplo desta determinação foi o aumento de líderes do sexo feminino ao redor o mundo demonstrando o poder e dificuldades promovendo mudanças e o aumento de oportunidades (IWG, 2007).

Cada representante foi desafiado a desenvolver um plano de ação pessoal para mudanças. E também para demonstrar como atingiriam este plano em suas comunidades e países implementando princípios da Declaração de Brighton (1994) e a Carta de Windhoek (1998) (IWG, 2007).

Para os próximos quatro anos os representantes pretendem:

1. Recomendar às Nações Unidas e aos participantes da Conferência que os países incluam o esporte e a atividade física para mulheres como uma seção de seus relatórios ao grupo de monitoração para a Convenção no Eliminação de todas as Formas de Discriminação Contra às mulheres (CEDAW);
2. Apresentar um relatório oficial da Conferência Mundial sobre Mulheres e Esporte de 2002 à reunião de 2004 aos ministérios da Educação Física e Esporte, aos cuidados da UNESCO (MINEPS IV);
3. Monitorar o progresso de encontro aos princípios da Declaração de Brighton e Windhoek, e coletar a evidência do esporte para mulheres, em comunidades e em nações;
4. Desenvolver e estender a disponibilidade dos recursos para os povos que trabalham com mulheres e esporte;
5. Avaliar os exemplos do gênero no esporte e políticas de atividades físicas;
6. Continuar a monitorar os efeitos da Crise Mundial na Educação Física de e promover evidências no valor da educação física da escola para meninas e mulheres jovens;
7. Suportar e incentivar o trabalho das organizações internacionais para o esporte e a Educação Física das mulheres e incentivar redes e estruturas para o desenvolvimento das mulheres e do esporte, incluindo também o terceiro setor;
8. Incentivar a cooperação entre a saúde, educação e as agências de gênero, no nível nacional e internacional;
9. Trabalhar cooperativamente com Federações Internacionais e o Movimento Olímpico;
10. Trabalhar no incentivo da mudança cultural e estrutural entre organizações dos esportes, para a equiparação do gênero.

A IV Conferência Mundial sobre a Mulher e o Esporte foi em Kumamoto, Japão, 2006, aonde 700 delegados participaram com 100 países. A Conferência foi designada

para promover a interação do participantes, enfatizando suas experiências e explorando mudanças positivas. Neste sentido também para dar suporte no desenvolvimento para as Mulheres Asiáticas e Esporte. Fortalecer as colaborações no níveis internacionais, nacionais, regionais e das comunidades. E dar continuidade nos trabalhos, progressos e movimentos de 2006 a 2010 (IWG, 2007).

Nesse primeiro capítulo mostra-se o surgimento do esporte moderno, desporto adaptado tendo como foco as Paraolimpíadas, bem como a inserção da mulher nesta manifestação social. Cabe, neste momento, numa revisão do processo histórico, em particular, o desporto adaptado, como uma manifestação social da estrutura da sociedade e a inserção da mulher nesta manifestação. No próximo capítulo encontraremos nessa relação que os indivíduos tem uns com outros, principalmente com o desporto adaptado como a configuração estudada se estabelece a constrói seu lugar-social.

2 A SOCIOLOGIA DE NORBERT ELIAS NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO DEFICIENTE

2.1 A SOCIOLOGIA DE ELIAS

Neste capítulo descreve-se a Sociologia Figuracional de Norbert Elias com os conceitos de interdependência e configuração, aproximando as relações entre o poder, as emoções, os comportamentos e o *habitus* num processo de longa duração. Com a abordagem os *Estabelecidos-Outsiders* de Elias e Scotson, investiga-se quem são e como se relacionam com a intenção de compreender o lugar-social do deficiente.

Norbert Elias, (1897-1990), filho único de família judeu alemão, viveu “entre o sentido de inclusão e o de exclusão, uma vez que os judeus ocupavam o lugar de minoria estigmatizada nessa figuração social que era a nação alemã” (NEIBURG, 2005).

Elias estudou medicina e filosofia, tornando-se doutor em filosofia e psicologia em. Passando para a sociologia após sua ida a Heidelberg, quando teve contato com sociólogos encontrando Karl Mannheim e Alfred Weber. Em 1930 lecionou sociologia em Frankfurt, mas precisou fugir dos nazistas em meados de 1933 indo para Paris. Na França percebeu que não teria chances de emprego nas universidades então mudou-se para a Inglaterra em 1935. Em Londres, com a ajuda financeira de um comitê de refugiados judeus passou a frequentar a atual “British Library” no Museu Britânico, dando início aos seus escritos intitulado *Über den Prozess der Zivilisation*, originalmente escrito em alemão ‘*O Processo Civilizador*’ (AMSTERDAMMER, 2005).

Em 1939 publicou-o com grande apoio de seu pai, e somente em 1970 começou a ser reconhecido internacionalmente. Adotou a Holanda como país de residência estimulando inúmeras “pesquisas no campo das ciências humanas como que confirmando o interesse de Norbert Elias por um diálogo amplo com as diferentes áreas de conhecimento acerca da experiência humana” (GUIMARÃES, 2005).

Foi professor na Universidade de Leicester (1945-1962), lecionando também na Alemanha, Holanda e Gana. Autor de uma obra admirável, seu trabalho era como o centro do que o interessava, sendo de tal modo que elaborou textos com temas variados. Afirma que tentou contribuir para a libertação, emancipação das teorias sociológicas das ideologias, mas que no decorrer as dificuldades foram maiores do que imaginara. E com

a teoria do *processo civilizador* esperava ter contribuído com as provas empíricas detalhadas, a dominação de problemas teóricos, a variação de qualidades hereditárias civilizadora dos indivíduos e a modificação em longo prazo do estágio de integração do Estado (ELIAS, 2001).

Em sua teoria sobre o processo civilizador, Elias argumenta que a dinâmica dos processos sociais de longa duração é derivada do entrelaçamento dos conjuntos de atos individuais. Cada um destes atos contém alguma coisa de intencionalidade, mas seu resultado coletivo não é planejado, nem a direção do processo social de longo prazo, visto que não há indícios na história de que as mudanças a longo prazo tenham “[...] sido realizadas ‘racionalmente’, através de qualquer educação intencional de pessoas isoladas ou de grupos. A coisa aconteceu, de maneira geral, sem planejamento algum, mas nem por isso sem um tipo específico de ordem” (ELIAS, 1993, p. 193).

Elias demonstrou em detalhes como a estrutura das funções psicológicas, o modelo específico de controle do comportamento de um dado período, vincula-se à estrutura das funções sociais e à mudança nos relacionamentos entre as pessoas. “O entrelaçamento contínuo de atividades humanas atuou como uma alavanca que, ao longo dos séculos, produziu mudanças de conduta na direção de nosso padrão” (ELIAS, 1993, p. 272). As forças do entrelaçamento social, por sua vez, conduziram à transformação da sociedade do Ocidente numa única e mesma direção desde a época da máxima desintegração feudal até o presente.

Neste sentido as mesmas pressões operam em nossa sociedade na mesma direção, no sentido de produzir mudanças que possam ir além dos atuais padrões de conduta e sentimentos. Isso porque a civilização “é posta em movimento cegamente e mantida em movimento pela dinâmica autônoma de uma rede de relacionamentos, por mudanças específicas na maneira como as pessoas se vêem obrigadas a conviver” (ELIAS, 1993, p.195).

Segundo Elias, somente quando forem dominadas as tensões entre e dentro dos Estados, haverá a possibilidade da regulação das paixões e conduta do homem em suas relações. Por isso, orientações e proibições são necessárias para manter o alto nível de diferenciação e interdependência funcional, sem os quais os atuais níveis de conduta civilizada na coexistência humana não poderiam ser mantidos, e, ainda menos, superados. Com a eliminação das tensões e conflitos, os homens podem se tornar mais brandos, aumentando suas chances de desfrutar da vida, o que lhes traz o equilíbrio

entre paixões e limitações. Permite-lhes compreender as exigências gerais da existência social, por um lado, e suas necessidades e inclinações pessoais, por outro.

Foi nas explicações do *processo civilizador* que Elias (2001) esperava contribuir com as provas empíricas detalhadas, para compreender a dominação de problemas teóricos, a variação de qualidades hereditárias civilizadora dos indivíduos e a modificação em longo prazo do estágio de integração do Estado.

Dunning (1999) completa relatando que, em “The Civilizing Process”, Elias revela que desde o século XVI (comportamentos da Idade Média para tempos modernos), os modelos sociais de conduta e de sensibilidade têm sofrido mudanças drásticas (ELIAS e DUNNING, 1992). Talvez, essas mudanças tenham sido por um fato em si ou pela consequência de vários. O avanço de acontecimentos deste século revela que o processo de individualização foi decorrente das mudanças das relações humanas, de uma reestruturação. Dessa forma, Elias (1994 a) compreende o indivíduo sendo formado pela influência das relações humanas, sua estrutura e evolução.

Para Elias, estas influências não foram planejadas, mas construções humanas marcadas pelo tempo e pelas mudanças. O domínio do fogo, da agricultura e a revolução industrial são marcos destas mudanças. Da mesma forma, o comportamento é alterado diante dos interesses dos indivíduos num processo de longa duração.

A teoria elisiana aborda questões como as relações entre o poder, as emoções, os comportamentos e o *habitus* num processo de longa duração. O indivíduo e a sociedade são, para Elias, termos que existem como duas entidades distintas no plano da linguagem. São de fato níveis diferentes, mas inseparáveis do universo humano. Elias considera estas categorias, indivíduo e sociedade, como pólos de orientação, que se diferem para que um observador se concentre, por um instante, sobre os indivíduos que formam um grupo, e, em seguida, sobre o grupo que eles formam juntos.

Para entender o pensamento de Elias é fundamental a compreensão do conceito de **interdependência** ligado à idéia de que os indivíduos fazem parte uns dos outros. “Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas” (ELIAS, 1994, p. 27). Fazer parte uns dos outros, significa que cada pessoa singular é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, uma verdadeira rede de relações. Esta idéia ,por sua vez, está intimamente relacionada à noção de equilíbrio das tensões nas desigualdades e nos processos de estigmatização.

Segundo Elias, a interdependência é uma característica da vida humana profundamente enraizada. Viver juntos em dependência mútua é uma condição básica para todos os seres humanos. Nesta concepção o conceito de rede, contato de um indivíduo com outros indivíduos, através das suas semelhanças, afinidades e arranjos, compreendendo como são constituídas, mantidas, organizadas a fim de traçar suas composições, assim como uma teia que envolve aqueles que se interligam.

Desde o momento em que nasce, uma criança depende de outros para sobreviver. Ela pode não gostar das limitações impostas pela sua forte dependência social, mas não tem escolha. Devido às suas próprias necessidades está amarrada a outros seres humanos – a seus pais, em primeiro lugar, e, através deles, a muitos outros indivíduos, a maioria dos quais pode ficar desconhecida para a criança por muito tempo, e, talvez, para sempre. Toda a aprendizagem da criança, falar, pensar, sentir, agir, acontece num cenário de dependências sociais. Como resultado do próprio núcleo das suas personalidades, as pessoas estão ligadas às outras (DUNNING, 1999).

A interdependência precede o nascimento e é constitutiva na construção da personalidade e dos hábitos individuais. Cada indivíduo nasce à mercê da interdependência sexual dos pais, dentro dos laços de interdependência de alguma forma de família, ligada pelas correntes da interdependência de uma ‘unidade de sobrevivência’, tal como uma nação-estado e, no mundo moderno, pelas correntes de interdependência de escopo crescentemente global (Elias, 1994).

Nesse sentido, as investigações de Elias estão sempre voltadas para a longa duração baseadas na estrutura da personalidade humana e nas mudanças do comportamento do indivíduo. Porém, estas mudanças não ocorrem apenas no interior de cada pessoa, ou seja, elas estão ligadas ao desenvolvimento das estruturas sociais (LUCENA, 2002). “Essas transformações da consciência tanto são *históricas*, no sentido de que sociedades inteiras passaram ou ainda passam por elas atualmente, quanto *pessoais*, no sentido de que toda criança as atravessa ao crescer” (ELIAS, 1994, p. 99-100).

Na Sociologia Figuracional de Elias, ocorre a exploração de conexões entre biologia, psicologia, sociologia e história da existência humana. Fundamentalmente baseada neste respeito e reconhecimento que a evolução tem equipado a existência humana tanto biológica como social, sobretudo de símbolos criados, aprendidos e usados, visto que o conhecimento pode crescer tanto para as sociedades e culturas

quanto os indivíduos elaboram formas como desenvolver e mudar. Elias reconhece o que se chama de ‘história’, e envolve ‘progresso’ ou ‘regresso’ ou alguma combinação simultânea de ambas dependendo do fato de que o processo cego ou processo não planejado seja equipado da capacidade biologicamente humana de aprendizagem (DUNNING, 1999).

Outro conceito em sua teoria é o de **configuração**, que significa a rede de interdependências formada pelos indivíduos como um processo contínuo de formação e transformação. As configurações não podem ser planejadas, programadas ou previstas porque são construídas e redimensionadas o tempo todo. Elas podem ser internas ou externas a um determinado grupo. São conseqüências inesperadas das inúmeras possibilidades de interações sociais vividas pelo indivíduo ou pelo grupo. Já o poder está situado sempre como elemento fundamental de qualquer configuração (ELIAS, 1995).

Portanto, a configuração é um sistema de interações, onde as pessoas se inter-relacionam e formam configurações. “Essa percepção de si como pessoa distinta das outras é inseparável da consciência de também se ser percebido pelos outros, não apenas como alguém semelhante a eles, mas, em alguns aspectos, como diferente de todos os demais” (ELIAS, 1994, p. 160).

Ainda sobre a teoria do processo civilizador, pode-se abordar o tema sobre a denominação de ‘*psicogênética e sociogênética*’, dependentes na compreensão com as investigações de longa duração para Elias. Psicogênese tem como estrutura a personalidade humana, o controle dos impulsos mais internalizados, para disciplinar o indivíduo. Portanto, a sociogênese que refere as estruturas sociais “implica um crescente grau de interdependência, diversificação de funções e regulações de ações”, desta forma a psicogênese e a sociogênese estão interligadas numa mesma ordem em movimento” (LUCENA, 2002, p.115).

Num processo de longa duração pode ser registrado o refinamento dos costumes, regras sociais e leis do Estado que passam a ser estabelecidas com o monopólio da violência física e militar, contribuindo também para formação do Estado com o monopólio fiscal (ELIAS, 1994). Neste caso, o jogo de poder entre os indivíduos e a disputa que nele se insere são um dos contribuintes da longa duração, não podendo ser medida pelo tempo cronológico, mas sim pelo universo do processo (transformações, mudanças, transições). A existência de muitas gerações, milhares de gerações numa

amplitude temporal dos fenômenos “implica um longo processo, tanto na construção quanto para sua compreensão” (GEBARA, 2002, p.78).

O controle das emoções, a adoção de comportamentos e pensamentos fazem parte das mudanças e transformações, que os indivíduos incorporaram na longa duração. Esses movimentos relacionados têm uma função ligada ao contexto das relações pessoais e, com um sentido mais profundo, com a natureza ao redor. Isso porque ao ter um controle mais complexo e estável, permite as pessoas viverem umas com as outras e consigo mesma. Dessa forma, essa teia de ações que envolvem o indivíduo torna-se cada vez mais complexa, fazendo-o comportar-se de acordo com padrões estabelecidos socialmente (ELIAS, 1993, 1994).

Nesse sentido, Cidade (2004) questiona que indivíduos formam um grupo? E que grupo eles formam juntos? Investigar os grupos permite compreender as condições de aparecimento de estruturas de poder, de entendimento, de *status* e a expressão indireta de sentimentos percebidos na coletividade. Ou seja, é um lugar distinto para examinar não só sentimentos, atitudes e conflitos como também a coletividade mais ampla (sociedade), no sentido de que é possível perceber no grupo o que pensa e diz a sociedade a seu respeito, lembrando que o grupo não é uma totalidade fechada que elimina as diferenças, ao contrário, sua configuração (estrutura e comportamento) é transitória, dinâmica, rompe-se a todo instante e altera o equilíbrio (ELIAS, 1994).

2.2 A ABORDAGEM “*ES TABELECIDOS E OUTSIDERS*” DE ELIAS E SCOTSON

Enquanto o processo civilizador marcava sua Sociologia Figuracional por uma abordagem de longa duração, introduzindo o tempo como uma variante para compor os processos que constroem as relações entre o poder, as emoções, os comportamentos e o *habitus*, Elias desenvolveu o modelo chamado configuração estabelecido-outsider (Elias e Scotson, 2000) numa tentativa de colocar as fundações para uma teoria mais geral e que pudesse ser capaz de esclarecer os aspectos comuns de classe, etnia-racial, desigualdades de gênero e outros tipos de desigualdades.

Esse estudo de Elias e Scotson, *Os estabelecidos e os outsiders*, publicado em 1965, reflete dados de uma experiência de três anos de trabalho de campo no final da década de 50, sobre uma comunidade urbana dos arredores de Londres, de aproximadamente cinco mil habitantes, com o nome fictício de Winston Parva. Os

autores queriam investigar como a comunidade funcionava em seus diferentes setores e por que daquela forma existiam as tensões na comunidade. Utilizaram então diferentes dados, tais como; “estatísticas oficiais, relatórios governamentais, documentos jurídicos e jornalísticos, entrevistas e, principalmente, observação participante”, com o objetivo de compreender os princípios da diferenciação social que dividiam os moradores do povoado (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 9).

Segundo os pesquisadores, o que fazia desse um caso exemplar era o fato de que, segundo os indicadores sociológicos usuais (como renda, educação, ocupação etc.), a comunidade era tida como relativamente homogênea, mas apresentava, em seu interior, uma clara divisão: um grupo morava no local desde longa data (*estabelecidos*) e outro grupo havia chegado depois (*outsiders*). Portanto, a distinção se fazia por um princípio de antiguidade, e, entre ambos os grupos, estabelecia-se uma relação, ao mesmo tempo, de complementaridade e conflito. A rejeição entre eles era um elemento essencial na definição da identidade de cada um: o *status* superior dos *estabelecidos* e o *status* inferior dos *outsiders* (NEIBURG, 2001).

Como a transmissão de conhecimentos é construída pela passagem de geração em geração, sem a seleção politicamente correta, em Winston Parva essa transmissão também ocorreu com os preconceitos e atitudes discriminatórias. Os membros do grupo *estabelecidos*, desde crianças, passam a acreditar no *status* superior, sendo influenciados pela experiência dos pais e sua autoconfiança, visto que a criança é moldada pelos atributos do grupo a que pertence. Sob efeitos da herança sociológica, a criança do grupo *outsider* é acompanhada de ressentimento pela rejeição sofrida pelos seus pais (ELIAS e SCOTSON, 2000).

Assim, nessa pequena comunidade, observou-se a situação de tensão *Estabelecidos-Outsiders*, ou seja, o grupo estabelecido atribuía a seus membros características humanas superiores, excluindo todos os membros do outro grupo do contato social (não lhes dirigiam a palavra e excluía-los dos cargos de poder das associações locais), à medida que o controle social era mantido por meio de fofocas elogiosas e/ou depreciativas (ELIAS e SCOTSON, 2000).

Portanto, o que os pesquisadores demonstram é que os grupos sociais e bairros estudados nessa comunidade formam uma configuração e que, por isso, os indivíduos que as compõem são coagidos. O modo como uma criança recém-nascida se desenvolve e suas características se cristalizam são constituintes da relação dela com as outras

pessoas. Nada está traçado, mas depende da evolução histórica do padrão social, da estrutura das relações humanas (ELIAS, 1994a).

Os indivíduos pertencem a uma configuração em que as relações estão estabelecidas exercendo influências sobre eles. Assim, a auto-imagem de uma criança dessa comunidade passa a ser moldada e formada nessa relação, que também depende da estrutura da sociedade em que ela cresce, do grupo a que pertence.

O estudo traz ainda considerações mais sobre a exclusão. Um grupo *outsider* somente é tolerado enquanto seus membros permanecem no nível em que se encontram, os níveis inferiores. Nestes níveis que pertencem aos desprezados e estigmatizados, resta-lhes serem subordinados e submissos em seus comportamentos. “Os grupos *estabelecidos* forjam sua imagem do ‘nós’ sobre o modelo da minoria dos melhores e uma imagem do ‘eles’, a dos *outsiders* desprezados, sobre o modelo da minoria dos piores” (ELIAS, 2001, p.138).

A relação entre os dois grupos se dá nas relações de interdependência. Um grupo de estabelecidos só consegue se manter porque existe um grupo *outsider* e vice-versa. A rede de relações existentes entre as pessoas é o que as define no grupo a que pertencem e sua manutenção é decorrente de seu papel assumido no grupo. Quando numa comunidade ou num grupo social ocorre a exclusão é porque entre seus membros há uma identificação do excluído de sua porção pior (ELIAS e SCOTSON, 2000).

Sob muitos aspectos, configurações como as estudadas em Winston Parva exercem certo grau de coerção sobre os indivíduos que a compõem. Nesse sentido, as configurações que os indivíduos formam entre si exercem algum poder sobre eles e restringem sua liberdade no âmbito das decisões como resultado de sua interdependência. No caso Winston Parva, os membros de um grupo inflamavam os membros do outro grupo não por suas qualidades individuais, mas devido à sua vinculação a um grupo, julgado pelos estabelecidos, coletivamente, diferente do seu e, portanto, inferior.

É por essas influências que a auto-imagem de uma criança desta comunidade passa a ser moldada e formada. As ações humanas, que são construídas como resultado de uma sociedade, compartilham uma tradição e repercutem para todos que dela fazem parte, como uma das formas da história coletiva se cristalizar na sociedade (ELIAS, 1994).

Na figuração *estabelecidos-outsiders* de Elias e Scotson (2000), a relação central se dá no equilíbrio instável de poder. A influência de um grupo sobre outro grupo

acontece quando um deles está bem posicionado nas relações de poder e o outro delas é excluído das mesmas. Para os *outsiders*, neste estudo, os excluídos da comunidade, são construídas barreiras atitudinais pelos estabelecidos e com o passar do tempo os *outsiders* assumem para si o rótulo, o *status* que lhes é designado.

Nesse sentido, quando um grupo outsider socialmente inferior, desprezado e estigmatizado, percebe-se pronto para exigir sua igualdade legal e também social, a tensão entre os grupos, que está sempre presente, intensifica-se. Isso ocorre porque o grupo outsider aspira elevar sua posição social. E o que antes era natural para os estabelecidos como o sentimento de orgulho de si próprios e dos seus membros passa a ser intimidado. As relações de poder aproximam-se e o grupo dos estabelecidos torna-se ameaçado “pelo fato de que os membros de um grupo outsider, na verdade, desprezado reivindicam não apenas uma igualdade social, mas também uma igualdade humana” (ELIAS, 2001, p. 136).

Assim, a grande contribuição de Elias e Scotson para esta pesquisa está não só no empirismo de sua sociologia, mas na concepção interacionista-simbólica (grupo-indivíduo) que têm das relações sociais. Este estudo trata de atletas com deficiência e conexões possíveis com a abordagem estabelecidos-outsiders de Elias e Scotson. Para tanto é preciso pensar a construção/produção social da deficiência associada a diferentes idéias como: doença, anormalidade, patologia, norma, desvio, diferença, estigma, ambivalência, expectativa e diversidade. Enfim, idéias, conceitos que se sofisticam cada vez mais na interação verbal e não verbal, num movimento contínuo.

2.3 A CONSTRUÇÃO DO LUGAR-SOCIAL DO DEFICIENTE

Como coloca Skliar (2001), a deficiência está relacionada com a própria idéia da normalidade e com sua historicidade. O que dizer da correlação entre doença/deficiência? São situações que ocorrem ao mesmo tempo? Não necessariamente. E outras como anormalidade/patologia, desvio/patologia, saúde/ideal? E como pensar a questão do deficiente em processo?

Quanto aos deficientes notamos que, dentre os inúmeros aspectos sociais que envolvem o tema, questões quanto às expectativas e ao estigma relativos a esses indivíduos fazem parte da construção social da deficiência. São as expectativas, ligadas

ao meio e às relações sociais que determinarão as diferenças entre as pessoas deficientes e as não-deficientes.

O modo como os membros individuais de um grupo vivenciam qualquer coisa que afete seus sentidos, o significado que isso tem para eles, depende dos padrões de lidar com esses fenômenos que gradualmente se desenvolveram em suas sociedades, bem como de pensar e falar sobre eles (ELIAS, 1991).

Foi entre os séculos XVI e XVII que muitas modificações ocorreram na ordem social existente. A dependência que as pessoas tinham com a ordem divina passa por uma transformação aonde os preceitos religiosos não os reprimem mais. Pode-se dizer que houve uma separação na relação do indivíduo com a ordem divina, uma descontinuidade de seus padrões de comportamento. De tal modo, o poder e o conhecimento antes herdados pelo direito de nascimento passam a ser adquiridos. E os direitos humanos tornam-se juntamente com o direito de nascimento as novas conquistas desse processo (CARNOY, 1990).

Somados a estes direitos outros surgem no decorrer como consequência do movimento que surgia. Adquirindo também o direito “à liberdade de trabalho, de crenças, de expressão de pensamento e de justiça como dominante, são armas burguesas na contestação da ordem existente (o antigo regime)” (SOARES, 2001, p. 35).

Numa aproximação maior com a realidade, as crianças destas sociedades já não relacionam mais o medo do inexplicável aos espíritos ou feiticeiros. Aprendem e compreendem a origem das coisas através das explicações dos adultos que adquiriram um padrão social. Mas desvincular-se da natureza foi um processo que levou séculos para o indivíduo desmistificar a relação que tinha nos comentários da vida diária. O que era antes atribuído aos feitiços, como no caso de uma doença, já não encontra mais estas relações. E o que se tornou óbvio, é imperceptível para as gerações presentes (ELIAS, 1994).

Isto se deve também as novas regras de comportamento que passam a ser incluídas para o convívio social. Os indivíduos precisam controlar-se frente às novas regras e demonstrar que sabem controlar a si próprio. E aquele que não consegue controlar-se frente às novas regras de comportamento passa a ser excluído do convívio social porque demonstra não saber controlar a si próprio (ELIAS, 1994).

A compreensão racional não é o que condiciona a civilização dos hábitos ou outras formas de comportamento. Por exemplo, o uso da faca que deixa de ser

instrumento de luta e passa a ser parte dos hábitos à mesa reflete as transformações que o indivíduo ocidental sofre na sua maneira de agir passando de guerreiro a cortesão. O refinamento de seus comportamentos é decorrente do controle de seus desejos e emoções. A faca passa a ser a materialização de um conjunto de fatos históricos e de fidelidades estruturais da sociedade, um efeito mimético. Uma alteração quase despercebida no presente, hábitos à mesa, é uma das evidências da mudança do comportamento na transformação de longa duração de que sentimentos e atitudes fazem parte (ELIAS, 1994).

Essas transformações são melhor percebidas em meados dos séculos XVIII a XIX, quando o indivíduo passa a ser humanizado por relações sociais e torna-se o centro de uma nova sociedade. Esta sociedade, tanto em seu desenvolvimento quanto na sua complexidade é formada por novas leis econômicas e relações associadas ao trabalho que demandavam um novo pensar sobre a natureza social como o relacionamento dos indivíduos entre si. Fala-se de uma sociedade igualitária estabelecida por questões jurídicas de direito que, de fato, não se consolida, visto que os direitos de igualdade, como o *status* ou função social, são independentes dos direitos fundamentais (SOARES, 2001).

Mesmo que os comportamentos adquiridos tenham sofrido alterações no decorrer dos séculos, o indivíduo é conduzido a perpetuá-los. Isso ocorre porque foram transmitidos através de gerações passadas e o mesmo ocorrerá com as gerações futuras. Esse caminho de acontecimentos segue o seu percurso “que vai numa certa direção e está intimamente ligado ao processo social geral” (ELIAS, 1995, p. 46).

Num processo contínuo e descontínuo, o século XIX, na área da saúde, por exemplo, marca o rompimento (mudança) com a loucura e com a doença venérea. No que se refere à deficiência, os indivíduos pertencentes ao grupo dos deficientes visuais e surdos-mudos passam a ter as aquisições do seu próprio grupo. (FREITAS, 2001).

Nos séculos XIX e XX, o anseio por novos conhecimentos no que se refere ainda ao campo da medicina, faz com que a sociedade como um todo avance, buscando informações sobre os indivíduos que ficavam nos espaços de internamento, identificando-os e classificando-os quanto ao grupo de enfermidades e diferenças a que esses pertencessem, como os loucos e as pessoas de todo tipo de doenças, como no caso os leprosos e com doenças venéreas, distúrbios e problemas sociais, deficientes, pobres, miseráveis, vagabundos, desempregados e escravos (FOUCAULT, 2002).

É a partir dessa interferência médica que algumas respostas são encontradas para o indivíduo internado. Da classificação médica, pode-se chegar à análise e identificação de cada caso permitindo, assim, que cada um fosse tratado de acordo com o problema apresentado. O indivíduo doente pode ser tratado, o indivíduo desempregado, pobre, miserável, vagabundo e escravo pode trabalhar e ser integrante da sociedade (FOUCAULT, 2002).

Ainda assim, a pessoa com deficiência foi relacionada na área médica como “forma de doença, degeneração, loucura, fundamentada na separação e exclusão de minorias”. Esse formato de incapacidade acarretou não somente uma marca como a identidade do grupo (FREITAS, 2001, p. 334).

As ações humanas que vão sendo construídas no decorrer do tempo são resultado de uma sociedade que compartilha uma tradição e repercute a todos que dela fazem parte, uma das formas como a história coletiva se cristaliza na sociedade (ELIAS, 1994).

Mesmo não sabendo por que significados e delimitações estão implicados, o indivíduo encontra-se nas palavras a cristalização já em suas possibilidades de uso. Utiliza-se delas porque lhe parece uma coisa natural, que desde a infância aprende a ver o mundo através da lente dos conceitos construídos. E ao crescer acaba reprimindo seus sentimentos de vergonha esquecendo seus sentimentos de prazer, sendo coagida pelos adultos e pelos que estão ao seu redor, moldando-se aos padrões existentes (ELIAS, 1994).

Conseqüentemente, o desenvolvimento da estrutura social é expandido pela interferência daqueles que a compõem e, onde quer que esteja, corresponde a uma direção, que está ligada a uma “crescente diferenciação e individualização de muitas outras funções sociais” (ELIAS, 1995, p. 47).

De tal modo, ao abordamos o processo civilizador em que o indivíduo está inserido, falamos também da transmissão de conhecimentos adquiridos por uma história construída pela passagem de geração em geração, como segredos de sobrevivência. A transmissão desses conhecimentos sofre algumas mudanças no decorrer do tempo e a continuidade faz parte do fluxo desses processos. “A maneira de viver que as pessoas impõem às outras e a si mesmas e de regimes que permitem enfrentar os problemas da vida” são decorrentes dos conhecimentos adquiridos (CIDADE, 2004, p. 21).

É dessa transmissão de conhecimentos que abordamos a relação das pessoas com deficiência no processo de inclusão social em todas as instâncias relacionadas nas áreas das deficiências: quem são eles e como constroem sua história. Entre muitas das discussões contemporâneas, encontra-se um ponto comum que é garantir a pessoa com deficiência a principal característica do ser humano, a possibilidade de um desenvolvimento permanente e contínuo desde o momento da sua concepção até a sua maturidade.

Numa abordagem acadêmica, inclusão social, como processo amplo, se inicia por um conjunto de ações que a sociedade se adapta ao abranger o grupo de pessoas que excluía. No processo histórico de reconhecimento do deficiente como indivíduo em sociedade podemos citar a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 4.024, de 20 de dezembro de 1961, vigente até os dias atuais. Com a abrangência destes fatos, um processo simultâneo para ambos os lados busca a compreensão e efetivação da participação de todos (CARVALHO, 1997).

Com a paradigmática mudança de atendimento assistencial e médico para as alterações significativas que ocorreram nos anos 70, surge o modelo integrativo, “quando estudiosos passaram a conceber a idéia de modificabilidade cognitiva, acreditando, assim, na possibilidade e no potencial de aprendizado da pessoa com deficiência” (FERREIRA e GUIMARÃES, 2003, p. 98).

Sob este novo paradigma, a palavra integrar significa oferecer oportunidades iguais, apesar das diferenças; oportunidades que significam basicamente ter acesso à educação, à saúde, ao trabalho, à cultura, ao lazer e à atividade física (AMARAL, 1994). “Integrar para ter acesso à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer e à atividade física. Acesso ao mundo físico sem barreiras” (CIDADE e FREITAS, 2002, p. 41).

Porém, não há consenso sobre essa prática, há muitas interpretações no entendimento do que vem a ser integração, variando da inserção social até a inserção plena do deficiente na sociedade (FERREIRA e GUIMARÃES, 2003). A abrangência do reconhecimento e inserção ainda é acompanhada das impressões deixadas sobre doença e nojo, que de certa forma “são veiculadas na sociedade atual, são resquícios de idéias preconcebidas no processo civilizatório, que gerou erroneamente a idéia de convivência diferenciada” (FREITAS, 2003, p. 63). Isso porque o grupo dos não-incluídos, mesmo sendo de uma minoria, amedrontava a integridade das pessoas.

Apesar de algumas ameaças já não estarem presentes no cotidiano e convivendo em muitas sociedades, os homens passam a ter diferentes atitudes em relação a novas descobertas diante do que conheciam, já que as informações que tinham sobre o mundo não eram muitas vezes alegre ou divertida (ELIAS, 1994).

Naturalmente esse risco da integridade das pessoas se estabelece pela falta de informações do grupo que já está inserido na sociedade e sente-se ameaçado em sua posição, o que faz com que se encontrem pessoas sendo discriminadas, inclusive nas denominações que recebem: inválido, excepcional, sujo, mongol, manco, ceguinho, aleijado, demente.

Portanto, encontra-se a pessoa com deficiência na sociedade sendo vista por um grupo que pensa que ela precisa ser integrada, enquanto outro considera que ela nunca esteve fora da sociedade (CARMO, 1995). Nesse sentido, não é de integração que ela precisa, mas de mudanças e superações nos processos sociais que tanto colaboraram para afastá-los do convívio. Ou seja, é preciso que os espaços sociais em que os deficientes se constituem sejam revistos por todos os indivíduos, a começar pela família.

Segundo Amaral (1994), o ser humano nasce num meio ambiente que é tanto natural quanto social, que já está em desenvolvimento. Essa estrutura social e a concepção do mundo determinam imediatamente suas relações primárias, a família.

A instituição família é tão antiga quanto à humanidade, tendo se modificado através dos tempos. A família, no percurso da história, tem a característica de ajustamento, não tendo permanecido a mesma; muito pelo contrário: sua constante evolução tem mostrado em ritmo incessantemente rápido que acompanha a característica social desse tempo.

Em geral o pai e mãe formam a unidade central e mais significativa, a cabeça da família, mas existem também outros relacionamentos intrafamiliares que exercerão influência uns sobre os outros. Entre todos os membros da família e os subgrupos que se formam dentro desta, qualquer modificação que ocorra irá exercer influência em dado membro individualmente e no grupo como um todo. A família é o ponto extremo de importância no desenvolvimento de uma criança e o envolvimento é por vezes variado (AMARAL, 1994).

É através desse relacionamento familiar que a criança compreende e percebe-se como um ser aceitável no mundo, ocupando um lugar que lhe é denominado pelos pais, os quais são responsáveis pela sua socialização. Esta criança formará sua identidade pessoal e estabelecerá as primeiras relações interpessoais. Após, a criança assimilará seus próprios papéis e atividades. Se neste momento, ou neste primeiro vínculo social da criança (que é o familiar) houver uma rejeição, sua identidade se tornará equiparada ao papel que lhe é atribuído: deficiente, porque é esta forma de socialização iniciada pela própria família que será posteriormente confirmada e reforçada pela sociedade (AMARAL, 1994).

Na esfera social, a confirmação e o reforço se verificam nas relações sociais entre as pessoas que o estigmatizam (MATTOS, 2005). Goffman (1988) explica que, ao compreendermos uma pessoa com estigma, não a reconhecemos como humano. A partir dessas atitudes discriminatórias, contribuímos para diminuir as oportunidades na vida, mesmo que não seja de forma intencional. Desvantagens e desigualdades de oportunidades mantidas por tanto tempo se internalizam numa multiplicidade de práticas sociais historicamente estabelecidas.

Isso ocorre pela falta de conhecimento das pessoas e também ao lidarem com o seu descontrole, por isso “tendem a preencher os espaços referentes à realidade com fantasias e buscam através delas abrandar o medo de ameaças inexplicáveis” (FREITAS, 2003, p. 38).

A inclusão questiona as práticas sociais existentes, e para existir é preciso uma aproximação com o outro, um reconhecimento, para estabelecer mais que um contato, algum saber sobre o outro. Notada as diferenças entre si, “se estabelece um estranhamento, seguido de uma oposição por dicotomia: o mesmo não se identifica com o outro, que agora é um estranho”. Naturalmente aquele que consegue agir e transgredir acaba ficando com a sua melhor parte (VEIGA-NETO, 2001, p. 26).

Os grupos sociais que se encontram já estabelecidos definem padrões normais ou estigmatizados. E assim definem se uma pessoa é considerada normal ou não, caso venha atender aos padrões estabelecidos. Os grupos estabelecidos defendem a imagem do ‘nós’ na minoria dos melhores e uma imagem do ‘eles’, na minoria dos piores (ELIAS e SCOTSON 2000). Nessa relação de estranhamento com o outro, a dicotomia oculta sua função que presente esteve desde o início, a relação de poder (VEIGA-NETO, 2001).

Para tal, são necessárias expectativas e objetivos divergentes dos valores sociais já assimilados.

Ora, quando nos deparamos com indivíduos que por suas características ou comportamentos não se enquadram em nossa representação ou tipificação de “normalidade” ocorre uma quebra ou ruptura na rotina da interação social. Agora não podemos mais nos comportar em relação a eles de acordo com o padrão de conduta típico a que estamos acostumados. Ficamos como perdidos, sem saber como agir (AMARAL, 1994, p.21).

Mesmo que a realidade das sociedades contemporâneas seja composta por uma característica “excludente e separatista, marcada pela busca da eficiência e pela competição que estigmatiza e segrega” se faz necessário o reconhecimento das diferenças (RODRIGUES, 2004, p. 44).

Ainda tendo a sociedade subsidiada por normas e valores sociais sendo tomadas como verdade pelas pessoas, para seguir os mesmos padrões: físico, intelectual, moral, ente outros. O indivíduo só será aceito como membro efetivo da sociedade quando atingir estes padrões.

Neste sentido, a inclusão questiona as práticas sociais existentes. Todas as pessoas independentemente do sexo, idade, origens étnicas, opção sexual ou deficiências devem ser respeitadas. “É o momento da sociedade se preparar para lidar com a diversidade humana”. Para formar uma sociedade de e para todos, a estimular a participação de cada um com as diferentes experiências individuais, reconhecendo o potencial de todo cidadão (GODOY, 2005).

No decorrer do processo de inclusão, devemos estar atentos às reflexões que possam encaminhar um diagnóstico desse processo e também para a ação, não se limitando ao atendimento dos princípios normativos legais que justificam a inclusão. “É preciso, adotar a concepção de indivíduo que traça as ações e orienta as formas para pensar na própria integração” (MATTOS, 2004).

Nesse sentido, a sociedade precisa de mudanças e superações nos processos que tanto colaboraram para afastar os deficientes do convívio (CARMO, 1995). Em 1981, foi instituído o ano Internacional da Pessoa Portadora de Deficiência pela Organização das Nações Unidas (ONU), com a intenção de naquela década melhorar a qualidade de

vida das pessoas com deficiência nos atendimentos como também nos serviços prestados. E o governo brasileiro também participou abrangendo ações nos segmentos da saúde, educação, trabalho, assistência social e outros (PETTENGILL, 1997).

Lembrando que a mudança normalmente conduz a resistência porque os aspectos da vida em sociedade estão ligados entre si. E a alteração mínima de somente um aspecto pode ocasionar efeitos em todos os outros. Modificações na maneira de produzir podem interferir nas escolhas ou aplicação de leis. A resistência à mudança representa uma vantagem, no sentido de que somente modificações realmente proveitosas e que sejam por isso inevitáveis serão adotadas, evitando-se assim o esforço da sociedade em adotar e depois rejeitar determinado conceito novo (WILLIAMS, 1992).

Além disso, na sociedade modificações trazidas por uma geração passam à geração seguinte, transformando-se, perdendo e incorporando aspectos mais adequados à sobrevivência, reduzindo o esforço das novas gerações (HALL, 2003). As transformações do processo político são cada vez mais participativas. Os movimentos populares fazem parte do diálogo com o Estado, e este “não mais vê os movimentos somente como adversários, mas legitima suas reivindicações e as inscreve no campo dos direitos” (JACOBI, 2000, p. 18).

O Estado, por sua vez, também se pronunciou. O Decreto número 3.298, de 20 de dezembro de 1999, regulamenta a Lei número 7.853 de 24 de outubro de 1989 e dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Há considerações como: assegurar os direitos individuais e sociais das pessoas com deficiência e sobre os conceitos de deficiência. Também estabelece princípios a serem seguidos, que estão de acordo com o Programa Nacional de Direitos Humanos e fixa diretrizes, objetivos e instrumentos a serem seguidos nos aspectos institucionais, equiparação de oportunidades - na saúde, educação, habilitação e reabilitação profissional, acesso ao trabalho, à cultura, ao desporto e ao lazer -, políticas de capacitação de profissionais especializados, acessibilidade para a utilização de bens e serviços. Como também a criação do Sistema Nacional de Informações sobre Deficiência, sob responsabilidade do CORDE (Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência) (DECRETO 3298/06).

Deste modo, para que a inclusão se efetive é preciso muito mais do que leis e determinações, indispensável que se conheça o outro, uma aproximação de todos os

envolvidos socialmente. Portanto a dicotomia, ou seja, o indivíduo que se ater ao outro, provavelmente ficará com a melhor parte daquele e conseqüente acrescera ao seu EU e se tornara ainda melhor, pois necessariamente para que haja a verdadeira inclusão deve existir essa aproximação de indivíduos e o reconhecimento de suas diferenças (VEIGANETO, 2001).

Estamos diante de uma transformação social complexa, parte do processo de construção de uma sociedade. Mesmo com os movimentos existentes e a interlocução com as redes de interdependência que nela se constitui, não podemos delimitar ações. Podemos propor possibilidades como:

- § ampliar e fortalecer os canais de participação social, apostando no contínuo esforço dos excluídos para prosseguir na construção de uma sociedade que reconheça seu direito a ter direitos – os direitos humanos em toda sua plenitude – civis, políticos e sociais;
- § investir fortemente na qualificação e emancipação dos movimentos sociais, ONGs e de outros setores da sociedade civil para que desenvolvam ações propositivas e capazes de fazê-los participar eficazmente de negociações e deliberações;
- § qualificar agentes governamentais, em todos os níveis, a fim de transmitir e fortalecer neles uma cultura democrática, participativa e solidária;
- § capacitar lideranças para implementar políticas inovadoras quanto à melhoria das condições de vida de toda a população e à democratização dos processos de trabalho e de gestão;
- § inspirar e potencializar ações políticas institucionais em todos os setores da sociedade, para difundir práticas democráticas ampliadoras da cidadania (RATTNER, 2005).

A inclusão social tem sido discutida em diversos segmentos da sociedade e um avanço foi à criação do I Fórum Social Mundial, na cidade de Porto Alegre em 2001. Onde foram debatidas idéias e propostas com aprofundamento da reflexão sobre a sociedade civil, e estão empenhados na construção de uma sociedade planetária centrada no ser humano. Em virtude deste encontro, trabalhos foram centrados “à volta da idéia partilhada da cultura como elemento de inclusão social, de democratização, de solidariedade e de cultura da paz” ([FÓRUM SOCIAL MUNDIAL, 2005](#)).

E juntamente com a participação das ações coletivas que, nesse entendimento, a inclusão vem a ser viável. Somente quando esses grupos de pessoas como negros, pessoas com distúrbios e problemas sociais, sem-terra, os deficientes, os pobres, miseráveis e tantos outros, passam a ser reconhecidos o acesso ao emprego e aos serviços de infra-estrutura básica, de saúde e educação tornam-se realidade.

É nessa relação dinâmica de abordagens com a inclusão que encontramos um indicativo muito forte que é a inclusão escolar. Ela é uma parte do processo histórico do indivíduo e seu meio social. Por isso não podemos segmentar a escola durante a inclusão do grupo de pessoas que estiveram ausentes nesse processo social até os dias atuais. Podemos abordar o papel importante da escola e, “mesmo com as condições adversas do contexto econômico-político-ideológico, tem função específica, que, exercida de forma competente, deve possibilitar a apropriação do saber de todos os cidadãos” (JANUZZI, 2004, p. 21).

Todos esses movimentos e mudanças são partes integrantes do processo histórico. As contestações fazem parte de “onde o desenvolvimento da estrutura social estiver se movendo, na direção correspondente - ou seja, em conjunção com a crescente diferenciação e individualização de muitas outras funções sociais” (ELIAS, 1995, p.47).

Nesse segundo capítulo da abordagem dos pesquisadores Elias e Scotson (2000), apropriamos da dinâmica do movimento, no sentido de mudança de posições que ocorrem na relação estabelecidos-outsiders para observarmos relação atleta deficiente e deficiente não-atleta e como se estabelece a construção do lugar-social. Sendo esta configuração formada pela estrutura das emoções, no próximo capítulo, relacionaremos as características configuracionais com os excertos das entrevistas.

3 UM RETRATO DAS ATLETAS E EX-ATLETAS DO SISTEMA PARAOLÍMPICO EM CURITIBA.

Neste capítulo descreve-se o grupo de atletas paraolímpicas de Curitiba e identificar em suas falas características da abordagem estabelecidos-outsiders de Elias e Scotson na configuração atletas e ex-atletas relacionando-as.

Para que as entrevistas fossem realizadas, um contato levou a outro, e sete mulheres, atletas e ex-atletas do sistema Paraolímpico da cidade de Curitiba, foram responsáveis pela composição deste grupo. Cada uma com sua particularidade, experiências de vida, numa rede de interdependência interligadas pela história da deficiência e do desporto adaptado. Ainda que o número pareça pequeno tivemos 100% da de nossa amostra neste estudo. A revelação é o caminhar do desporto adaptado de alto nível no Brasil.

A coleta de dados iniciou-se num contato prévio por telefone no mês de dezembro de 2006. A pesquisadora-entrevistadora foi ao encontro com as entrevistadas no local sugerido por cada uma delas, com horário marcado. Algumas na ADFP (Associação dos Deficientes Físicos do Paraná), outras em suas próprias residências, aonde contaram uma parte de suas histórias contribuindo na intenção deste registro.

Após uma conversa inicial foi apresentado o termo de consentimento (em anexo 1), de participação no estudo, assinado em duas vias, uma para a pesquisadora-entrevistadora e outra para a entrevistada. Adotou-se a entrevista semi-estruturada aplicada com vinte e uma perguntas (modelo em anexo 2), tendo duração média de trinta minutos, ainda que a entrevistadora pudesse se estender mediante a disposição da entrevistada.

O equipamento utilizado foi um gravador portátil Sony, TCM-20DV, e uma fita cassete BASF-FE, de 60 minutos. A entrevista foi feita por uma única pessoa, pesquisadora-entrevistadora. Depois de gravada, a fita foi transcrita por uma única pessoa na íntegra (em anexo 3), e citadas os excertos pertinentes a esta pesquisa. Para preservar a identidade das entrevistadas optou-se usar a letra A e os números de 1 a 7 como identificação: A1, A2, A3, A4 são atletas; A5, A6, A7 são ex-atletas.

Para análise dos dados coletados neste estudo, optou-se pela pesquisa descritiva por ser a forma mais apropriada para investigar as características do grupo e descrever a situação do contexto em que é feita esta pesquisa, ou seja, a exposição das características da abordagem estabelecidos-outsiders de Elias e Scotson retratando a configuração atletas e ex-atletas e suas relações (GIL, 1999).

Devido ao ineditismo e à profundidade, cabe rever a pesquisa de Cidade (2004), “Atletas Paraolímpicas: Figurações e Sociedade Contemporânea” em que a autora trata da análise de um grupo de atletas brasileiras que participou das Paraolimpíadas de Sidney, em 2000. Nela, buscou-se identificar como se constituem as interdependências e as relações estabelecidas na dinâmica configuracional de atletas Paraolímpicas. A pesquisadora utilizou ferramentas da Teoria da Análise do Discurso para articular a fala das atletas com a Teoria Sociológica de Norbert Elias, o que, segundo Cidade (2004, p.xiii), permitiu-lhe:

equilibrar os focos de análise característicos na macrosociologia - no campo das ações coletivas, das relações intergrupais, dos padrões abrangentes de organização e da estrutura social, do grupo e da sociedade (redes manifestas dos grupos construídos sobre a base de identidade e valores coletivos) – e da microsociologia – em sua riqueza de personalidades únicas, exemplares, indivíduos tomados em sua inteireza, imersos em paixões, interesses, percepções, preconceitos, valores, etc.

Ao analisar a figuração *estabelecidos-outsiders*, de Elias e Scotson, Cidade (2004) em seu estudo levanta aspectos como coesão grupal, estratégias, mecanismos, representações e valores. Além disso, evidencia processos inovadores, reprodução e reavaliação de experiências históricas, processos macro e microsociais, passado e tendências.

As características das atletas de Sidney (2000), sistematizadas por Cidade (2004) são utilizadas como referência para esta pesquisa. Eis o que se verificou:

- ✓ O fato de que o grupo estabelecido tende a *atribuir* ao conjunto do grupo outsider as *características* “ruins” de sua porção “pior”. Em contraste, a auto-imagem do grupo estabelecido tende a se espelhar na minoria de seus “melhores” membros.

- ✓ Há possibilidade de um grupo afixar em outro um *rótulo* de inferioridade humana e fazê-lo prevalecer.
- ✓ O *estigma social* imposto pelos estabelecidos aos outsiders costuma penetrar na auto-imagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo.
- ✓ O *equilíbrio instável de poder* onde um grupo só pode estigmatizar o outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído.
- ✓ Existe uma diferença acentuada na *coesão entre os grupos*, ou seja, um é estreitamente integrado, enquanto o outro não.
- ✓ Pratica-se *proteção da identidade grupal*: cerrar fileiras contra os outsiders é uma das formas de afirmação do grupo estabelecido em relação a sua superioridade. Entre os já estabelecidos, cerrar fileiras tem a função social de preservar a superioridade de poder do grupo.
- ✓ *Sujeição a padrões específicos de conduta*, é o preço a ser pago por cada membro do grupo estabelecido.
- ✓ A semelhança do *padrão de estigmatização* gerada pelas próprias condições de sua posição de outsiders e a humilhação e opressão pelas quais passam concomitantemente geram um padrão de estigmatização.
- ✓ A *anomia* ou a situação de pessoas mal-integradas (ou desaprovadas socialmente).
- ✓ A *imagem* que cada pessoa faz da posição de seu grupo entre outros e de seu próprio *status* como membro desse grupo.

As características configuracionais pelas quais se analisa a configuração atletas e ex-atletas paraolímpicas são, segundo Elias, formadas pela estrutura das emoções, sendo a sensibilidade e o comportamento, componentes de mudanças, variações e influências em sua própria constituição (ELIAS, 1994).

UM RETRATO GERAL DO GRUPO

Com o intuito de compor uma configuração do sistema Paraolímpico de Curitiba, foram encontradas sete mulheres, atletas e ex-atletas para este grupo. O quadro com as características gerais do grupo foi apresentado através dos dados revelados nas entrevistas, como, idade, trabalho, escolaridade, estado civil, e filhos.

| | IDADE | TRABALHA | ESCOLARIDADE | ESTADO CIVIL | FILHOS |
|----|-------|----------|-------------------|--------------|--------------------|
| A1 | 55 | Sim | 2.º Grau | Separada | 2 filhos e 2 netos |
| A2 | 43 | Sim | 3.º Grau | Solteira | Sim |
| A3 | 42 | Sim | 1.º Grau em curso | Solteira | Não |
| A4 | 46 | Sim | 3.º Grau em curso | Solteira | NÃO |
| A5 | 56 | Não | 1.º Grau | Casada | 3 filhos |
| A6 | 45 | Sim | 2.º Grau | Separada | 1 filha |
| A7 | 41 | Não | 2.º Grau | Solteira | 1 filha |

Uma característica geral, a faixa etária dos 41 anos aos 56 anos, surpreende por se tratar do esporte de alto rendimento. Neste sentido, encontra-se a *coesão* e a *integração* como componentes de preservação das posições sociais para suas atletas. Ao manter-se atleta, (A1, A2, A3 e A4), preservam sua identidade e afirmam sua superioridade. Mesmo com a idade avançada, elas dedicam-se ao esporte confirmando sua posição no sistema Paraolímpico. Ao deixar de ser atleta, de conviver com a rotina dos treinos e competições passam a ser deficientes..

Uma vez que as categorias do esporte Paraolímpico não se constituem por idade, mas por deficiência compreende-se o valor do esforço para permanecer no grupo de atletas de (A1). Elias e Scotson evidenciavam o reforço dos estabelecidos para se manter no grupo por meio da sobrevalorização do pouco que se tem “de melhor”.

Outra particularidade neste grupo é o fato de que o trabalho também contribui para a manutenção de permanecer atleta. Todas que são atletas trabalham e algumas revelaram a dispensa para a prática desportiva.

A3 “[...]o meu patrão fala que é para eu me dedicar mais ao esporte [...]”

Se por um lado essa atitude patronal revela adesão às leis de responsabilidade social, o que contribui para a construção da imagem positiva da empresa, por outro ilustra uma possível valorização do funcionário que desafia sua própria condição física podendo refletir na sua atividade profissional.

Em relação à escolaridade, segundo Freitas (2003), o Estado só oferece atendimento educacional no Brasil a partir de 1854 com a criação da Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária do município da corte. É a primeira vez em que o Estado se propõe a ver o deficiente como indivíduo, alçando-o do grupo considerado delinqüente ou louco.

Ao pesquisar as pessoas com deficiência, dados importantes como o relato de Freitas demonstram o movimento pelo qual a configuração de deficientes tem passado. Revelam-se desejos de se continuar os estudos, aumentando os anos de escolaridade. Percebe-se aqui a intensidade destes discursos ditos nos dias atuais.

A3 “[...]me aposentei há dois anos atrás, então, agora estou me dedicando mais ao esporte e aos estudos [...]”

A1 “[...] Eu fiz o vestibular de Educação Física [...]”

A3 “[...] Quero fazer massoterapeuta. [...]”

A4 “[...] estou cursando o terceiro grau [...]”

Atualmente, efeito da Lei 8.213, de julho de 1991, de responsabilidade social, segundo o qual existem cotas para contratação para pessoas com deficiência, o mercado de trabalho para esse grupo é carente de mão-de-obra escolarizada e profissionalizada, o que faz com que o grupo deficientes profissionalizados se encontre em vantagem as atletas paraolímpicas, diferentemente do contexto em que o grupo se iniciou nos esportes.

Observa-se também que a realidade das sociedades contemporâneas, mesmo composta por uma característica “excludente e separatista, marcada pela busca da eficiência e pela competição que estigmatiza e segrega”, apresenta uma necessidade de reconhecer mais e melhor os indivíduos que nela estão presentes com suas particularidades e diferenças (RODRIGUES, 2004, p. 44).

É o que A 7, uma ex-atleta, deseja quando fala,

“[...] esperamos que as pessoas nos vejam como pessoas normais que somos [...]”

Porque ao considerarmos a maneira que a vida em sociedade é, como se dá a relação e a convivência das pessoas, podemos dizer que “a integração constitui uma via de mão dupla, na qual deficientes e não-deficientes devem interagir na construção de

um entendimento comum” (MATTOS, 2005). Se antes da lei de responsabilidade social a prática do esporte configurava fortemente um traço de normalidade, agora a profissionalização tem o mesmo potencial, ou ainda é maior.

A7 [...] Quem não tem uma deficiência hoje né. Quem não tem? Não precisa ser deficiência visual, uma deficiência motora, mas todo mundo tem uma dificuldade na vida, todo mundo tem [...]”

As desigualdades humanas estabelecidas entre os grupos existem no mundo sociocultural porque a humanidade vive num universo pluralista. Então, o que ocorre é uma adoção de comportamentos e pensamentos que são passados de geração em geração por seus indivíduos, que vivem e reproduzem o que aprendem por pertencerem a um determinado grupo social. É necessário considerar que as representações sociais não são estáticas. Há sempre uma reconstrução de idéias, noções e valores como resultado das constantes e dinâmicas interações.

A1, que permanece atleta, relata sua vida no esporte colocando muitos significados:

“[...] Eu sempre gostei de esporte... Então, daí quando eu tive o meu problema eu falei “Meu Deus e agora!, né”. E depois que eu soube que existia o esporte Paraolímpico eu fiquei muito feliz.... O esporte mudou a minha vida... Eu tinha alguns preconceitos... a primeira vez que eu participei de um campeonato..., para pessoas portadoras de deficiência, a minha vida mudou.....você quer mudar a vida de uma pessoa, é fazer, é praticar esporte....., sofreu um acidente, ele já é aceito. É só mandar para a primeira associação e começar a praticar esporte. Muda a vida dele... Ele começa a ver a vida com outro ângulo, de uma outra forma, que ele pode tudo, que ele também pode, que ele consegue. E eu digo isso de experiência própria [...]”

Ainda que se possa aludir que A1 (e supostamente as demais) não ocupasse lugar de destaque em sua configuração antes de se tornar deficiente, como ela mesmo enuncia, com a deficiência transitou por duas outras configurações: a exclusão social como deficiente e a ascensão como atleta paraolímpica, talvez um lugar de destaque até melhor que o da configuração que ocupava antes.

UM RETRATO DO GRUPO A PARTIR DAS CIRCUNSTÂNCIAS COMUNS E CONSTANTES

Neste momento, a pesquisa busca encontrar nas falas das envolvidas na figuração *estabelecidos-outsiders*, de Norbert Elias e Scotson (2000), uma descrição do grupo das atletas e ex-atletas, considerando as dez características comuns e constantes sistematizadas por Cidade (2004).

Uma das características é o fato de que o indivíduo desconhece a si próprio. É no outro que ele deposita a sua *porção pior*, um rótulo que não quer para si (conforme anteriormente apontado no depoimento). Então, este indivíduo – estabelecidos – segrega e estigmatiza o outro – outsider – para afastar de si o que refuta e reconhece como *porção pior*, espelhando-se então na minoria de seus “melhores”.

A1 “[...] eu não aceitava, eu tinha até um certo... certo preconceito [...]”

Nesse sentido, o grupo estabelecido reforça os elementos da sua “superioridade social e moral, autopercepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão” que estão presentes na vida social em relação ao grupo estigmatizado. Assim, a figuração *Estabelecidos-Outsiders* vem compreender as relações de poder (NEIBURG, 2005). E nessa relação podemos dizer que:

O problema é saber como e por que os indivíduos percebem uns aos outros como pertencentes ao mesmo grupo e se incluem mutuamente dentro das fronteiras grupais que estabelecem ao dizer “*nós*”, enquanto, ao mesmo tempo, excluem outros seres humanos a quem percebem como pertencentes a outro grupo e a quem se referem coletivamente como “*eles*” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 37-38).

Ser mulher-atleta de alto rendimento possibilita ser parte de uma elite que é reconhecida e prestigiada como no caso da bolsa-atleta. “Ser atleta implica incorporar hábitos que se operam dentro de um contexto social de restrições econômicas e de pressões institucionais” (SIMÕES, 2003, p. 18).

A4 “[...] Posso dizer que hoje a gente tá muito bem sabe[...]

A4 “[...] A gente fica em hotel, a gente já vai mais de avião e tal, sabe. O pessoal sofreu bastante anteriormente [...]”

O atleta que tem financiamento para sua prática desportiva se destaca socialmente, visto que parte da superioridade social é a percepção do outro de suas aquisições materiais. É preciso ter a camiseta da marca X, o tênis da marca Y e o carro da marca Z. Não seria diferente com o atleta paraolímpico. Uma vez institucionalizados viajam de avião, hospedam-se em hotéis para competir e ostentam patrocinadores e marcas famosas em seus uniformes.

Considera-se outra característica quando um grupo coloca um *rótulo* de inferioridade humana e faz prevalecer. O rótulo aparece na fala da atleta com um sinônimo de incapacidade, de inferioridade e evidenciando o estigma:

A3 “[...] eu achava que os deficientes eram muito pra baixo [...]”

Quando o estereótipo deficiente/ineficiente passa a ser negativo, constrói o estigma de ser para baixo transferindo sentimentos como idéias de tristeza e neste sentido o estigma cria um estereótipo marcado a significados e esta relação pode ser levada ao infinito (AMARAL, 1995).

Na aprendizagem do eu, a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos normais, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade em relação a identidade e a uma idéia geral do que ela significa. Aprende também a identificar as consequências de possuir um estigma particular, chamada de aprendizagem do estigma por Goffman (1988). Inicialmente, a estigmatização trabalha sobre os estigmatizados, levando-os a interiorizar a representação que lhes é remetida e até a se adaptar a ela em seus comportamentos. Essa representação coletiva negativa passa a ser literalmente incorporada por aqueles que são suas vítimas (CIDADE, 2004).

A3 “[...] eu achava que os deficientes eram muito pra baixo [...]”

pra baixo= depreciação coletiva

Para Elias e Scotson (2000), depreciação coletiva dos grupos outsiders, atribuída por outros grupos poderosos, sob forma de rótulos e de fofocas estereotipadas, tem influência sobre a autopercepção e o comportamento dos indivíduos implicados na circulação de estigmatizações.

A6 “[...] achei que deficiente jamais faria um esporte, era assim que eu pensava. Na época assim foi diferente, foi muito bom. Eu hoje assim sinto muita falta, tive que parar [...]”

Dessas expressões é possível que ocorram oscilações na identificação e adesão para com os seus iguais. Em alguns momentos pode ser que aceite ou rejeite

oportunidades de participação com o grupo, mesmo depois de ter aderido à proposta anteriormente.

A3 “[...] não, eu não vou, só vou assim tipo uma visita [...]”

A1 “[...] eu não aceitava, eu tinha até um certo...certo preconceito... e um dia eu resolvi aparecer na ADFP, vim, gostei, me convidaram e daí comecei a participar. E tô até hoje [...]”

A3 “[...] tinha um amigo aqui do bairro que ele é cadeirante, daí ele me convidou para conhecer a associação várias vezes e eu sempre ficava protelando, protelando, sabe ... daí uma vez eu fui, conheci, comecei a participar e... de lá para cá não parei mais. [...]”

Encontra-se como característica o *estigma social* atribuído pelos estabelecidos aos outsiders, quando um grupo recebe de outro grupo uma denominação ruim, muitas vezes assume o lhe foi designado ficando ainda mais marginalizado e enfraquecido.

Em muitos momentos, os estabelecidos são privilegiados por estarem cercados de recursos e de poder enquanto os outsiders são considerados inferiores pelo impedimento do acesso aos mesmos recursos. Neste sentido os estabelecidos formam barreiras para desarmar os outsiders aumentando as dificuldades já encontradas (ELIAS e SCOTSON, 2000).

Segundo Cidade (2004), estigma e expectativa estão lado a lado na construção social da deficiência. Esta construção se faz na relação entre o conjunto de expectativas (dirigidas a grupos e/ou aos indivíduos estigmatizados) e as interrelações (no interior do grupo social que trata como desvantagens certas diferenças apresentadas por alguns de seus integrantes, os deficientes).

A3 “[...] eu falei que não ia porque como eu sou uma pessoa muito alegre, cheia de vida... e eu achava que os deficiente eram muito pra baixo. E ela falava que não, que eu tinha que ir lá pra levantar eles, né [...]”

Na aprendizagem do eu, a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos normais, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade em relação à identidade e a uma idéia geral do que ela significa. Aprende também a identificar as conseqüências de possuir um estigma particular. Essa aprendizagem é chamada aprendizagem do estigma por Goffman (1988), levando-os a interiorizar a representação que lhes é

remetida e até a se adaptar a ela em seus comportamentos. Essa representação coletiva negativa passa a ser literalmente incorporada por aqueles que são suas vítimas.

A1 “[...] O esporte mudou a minha vida. Sabe. Eu tinha alguns preconceitos. Então a partir do momento, a primeira vez que eu participei de um campeonato, né, de um campeonato, para pessoas portadoras de deficiência, a minha vida mudou [...]”

Amaral (1998) denomina de generalização indevida quando alguns termos específicos de estigma, como aleijado e retardado, são usados no sentido de uma série de imperfeições a partir da imperfeição original. Neste sentido o indivíduo não é alguém com uma dada condição, é a encarnação da ineficiência total, não importando que seja capaz, os outros não o aceitam e não estão dispostos a manter uma relação de igualdade. Esta é uma das formas dos estabelecidos forjarem sua auto-imagem e transferirem para o outsider uma identidade de incapacidade assumida por muitos.

A7 “[...] esperamos que as pessoas nos vejam como pessoas normais que somos... Quem não tem uma deficiência hoje né. Quem não tem? Não precisa ser deficiência visual, uma deficiência motora, mas todo mundo tem uma dificuldade na vida, todo mundo tem [...]”

Considera-se também como característica o *equilíbrio instável de poder*, o padrão de estigmatização, quando um grupo estigmatiza o outro, com efeito, porque se encontra instalado em posições de poder. Utilizam do seu status elevado para oprimir e humilhar a posição que os outsiders se encontram, como no caso da pobreza (ELIAS e SCOTSON, 2000).

A3 “[...] cada um né levava o que tinha. Eu, assim, como meu pai tava desempregado, eu levava um pão com margarina, um café com leite pra tomar. Mas nunca desisti [...]”

O grupo dos estabelecidos define normas a serem seguidas, expondo os outsiders a decisões e ordens já tomadas. “Em termos das normas de seus opressores, eles se consideram deficientes, se vêem com tendo menos valor” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p.28).

A4 “[...] talvez você tenha um pouco de complexo assim, uma fase ali da adolescência, depois você vê que tem tanta gente que batalha [...]”

A4 parece ter consciência que as normas são construídas pelos estabelecidos a medida que encontra na fase da adolescência o momento mais difícil. Ocorre que esta fase é um momento de criação de normas mais excludentes para todas as configurações.

A invenção da categoria de deficientes e a designação dela como um problema é produto de uma construção social em que a sociedade estabelece os atributos considerados como comuns, característicos e pertencentes ao grupo e a cada membro. No caso dos deficientes, em que os indivíduos mais diversos tornam-se iguais, na medida em que sofrem a mesma carência, a exclusão social vivida é que é a mesma (PIERUCCI, 1999).

A5 “[...] nós a turma dos deficientes [...]”

Como uma das características diz respeito à diferença acentuada na *coesão entre os grupos*, ou seja, um é estreitamente integrado, enquanto o outro não.

A5 “[...] Olha, nós recebemos essa bolsa atleta ... Mas ainda é pouco assim pelo ... a gente observando outros países eles tem um apoio maior. Tá certo que melhorou bastante, nossa, antigamente não tinha nada, a gente ia de ônibus, a gente ficava em alojamento, era aquela coisa assim horrorosa. Agora não, já está bem melhor. A gente fica em hotel, a gente já vai mais de avião e tal, sabe. O pessoal sofreu bastante anteriormente sabe. Não tinha realmente, não recebia nada, ia assim porque gostava, porque realmente era apaixonado. Posso dizer que hoje a gente tá muito bem sabe. [...]”

Quando A5 fala *a gente* define o grupo a que pertence, o que fica em hotel, viaja de avião, se coloca na configuração de estabelecidos entre os atletas Paraolímpicos, enquanto *o pessoal*, referido aqui como os outros, os ex-atletas Paraolímpicos (outsiders), estes sim sofreram. O que A5 não percebe é que a coesão de seu grupo será desfeita, assim como a dos atletas seja amadores ou profissionais, assim que pararem de competir. Portanto, o parâmetro para a definição de estabelecidos e outsiders no esporte brasileiro é o da permanência ou não em competições nacionais ou internacionais, independentemente de serem amadores ou profissionais.

Outra característica apontada considera-se a *proteção da identidade grupal*. Os estabelecidos cerram fileiras contra os outsiders em dois momentos. Uma como forma

de impedimento dos outsiders aproximarem-se, afirmando assim a sua superioridade e outra como preservação do poder do grupo.

A5 “[...] Olha, nós recebemos essa bolsa atleta ... O pessoal sofreu bastante anteriormente sabe. Não tinha realmente, não recebia nada, ia assim porque gostava, porque realmente era apaixonado. Posso dizer que hoje a gente tá muito bem sabe. [...]”

Ao colocar-se como *nós* a atleta A5, identifica-se neste momento como atleta Paraolímpico, aquela que recebe a bolsa atleta, uma estabelecida. No sentido de preservar seu grupo aborda os ex-altetas Paraolímpicos como *o pessoal* que sofreu bastante anteriormente, outsiders.

Considera-se também como característica *sujeição a padrões específicos de conduta*, ou seja, o preço a ser pago por cada membro do grupo estabelecido. A participação na superioridade de um grupo, e em seu carisma grupal singular, é a recompensa pela submissão às normas específicas do grupo. Os grupos outsiders são tidos, pelos estabelecidos, como alheios dessas normas e restrições (CIDADE, 2004).

A3 “[...] eu falei que não ia porque como eu sou uma pessoa muito alegre, cheia de vida... e eu achava que os deficientes eram muito pra baixo. E ela falava que não, que eu tinha que ir lá pra levantar eles, né [...]”

Quando a atleta A3 fala os *deficientes* eram muito pra baixo está fixando para eles (*os deficientes*) a função de serem tristes. No entanto quando se coloca primeiramente como *eu*, toma para si, uma pessoa alegre, cheia de vida.

Quando se aborda o assunto que envolve a pessoa com deficiência, não se pode passar pela sujeição sem se reportar à aceitação/rejeição. O indivíduo estigmatizado pode dedicar um grande esforço individual ao domínio de áreas de atividades consideradas impróprias, inadequadas às pessoas com sua condição (GOFFMAN, 1988).

A4 “[...] como uma inclusão sabe, eu acho assim valoriza muito a pessoa portadora de deficiência, é... aquela coisa de você ser capaz né, daí o povo dizer “nossa, vocês jogam e jogam bem. Nossa como você joga bem!” [...]”

O indivíduo com deficiência pode “achar que é o único de sua espécie e que o mundo inteiro está contra ele” (GOFFMAN, 1988, p.29).

A3 “[...] claro tive os momentos de revolta quando eu era mais nova, até 19 anos né. Quando eu descobri que não podia mais andar [...]”

A5 “[...] quando aconteceu o acidente comigo eu achei que a minha vida tinha terminado [...]”

A5 “[...] daí quando eu tive o meu problema eu falei: “Meu Deus e agora!, né” [...]”

De acordo com Amaral (1995), outra forma de aceitação pode ser descrita como mecanismo de defesa, é a atenuação ilustrada.

A4 “[...] eu sou uma pessoa que vejo a vida como ela é, né, cheia de dificuldades mas todos vencem. Não só os deficientes, né. Daí eu falei pra ele assim “ah, então eu vou tentar” [...]”

Como característica considera-se a semelhança do padrão de estigmatização gerada pelas próprias condições de sua posição de outsiders e pela humilhação e opressão que lhe são concomitantes.

A7 “[...] pra te dizer hoje, eu me sinto um pouco esquecida no.. no meio do.. do esporte sabe. Eu acho que eu representei muito bem o Brasil, e eu realmente, hoje em dia eu me sinto um pouco.. “ah, você foi a primeira atleta brasileira...” mas sabe você sente... o povo é muito esquecido né. Então você fica meio sem.. sem perspectiva pro futuro[...]

Podendo ser encontrada semelhanças pelos grupos de poder em diferentes lugares em repulsão aos grupos de outsiders.

A4 “[...] A gente fica em hotel, a gente já vai mais de avião e tal, sabe. O pessoal sofreu bastante anteriormente [...]”

Outra característica considerada na relação estabelecidos-outsideiros, a *anomia* se refere ao indivíduo desaprovado socialmente (mal-integrado). Neste caso os estabelecidos vêem os outsiders muitas vezes como desordeiros e indisciplinados. “Nenhum agrupamento humano, por mais desordenado e caótico que seja aos olhos daqueles que o compõem ou aos olhos dos observadores, é desprovido de estrutura” (ELIAS e SCOTSON, p.192).

A4 “[...] como uma inclusão sabe,... valoriza muito a pessoa portadora de deficiência, é... aquela coisa de você ser capaz né [...]”

A *anomia* aborda sobre um grupo desaprovar o outro. Bem-integrados são os que sugerem aprovação e mal-integrados são os que sugerem uma desaprovação. O bem e o mal são mutáveis, porque são referentes ao senso de valor dos indivíduos que se modifica a mudanças de vida (ELIAS e SCOTSON,2000).

A5 “[...] daí o povo dizer “nossa, vocês jogam e jogam bem. Nossa como você joga bem!”, aquela coisa assim valoriza bastante sabe [...]”

A5 “[...] Aprender a conviver, a realizar sonhos, principalmente eu assim que achei que deficiente jamais faria um esporte, era assim que eu pensava [...]”

Nesta perspectiva, Elias (1995), coloca uma necessidade do indivíduo se ver e se enxergar como um ser humano num entendimento de nós mesmos. A distinção traçada entre os indivíduos através de suas barreiras, é desconhecida para a natureza. Para ela não existe preferência entre pobres e ricos, ela distribuiu para todos as qualidades do coração. É nesse sentido que a compreensão de si mesmo precisa ampliar-se (ELIAS, 1994).

A7 “[...] esperamos que as pessoas nos vejam como pessoas normais que somos... Quem não tem uma deficiência hoje né. Quem não tem? Não precisa ser deficiência visual, uma deficiência motora, mas todo mundo tem uma dificuldade na vida, todo mundo tem [...]”

Aponta-se também como característica a representação (imagem) que cada pessoa faz da posição de seu grupo, entre outros, e de seu próprio *status* como membro desse grupo.

Quanto a posição do seu grupo (nós)

A3 “[...] o meu potencial era ser atleta [...]”

A5 “[...] nós, a turma dos deficientes [...]”

Quanto a posição do seu grupo entre outros

A3 “[...] *eu* achava que *os deficientes* eram muito pra baixo [...]”

Neste sentido a atleta (A3), ao falar, *eu*, quer afirmar sua posição de não pertencer ao grupo dos deficientes. E ao continuar seu discurso relata *os deficientes* como pertencentes a outro grupo, não o seu grupo.

Representação que fazem de si como atletas

A3 “[...] guerreira... ali dentro do esporte eu vi que eu podia muita coisa, que eu podia crescer dentro, que eu podia ser guerreira [...]”

A4 “[...] E como atleta... eu acredito assim que eu tenho potencial [...]”

A7 “[...] Hoje eu não me vejo mais como atleta né, hoje eu já parei... vejo que o esporte me deu né muitos benefícios... mas hoje, não me vejo assim, não tem nada [...]”

As atletas por estarem inseridas no sistema Paraolímpico se apropriam do esporte e se vêem importantes, esforçadas, batalhadoras. Já para a ex-atleta não há mais significado como atleta por não estar mais inserida neste contexto. Esta é a representação que fazem de si no grupo que se encontram, atleta e ex-atleta. Essa não é apenas uma leitura de reivindicação de inclusão social do deficiente. Segundo Elias e Scotson não há orgulho em se apresentar para o outro como um outsider. As atletas paraolímpicas tem consciência de quatro configurações diferentes a que pertenceram: antes de serem deficientes, deficientes não-atletas, atletas-deficientes e ex-atletas. Retome-se um dos excertos do depoimento de A1.

“[...] Eu sempre gostei de esporte... Então, daí quando eu tive o meu problema eu falei “Meu Deus e agora!, né”. E depois que eu soube que existia o esporte Paraolímpico eu fiquei muito feliz.... O esporte mudou a minha vida... Eu tinha alguns preconceitos... a primeira vez que eu participei de um campeonato..., para pessoas portadoras de deficiência, a minha vida mudou.....você quer mudar a vida de uma pessoa, é fazer, é praticar esporte..., sofreu um acidente, ele já é aceito. É só mandar para a primeira associação e começar a praticar esporte. Muda a vida dele... Ele começa a ver a vida com outro ângulo, de uma outra forma, que ele pode tudo, que ele também pode, que ele consegue. E eu digo isso de experiência própria [...]”

A dependência que os indivíduos têm da posição e da representação do grupo a que pertencem, influi significativamente na identificação,

A1 “[...] O esporte mudou a minha vida [...]”,

A1 “[...] Eu tinha alguns preconceitos [...]”.

E na avaliação de sua própria estima e na comparação de seu grupo em relação a outros, como na comparação de seu grupo em relação a outros,

A1 “[...]a primeira vez que eu participei de um campeonato, né, de um campeonato, para pessoas portadoras de deficiência, a minha vida mudou [...]”. Como na comparação de seu grupo em relação a outros (A 1), “[...]você quer mudar a vida de uma pessoa, é fazer, é praticar esporte[...]”.

A projeção grupal – positiva ou negativa – impregna profundamente a representação pessoal do indivíduo.

A1 “[...]Ele..., sofreu um acidente, ele já é aceito. É só mandar para a primeira associação e começar a praticar esporte. Muda a vida dele. Ele muda completamente. Ele começa a ver a vida com outro ângulo, de uma outra forma, que ele pode tudo, que ele também pode, que ele consegue. E eu, e eu digo isso de experiência própria [...]”.

Quando a atleta A 1 afirma,

“[...] que ele pode tudo, que ele também pode, que ele consegue [...]”.

Coloca o esporte numa supervalorização do lugar onde pode tudo. E procura manter este discurso com o significado que a mantém e sustenta no esporte.

Já para ex-atleta A7

“[...] Hoje eu não me vejo mais como atleta né, hoje eu já parei... vejo que o esporte me deu né muitos benefícios... mas hoje, não me vejo assim, não tem nada [...]”.

O esporte de nada mais lhe serve e como saiu do grupo das atletas Paraolímpicas, hoje não há mais o significado que se encontra com a atleta A1.

Mesmo que estes discursos não sejam claros para o grupo das atletas e ex-atletas, a percepção que o indivíduo tem de si no grupo e do seu grupo entre outros ajuda a definir e a manter as fronteiras entre os grupos. (ELIAS e SCOTSON, 2000).

A competição como *lugar* de identificação

A3 “[...] e ali eu falei ‘aqui que eu vou começar [...]”

A3 tem memória clara da oportunidade com que se depara ao poder de participar da configuração de estabelecidos.

Segundo Coury 2001, p.137, “a arte de reagrupar-se pode estimular os indivíduos a compor grupos em determinados lugares, precisamente aqueles nos quais eles vão poder reencontrar seus semelhantes”. E na formação de grupos sociais os indivíduos se encontram, se percebem e se apropriam de sua estrutura estabelecendo um vínculo social (FREITAS, 2003). É assim que A3 e os demais atletas paraolímpicos estabelecem relações de interdependência com os outros e assumem para si os padrões estabelecidos neste contexto.

A associação como *lugar* de identificação

Em 1924, o desporto adaptado foi formalizado em sua estrutura internacional nos esportes para surdos – os Jogos Silenciosos. E no Brasil em 1975, através da Associação Nacional de Desportos para Deficientes (ANDE), se inicia a organização no país. A partir destes movimentos outras entidades passam a existir e organizar-se. E com o crescimento do desporto adaptado, também surge a necessidade de melhorar as estruturas existentes através de competições e eventos para as diferentes deficiências.

O engajamento institucional é verificado também nas entrevistadas. Todas enunciam a importância de haver um lugar para se encontrarem. É o sentimento de pertencimento, como pode-se ver nos depoimentos a seguir:

A5 “[...] Eu entrei no **SEDE**... não tinha nada. Não tinha uma cadeira de roda para os atletas, não tinha um uniforme, não tinha nada. Eu entrei e comecei a fazer bingo, arrecada, consegui uniforme para todos os atletas, consegui 40 cadeiras de roda para os atletas [...]”

A1 “[...] eu me relaciono muito bem com todo mundo, com o pessoal do tênis de mesa, o meu próprio trabalho, o pessoal, com a diretoria, com todos que freqüentam a **associação**, eu acho que eu não tenho problema nenhum. [...]”

A2 “[...] É, eu participo aqui dos jogos, também contribuo ajudando pagando a mensalidade. Ah, eu não tenho participação **aqui dentro** de, de trabalho... não né. Só de jogos mesmo, de participar de jogos da **associação** [...]”

A4 “[...] Olha, na **associação** eu me dou bem com os outros atletas, com o pessoal que trabalha, mas eu não gosto muito do ... presidente, eu acho ele muito prepotente. Eu evito ir lá, eu só vou mais para treinar [...]”

A6 “[...] Eu fazia parte da **ADFP**, mas assim, mais para trabalho, que era a **associação** que a gente participava. E do **clube esportivo** era mais como atleta [...]”

A3 “[...] É muito legal o meu **clube**, sabe, nós atletas, a gente é muito unido [...]”

As pessoas com deficiência associam-se em grande parte a uma associação. Em especial aquela que representa não somente os deficientes como a sua deficiência. E encontram na associação lutas de poder, hierarquia, burocracia como também grupos formados por seus semelhantes. As estruturas sociais são intenções preconcebidas pela ordem política que indicam o que devem ser, mas não conseguem dizer o que realmente são ou tão pouco como funcionam (ELIAS, 2001).

À medida que as estruturas são mais organizadas novas possibilidades surgem para atender as necessidades e desejos daqueles que as compõem. No caso do desporto adaptado de alto rendimento surge em 2001, a Lei 10.264 (Lei Angelo-Piva que foi sancionada estabelecendo a loteria federal o repasse de 2% da arrecadação bruta dos seus prêmios para o Comitê Olímpicos Brasileiro (COB) e Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB). “Deste montante, 15% dos recursos são direcionados ao CPB e devem ser investidos na formação, preparação técnica, manutenção e locomoção dos atletas aos locais de competição” (CAPARELLI, 2006).

A1 “[...] Hoje eu recebo a bolsa atleta do Ministério do Esporte, e que eu acho que até que é um valor assim, um valor bom, pelo meu desempenho de campeonatos internacionais que eu tenho, que eu tenho [...]”

A2 “[...] Eu tenho a bolsa atleta né, bolsa internacional do governo federal [...]”

A3 “[...] Eu recebo hoje a bolsa atleta, sabe[...]

A4 “[...] Olha, nós recebemos essa bolsa atleta e existe também da prefeitura que eles dão um incentivo ao esporte. Existe o comitê que paga algumas viagens e existe a confederação também né, que paga né ... Mas ainda é pouco assim pelo ... a gente observando outros países eles tem um apoio maior. Tá certo que melhorou bastante, nossa, antigamente não tinha nada, a gente ia de ônibus, a gente ficava em alojamento, era aquela coisa assim horrorosa. Agora não, já está

bem melhor. A gente fica em hotel, a gente já vai mais de avião e tal, sabe[...]"

À partir do momento que a construção da imagem de um grupo frente a outro, bem como a própria imagem, se torne consciente às atletas é possível que tanto o indivíduo quanto o grupo possam ter maior domínio de si mesmos, obtendo melhor desempenho. Através das falas é possível perceber a construção da identidade dos grupos.

Deve-se ter em mente, mesmo que os enunciados encontrados nesta dissertação sejam o reflexo das representações (imagens) reais das atletas e ex-atletas durante o processo, que os mesmos (enunciados) estão sujeitos a novas avaliações por serem parte constituinte do processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo estando em contato permanente com o desporto adaptado, o universo deste estudo veio ao encontro com a realidade que desconhecíamos: quem são as atletas e ex-atletas de alto-nível do sistema Paraolímpico, mais propriamente da cidade de Curitiba? A que fontes buscar se os registros são inexistentes. Como encontrá-las?

Uma das etapas somente foi possível com a colaboração das entrevistadas, quando uma indicava a outra, chegando ao número de sete mulheres numa rede de interdependência interligadas pela história da deficiência e do desporto adaptado. Mesmo parecendo um número pequeno, nossa configuração foi um sucesso, entrevistamos 100% da amostra. Gravamos e transcrevemos cada entrevista utilizando os excertos pertinentes lidos à luz da teoria elisiana.

A teoria do processo civilizador, escrita por Norbert Elias, vem responder a algumas perguntas referentes ao indivíduo que não se separa, que se interliga numa rede interdependente, que se constrói. Abordamos a história da pessoa com deficiência, sendo explicada através das mudanças sociais ocasionadas durante o processo civilizador. Portanto, neste estudo falou-se da mulher, tendo como objetivo descrever o grupo de atletas e ex-atletas paraolímpicas de Curitiba, identificando se, em suas falas, há características da abordagem estabelecidos-outsiders de Elias e Scotson na configuração atletas e ex-atletas, relacionando-as. Tratou-se de um estudo de caso, para compreender o desporto adaptado para as mulheres, atletas e ex-atletas em Curitiba como prática e lócus social.

A obra estabelecidos-outsiders, um estudo empírico desse autor com Scotson, que materializou a validação do seu modelo teórico-modelo das configurações, serviu a esta pesquisa para identificar o quanto seu objeto, o grupo estudado, pode ser visto pela perspectiva da construção da identidade marcada pelas diferenças de status e poder.

Além disso, os pesquisadores também trabalham com a concepção de um padrão mutável criado na relação entre indivíduos em sociedade.

Para entender a sociologia de Elias foi necessário passar pelos conceitos de configuração e interdependência. O primeiro ocorre entre indivíduo e sociedade, sem a separação desse conjunto, porque são construídos e redimensionados o tempo todo, diante da complexidade dos desafios e transformações sociais. Já o segundo refere-se mesmo a uma mudança de paradigma sociológico, uma vez que, segundo Elias torna-se necessário ver as coisas na perspectiva do “eu”, na do “ele/ela”, na do “nós” e na terceira pessoa do plural – e tudo isso simultaneamente.

Assim, como vivem em sociedade, os indivíduos que as compõem são influenciados pelas mudanças que ocorrem. A inter-relação permite o impedimento do isolamento e, por mais lento que alguns processos ocorram, estar conectado com o outro permite que as experiências e conhecimentos deste traga alterações significativas.

No século XIX, sob a perspectiva de um processo de longa duração a um refinamento das boas maneiras associando-as a posição social tanto quanto a atual pressão social para as pessoas exercitarem-se mais continuamente e com maior controle pessoal sobre seus sentimentos e comportamentos. Surge, então, o esporte, como resultado do autocontrole, quando o indivíduo aceita as regras e o jogo apropria-se delas (ELIAS, 1993).

No final do mesmo século, há indícios de movimentos isolados quando o desporto adaptado passa a existir. E somente no ano de 1924 temos a confirmação dos Jogos Silenciosos (para deficientes auditivos), a formalização de uma estrutura internacional. Neste sentido a projeção deste evento foi significativa em todos os movimentos que existiam incentivando também a criação e fundação de novas entidades.

Foi o que ocorreu com a ida de dois brasileiros, Robson Sampaio de Almeida e Luis Carlos, aos Estados Unidos na década de 50 em busca de tratamento de reabilitação. Ao retornarem ao Brasil ambos fundaram em São Paulo e Rio de Janeiro, clubes de basquete em cadeira de rodas, através do conhecimento adquirido na viagem que fizeram.

Após estes fatos, eventos e competições aconteceram, mas de forma precária e pouco organizada. A primeira participação do Brasil em Jogos Paraolímpicos aconteceu

em 1972 na Alemanha, e, em 1975, cria-se Associação Nacional de Desportos para Deficientes (ANDE), para organizar o esporte para as pessoas com deficiência no país.

Como parte do caminhar de cada um dificuldades são presentes como desafios para atingirmos objetivos. Para a pessoa com deficiência outros agravantes somam a estas dificuldades, desde sua independência locomotora como conviver com o preconceito embutido nas pessoas.

Diante desse processo em construção abordado – Sistema Paraolímpico- esta pesquisa defrontou-se com a diversidade humana e seus desafios, com a presença da complexidade e multiplicidade de situações que exigem esforços. Neste momento, não há respostas definitivas para os questionamentos propostos, mas apontam-se evidências, avanços e algumas conquistas.

Como o resultado de um processo contínuo, a primeira edição das Paraolimpíadas foram em 1960 na cidade de Roma com 400 atletas e 23 países, já na última edição de 2004 em Atenas, 4.000 atletas competiram com a participação de 142 países. Um número muito expressivo em decorrência da organização das estruturas que sustentam os Jogos como a melhor qualidade de vida, acesso a espaços e equipamentos, aumento de praticantes do desporto adaptado, entre outros. .

O que impressiona nesta pesquisa são os relatos e as pesquisas feitas sobre as mulheres, ficando a pergunta: como é ser mulher-deficiente- atleta na cultura brasileira contemporânea?

A explicação da ex-atleta (A7), na ida às Paraolimpíadas de Nova Iorque, 1984, resume o caminhar das mulheres-deficientes-atletas. Com apenas oito passagens para seis atletas deficientes visuais e três dirigentes, alguém teria que ser cortado “[...] eu era a única mulher... eles queriam me cortar, né, então..., não deixa de ser um preconceito aí [...]”.

Uma vez que as categorias do esporte paraolímpico não se constituem por idade, mas por deficiência compreende-se o valor do esforço para permanecer no grupo de atletas de A1. Elias e Scotson evidenciavam o reforço dos estabelecidos para se manter no grupo por meio da sobrevalorização do pouco que se tem “de melhor”.

Em todos os depoimentos fica claro o sentimento de orgulho próprio por terem participado tantos dos treinos quanto das competições do Sistema Paraolímpico. De outro lado sentem-se em posição de destaque tanto por aqueles que não são quanto por

aqueles que são deficientes. O esporte as remete ao mundo do glamour onde viagens de avião, estadias em hotéis e comprimento de protocolos lhes dão a possibilidade de pertencimento. Até mesmo as que estão fora das competições neste momento enunciam sua vontade de voltar. Além disso, há indicações nas falas das ex-atletas de que elas voltam a se sentir deficientes, com toda carga social contemporânea que esta condição lhes impõe. Através das entrevistas pode-se ver que o esporte foi para muitas delas uma forma de se sentirem incluídas novamente, distanciando-as das demais deficientes e da exclusão.

Como os sistemas sociais são freqüentemente concebidos pelo universo masculino, a condição de gênero, no caso do grupo, é mais um traço na composição da condição de outsider. Isso impõe à mulher que se supere. Mais uma vez (A7) ilustra a cena e retoma Elias para quem as mudanças ainda que não intencionalmente.

Cabe lembrar ainda a consciência de grupo único, mulheres atletas, independentemente da situação atual, que as entrevistadas demonstraram ao evidenciar seus sentimentos de orgulho e de motivação para participar desta pesquisa, entendendo-a como registro de sua história.

Por fim, a escolha de Elias permitiu, sobretudo, rever a posição dos grupos identificados como estabelecidos-outsiders em relação à sociedade, visto que o que se pensa constantemente é a partir do foco das diferenças como diferenciais estruturais das relações de poder. Neste estudo foi possível problematizar os termos em que se colocam as igualdades: foi necessário compreender a diversidade dentro da igualdade.

Na configuração estudada encontramos no quadro apresentado do Capítulo 3 a heterogeneidade, ou seja, a diversidade do grupo: duas ex-atletas encontram-se como aposentadas não fazendo mais parte do grupo que trabalha; uma atleta com curso superior empregada pelo concurso que passou enquanto outra ainda estuda para completar o 1.º Grau; das que casaram somente uma permanece casada.

À medida que a construção da imagem de um grupo frente a outro, bem como a própria imagem, se torne consciente às atletas é possível que tanto o indivíduo quanto o grupo possam ter maior domínio de si mesmos, obtendo melhor desempenho. Através das falas é possível perceber a construção da identidade dos grupos.

Deve-se ter em mente, mesmo que os enunciados encontrados nesta dissertação sejam o reflexo das representações (imagens) reais das atletas e ex-atletas durante o

processo, que os mesmos (enunciados) estão sujeitos a novas avaliações por serem parte integrante do processo.

REFERÊNCIAS

ABRADECAR (Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas). História. <http://www.abradecar.org.br/abrad/histor.php> Acesso em: 10 dez, 2006.

AMARAL, L. A. **Conhecendo a deficiência (em companhia de Hércules)**. São Paulo; Robe, 1995.

_____. **Pensar a diferença /deficiência**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.

AMSTERDAMMER, D. G. Disponível em:

<<http://www.usyd.edu.au/su/social/elias/elias.html>> Acesso em 01 abr. 2005.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.v. 1

CAPARELLI, T. Especial Paraolimpíadas-Atenas 2004.

http://www.ciedef.org.br/html/ciedef_post/docs/especial_paraolimpiada2004.doc

Acesso em: 22 jun, 2006.

CARMO, A. A. Compreensão a realidade da pessoa portadora de deficiência. Fundamentos históricos, filosóficos e sociais. IN: COSTA, V. L. de M. (Coord.). **Curso de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiência: educação à distância**. Rio de Janeiro: ABT/ UGF, v.2,1995.

CARNOY, M. **Estado e teoria política**. 3.ed – Campinas, SP: Papirus,1990.

CARVALHO, R. E. **A nova LDB e a Educação Especial**. Rio de Janeiro. WVA, 1997.

CASTRO,E. Esporte para deficientes: do alto rendimento ao esporte de participação. **Atividade Física Adaptada**. Ribeirão Preto,SP. Tecmedd, 2005. p.437-484

CIDADE, R. E. **Atletas Paraolímpicas: Figurações e Sociedade Contemporânea**. 185 f. Tese (Doutorado).UNICAMP, Campinas, 2004.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. **Introdução à educação física e ao desporto para pessoas portadoras de deficiência**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

COSTA, A. M; SANTOS, S. S. Resultados e a Avaliação Geral da Participação do Brasil nos Jogos Paraolímpicos de Sidney-2000. IN: Marco Túlio de Mello (org). **Avaliação Clínica e da Aptidão Física dos Atletas Paraolímpicos Brasileiros: Conceitos, Métodos e Resultados**. Atheneu. São Paulo, p. 135-157, 2004.

COSTA,A; SOUSA,S . Educação Física e Desporto adaptado: História, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p.27-42, jan. 2004.

COURY, G. Norbert Elias e a Construção dos Grupos Sociais: da Economia Psíquica à Arte de Reagrupar-se. IN: Garrigou,A. e Lacroix,B. (Orgs) **Norbert Elias: A Política e a História**. São Paulo. Editora Perspectiva S.A., p. 124-144, 2001.

CPB (Comitê Paraolímpico Brasileiro). História da Paraolimpíada. www.cpb.org.br/paraolimpiada/paraolimpiada.asp. Acesso em: 22 jun, 2006.

DECRETO3298/06.www.senado.gov.br/paulopaim/Grandes%20temas/deficientes/noticias/2006/revista731922.pdf . Acesso em: 5 mar, 2007.

DOLL-TEPPER, G. **Disability sport**. IN: RIORDAN,J and KRUGER, A. **The international politics of sport in the 20th century**. Routledge, USA and Canada, p.177-190, 1999.

DUNNING, E. **Sport Matters**. Sociological studies of sport, violence and civilization. London: Routledge, 1999.

ELIAS, N. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, S.A. 1991.

_____ **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.

_____ **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____ **Norbert Elias Por Ele Mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____ **O Processo civilizador. Volume 1: Uma história dos Costumes**.- 2. ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

_____ **O Processo civilizador. Volume 2: Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

ELIAS, N. ; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ELIAS, N. ; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FERREIRA, M. E. C. ; GUIMARÃES, M. **Educação Inclusiva**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

[FÓRUM SOCIAL MUNDIAL. Disponível em: <http://www.forumsocialmundial.org.br> Acesso em 05 out. 2005](http://www.forumsocialmundial.org.br)

FOUCAULT, M. **História da Loucura**.- 6. ed- São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002.

FREITAS, P. S. **As Múltiplas Educações Esporte...Adaptado?! 154 f.** Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba-SP, 2003

_____ Estabelecidos e Outsider: Construção da identidade do portador de deficiência no início do século. In: VI Simpósio Internacional Processo Civilizador: História, Educação e Cultura – Coletânea. **Anais**. Assis: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, p. 331-335, 2001.

GARRIGOU, A. O “Grande Jogo” da Sociedade. *IN*: _____ e Lacroix, B (Orgs.) **Norbert Elias : A Política e a História**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 65-88. 2001.

GEBARA, A. Sociologia Configuracional: As Emoções e o Lazer. *IN*: Bruhms, H. (Org) **Lazer e Ciências Sociais. Diálogos Pertinentes**. São Paulo. Chronos, P. 77-91, 2002.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, Editora Atlas S.A, 1995.

GODOY , A. **Direitos das Pessoas Portadoras de Deficiência**. Disponível em: <<http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/socinc>> Acesso em 05 out. 2005

GOFFMAN. E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988

GUIMARÃES, M. L. L. S. **História e Civilização: notas a respeito de Norbert Elias**. Disponível em: <www.ifcs.ufrj.br/~humanas/0042.htm>. Acesso em: 20 out.2005.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOBSBAWM, E. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2002.

IPC. International Paralympic Committee. Acesso em : 17 abr.2006.

IWG. International Working Group on Women and Sport <http://www.iwg-gti.org/e/brighton/index.htm> Acesso em : 20 mar.2007.

JACOBI, P. **Políticas Sociais e Ampliação da Cidadania**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

JANUZZI, G. Algumas concepções de educação do deficiente. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p.9-25, jan. 2004.

JOSEPH, I. **Erving Goffman e a macrosociologia**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

LAQUEUR, T. **La Construcción del Sexo Cuerpo y género desde los griegos hasta Freud**, 1994.

LOPES, L. **Com campanha melhor, CPB renega comparação com a Olimpíada**.

29/09/2004 - 06h57. Disponível em:

<<http://esporte.uol.com.br/olimpiadas/ultimas/2004/09/29/ult2540u131.jhtm>> Acesso em 10 fev. 2008

LOWY, I. Universalidade da Ciência e Conhecimentos “Situados”. *IN*: Cadernos Pagu. São Paulo/Campinas; UNICAMP/Núcleo de Estudos de Gênero, v. 15, p.15-38, 2000.

LUCENA, R. Elias:individualização e *mimesis* no esporte. *IN*: Bruhms, H. (Org) **Lazer e Ciências Sociais. Diálogos Pertinentes**. São Paulo. Chronos, p.113-137, 2002.

MATTOS, E. A. **Integração/Inclusão/Exclusão** Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur13/edna.htm>> Acesso em 05 out. 2005.

MELLO, M.T. Conclusão e Perspectivas. *IN*:_____ (org). **Avaliação Clínica e da Aptidão Física dos Atletas Paraolímpicos Brasileiros: Conceitos, Métodos e Resultados**. Atheneu. São Paulo, p.393-397 , 2004.

MOURÃO. L. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas. *IN*: Simões (org.). **Mulher e Esporte>Mitos e Verdades<**. Editora Manole Ltda. São Paulo, p.123-154, 2003.

NEIBURG, F. O naciocentrismo das Ciências Sociais e as formas de conceituar a violência política e os processos de politização da vida social. *In*: WAIZBORT, L. (Org.). **Dossiê Norbert Elias**. 2. ed. São Paulo: Ed. USP, 2001.

_____ **A sociologia das relações de poder de Norbert Elias**. Disponível em: www.kuwi.uni-linz.ac.at/hyperelias/z-elias/abstracts/abstract1-por-2000-T-por-1.htm-por19k > Acesso em : 28 ago.2005.

- PACHECO, A. J. P. **Uma interpretação histórica sobre “a dança de ação” : A tensão técnica expressão.** III Encontro Nacional da História do Esporte, lazer e Educação Física. Coletânea DEF/UFPR, DEF/UEPG, FEF/UNICAMP, 1995.
- PARALYMPIC SPIRIT. **An Unforgettable Journey Of Struggle And Triumph** - Official license of the 1996. Atlanta Paralympic Games. Published by SEA Multimídia, 1996.
- PASTORE, José: Trabalho, Família e Costumes. Ed. Ltr. SP. 2001.
- PETTENGILL, N. A Educação Física e os Desportos para pessoas portadoras de deficiência, no Brasil no período de 1980 a 1992. *IN:* Carmo,A. e Silva, R. (Org) **Educação Física e a pessoa portadora de “Deficiência”: Contribuição à Produção do Conhecimento.** Uberlândia, p.269-339,1997.
- PIERUCCI,A. **Ciladas da diferença.** São Paulo: Ed.34, 1999.
- PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil:** 7. Ed. – São Paulo. 2004
- PRONI, M. Brohm e a organização capitalista do esporte. *IN:*_____, Lucena,R (orgs.). **Esporte: história e sociedade.** Campinas, SP: Autores Associados, p. 31-61, 2002.
- RATTNER, H. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/018/18rattner.htm> > Acesso em: 05 out. 2005.
- RODRIGUES, G.M. ; LIMA,S. M.; DUARTE, E.; TAVARES, M.C. Demarcações sociais e as relações didáticas na escola: considerações acerca da inclusão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p.43-56, jan. 2004.
- ROMERO, E. A Arquitetura do corpo feminino *IN:*_____(org.) **Corpo, Mulher e Sociedade.** p.235-270.Campinas, SP; Papirus,1999
- SHERILL, C. and DePAW, K. Adapted Physical Activity and Education. *IN:* MASSAENGAL, J. and SWANSONM, R. A. **The History of Exercise and Sport Science.** Human Kinetics , USA, p.39-108, 1997.
- SILVA, M. Mulher, Identidade Fragmentada. In: ROMERO,E. (Org.). **Corpo, Mulher e Sociedade.** Campinas,SP. Papirus, 1995.
- SIMÕES, A.C. et all. Perspectivas de vida e transição de carreira de mulheres-letas de voleibol. *IN:*_____(Org.) **Mulher e Esporte, mitos e verdades.** São Paulo: Manole, 2003. p.177-191.

SKLIAR, C. Seis perguntas sobre a questão da inclusão ou de como acabar de uma vez por todas com as velhas – e novas – fronteiras em educação. **PRÓ-POSIÇÕES**, Campinas, v.12, n.2-3 (35-36), jul-nov, 2001.

SOARES, C. L. **Educação Física: raízes européias e o Brasil**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SPECIAL OLYMPICS BRASIL (SOB),

<http://www.specialolympicsbrasil.org.br/index2.html> .Acesso em 23 nov, 2006.

STEPAN, N. L. **Raça e Gênero:O Papel da Analogia na Ciência**. s/d

TOLOCKA, R. E. ,DE MARCO, A **Desporto Adaptado: Dos Jogos em Stoke Mandeville às Para-olimpíadas**. III Encontro Nacional da História do Esporte, Lazer e Educação Física. Coletânea. p.160-165. DEF/UFPR, DEF/UEPG, FEF/UNICAMP, 1995.

VEIGA-NETO, A. Incluir para saber. Saber para excluir. **PRÓ-POSIÇÕES**, Campinas, v.12, n.2-3 (35-36), jul.-nov, 2001.

VITAL.R. A Avaliação Clínica. *IN*: Marco Túlio de Mello(org). **Avaliação Clínica e da Aptidão Física dos Atletas Paraolímpicos Brasileiros: Conceitos, Métodos e Resultados**. Atheneu. São Paulo, p. 3-38, 2004.

WHITAKER, Dulce. **Mulher & Homem: O mito da desigualdade**. 7ed.São Paulo.Editora Moderna, 1993.

WILLIAMS, R. **Cultura**. 2 ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WINNICK,J. Introdução a Educação Física e Esportes Adaptados. *IN*:_____(edit). **Educação Física e Esportes Adaptados**. Baueri,SP. Manole, p.03-30, 2004.

WIPS (Women in Paralympic Sports).
http://www.uksport.gov.uk/pages/women_in_paralympic_sport_development_initiative_phase_2/ / Acesso em 10 dez, 2006.

YIN, R.K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Brookman, 2005.

ANEXO 1- TERMO DE CONSCIENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

Este é um convite para você participar voluntariamente do estudo “O SIGNIFICADO SOCIAL DO DESPORTO ADAPTADO PARA AS ATLETAS E EX-ATLETAS DA CIDADE DE CURITIBA NO SISTEMA PARAOLÍMPICO”. A presente pesquisa será realizada como trabalho de conclusão de Curso de Mestrado em Educação Física, área de concentração Ciência do Esporte, linha de pesquisa História e Sociologia do Esporte, na Universidade Federal do Paraná, pela mestrand Gisele Pereira, com orientação da Profª Dra. Ruth Eugênia Cidade. Por gentileza, leia com atenção as informações abaixo antes de dar seu consentimento. Qualquer dúvida sobre o estudo ou sobre este documento pergunte a pesquisadora ou entre em contato no telefone 3362-8745.

OBJETIVO DO ESTUDO

A partir do significado social do desporto adaptado para as mulheres da cidade de Curitiba envolvidas no Sistema Paraolímpico, traçaremos um paralelo com a abordagem *Estabelecidos-Outsiders* de Elias e Scotson nesse processo.

PROCEDIMENTOS

A sua contribuição será através da realização de uma entrevista, com duração de aproximadamente 30 minutos. Para esse registro será utilizado somente um gravador de voz portátil Sony, TCM-20DV, e uma fita cassete BASF-FE, de 60 minutos. A entrevista será feita por uma única pessoa, pesquisadora-entrevistadora. Depois de gravada, a fita será transcrita na íntegra e citada os excertos pertinentes a este ensaio.

DESPESAS/ RESSARCIMENTO DE DESPESAS DO VOLUNTÁRIO

Todos os sujeitos envolvidos nessa pesquisa serão isentos de custos.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA

A sua participação neste estudo é *voluntária*, podendo encerrar-se por sua vontade.

Diante do exposto acima, eu _____ abaixo assinado, declaro que fui esclarecido sobre os objetivos, procedimentos e benefícios do presente estudo. Concedo meu acordo de participação de livre e espontânea vontade. Declaro também não possuir nenhum grau de dependência profissional ou educacional com os pesquisadores envolvidos no projeto, não me sentindo pressionado de nenhum modo a participar. Ciente de que os resultados serão tornados públicos em pesquisa científica dessa instituição.

Curitiba, de _____

de 2006

(Nome do sujeito experimental)
RG 051.910.950-8 Ministério da Defesa

(Gisele Pereira)
RG 4902154-2

**ANEXO 2- ROTEIRO GERAL PARA ENTREVISTA DAS ATLETAS E EX-
ATLETAS DO SISTEMA PARAOLÍMPICO DE CURITIBA**

ROTEIRO GERAL

1. Como você entrou para o esporte?/Quando você se interessou por esporte?
2. Como você começou no esporte adaptado? (a história)
3. Como se tornou atleta? Teve opções dentro das modalidades? Como você se vê como atleta?
4. Como é o seu treino? Horários, frequência, etc.
5. Como é o seu relacionamento com o técnico?
- Como você se sente representando o país no esporte?
5. Como tem sido (como você avalia) sua participação nas competições?
6. Recebe apoio/patrocínio? O que faz para se manter?
7. Dificuldades como atleta.
8. Relacione todas as mulheres (profissionais) nas quais você mantém contato nos esportes adaptados.
9. Qual a contribuição dessas mulheres para a prática desportiva?
10. Como é a sua participação na sua Associação?
11. Qual a sua idade?
12. Você é casada? Tem filhos?
13. Qual a sua escolaridade?
14. Trabalha?
15. Estuda?
16. Como é a sua vida? (no dia-a-dia/rotina)
17. Como você se sente representando o país no esporte?
18. Como tem sido (como você avalia) sua participação nas competições?
19. Na sua opinião, como a sociedade aborda o desporto feminino adaptado?
20. O que significa o desporto adaptado para você? (lazer, saúde, socialização, preencher o tempo)
21. E o futuro?

**ANEXO 3- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DAS ATLETAS E EX-ATLETAS
DO SISTEMA PARAOLÍMPICO DE CURITIBA**

A1

1-Como você entrou para o esporte? Quando você se interessou pelo esporte?

O esporte, eu sempre pratiquei esporte desde a época de colégio. Depois... Que eu tive o meu problema é que eu fui me interessar, eu demorei, alias eu demorei pra...pra poder parti... participar do movimento paraolímpico, eu até então tinha uma certa...eu não aceitava, eu tinha ate um certo...certo preconceito. Depois um amigo meu que é deficiente visual me falou da existência da ADFP, do SEDE...e um dia eu resolvi aparecer na ADFP, vim, gostei, me convidaram e dai comecei a participar. E tô até hoje.

2- Como você começou no esporte adaptado?

Eu primeiro... a primeira, eu comecei com atletismo, eu fazia é... eu fazia campo. Eu fazia arremesso de disco, peso e dardo ê... quando tinha um evento assim, eu jogava tênis de mesa, entendeu?! Mas o meu forte na época, no início era atletismo. As provas de campo.

3- Como você se tornou atleta?

Como eu disse, eu sempre gostei, antes de ter o meu problema, na época em que eu estudava, é, eu joguei vôlei, entedeu. Inclusive meu ex-marido, eu conheci meu ex-marido nos jogos abertos do Paraná. Eu jogava vôlei, eu sempre pratiquei esporte, sempre, entedeu. Aí eu só parei nesse período né em que eu casei, ai que eu parei de estudar, que eu casei. Depois que eu fiquei deficiente, quando eu voltei de novo pro esporte. Sempre gostei de esporte.

4- Você teve opções dentro das modalidades?

Sim. Então, eu comecei com o atletismo, depois eu conheci um outro rapaz que é deficiente, o Keiki, foi ele que me incentivou a fazer tênis de mesa. Como eu jogava, é, às vezes em algum campeonato, eu jogava e ele "você tem jeito pra tênis de mesa,

vamos jogar tênis de mesa", né, então, mas eu achava um esporte caro. Tem que ter todo um material né, a raquete, é, que não é uma raquete de pingue-pongue. Que é um material, é um material caro. Então, eu daí, eu preciso de raquete. Eu preciso de raquete daí a gente começa a treinar. Ele mora em São Paulo. E na época então ele me convidou, ele me convidou: eu vou pra Curitiba, do treino pra você. Daí comecei, daí então eu só comecei a fazer o tênis de mesa.

5- Como você se vê como atleta?

Como assim?

Como você se vê como atleta?

Mas assim, em termos do...do... meu nível de atleta? Ah, eu acho de nível de Brasil, eu acho que eu to muito bem. Entendeu. Agora a nível internacional eu tenho muito que aprender. Eu tenho muito que treinar. Porque a nível internacional as jogadoras, elas treinam oito horas por dia, seis horas por dia, que não é o meu caso, né.

6- Como que é o seu treino? Os horários...

Então, eu treino, e trabalho oito horas, e daí eu treino todos os dias das seis as sete e meia. E no sábado das nove ao meio dia. Então é um tempo muito pouco. É muito pouco assim pra você chegar ah conseguir uma medalha a nível internacional. Eu digo assim num campeonato europeu, né. Porque a nível de América até... é, nós temos a copa Tam. Agora na Copa Tam, agora eu fui, ganhei duas medalhas de ouro e uma de prata. Mas a nível de Europa, Ásia, é muito complicado. Entendeu. O meu tempo de treinamento é muito pouco.

7- Como é o seu relacionamento com o seu técnico?

Ah... é ótimo ha haha ha. É ótimo. O Bene é uma pessoa maravilhosa. Conheço o Bene há muito tempo. E a gente se dá muito bem, se da muito bem. De vez em quando a gente se desentende, mas assim oh nossa, eu tenho o maior carinho por ele. Ele é excelente. He he he.

8- Você recebe apoio, patrocínio?

Sim. Hoje eu recebo a bolsa atleta da, da, do Ministério do Esporte e que eu acho que até que é um valor assim, um valor bom, pelo meu desempenho de campeonatos

internacionais que eu tenho, que eu tenho...pelo meu desempenho na Copa Tam né. Vai ser o segundo ano que eu vou receber esse, essa bolsa atleta.

9- O que você faz para se manter?

É treinar, eu treino sempre. Eu não paro de treinar..., se vê agora terminou a, o nosso calendário, não tem mais competição, e eu tenho treinado assim esporadicamente, eu sinto falta do treino, porque eu treino o ano inteiro, você tá entendendo. Agora chega o final do ano, hoje eu não vou treinar que eu vou ter um compromisso. Mas normalmente eu venho aqui, saio do trabalho, venho e dou uma treinadinha, vou embora,... uma coisa mais light, entendeu. Quer dizer eu to muito cansada porque que a gente treinou o ano inteiro. Mas eu não consigo ficar longe do tênis de mesa. Longe de treinar, você tá entendendo.

10- Quais são as suas dificuldades como atleta?

Ah, eu acho a minha maior dificuldade é o horário..., como atleta é o horário mesmo, pra treinar. Eu preciso de um horário maior pra treinar. Eu preciso...até, eu digo também à distância pra chegar até aqui porque eu moro, eu pego dois ônibus pra vir e três pra voltar pra casa, entendeu. Eu moro no Boqueirão, você tá entendendo. Então é muito longe, e eu dependo de ônibus adaptado e eu preciso...o ano que vem eu tenho que mudar o meu tempo de treinamento. Porque o ano que vem é o ano do Parapan, entendeu, e eu quero ver, eu vou, eu quero conseguir a minha vaga já para a paraolimpíada do Parapan.

11- Relacione todas as mulheres profissionais das quais você mantém contato no esporte adaptado.

Profissionais?! Profissionais você diz é não, não atletas, né.

Não. Profissionais.

...Profissionais...que eu mantenho contato...Olha é, acho que são poucos. A nível de Curitiba que, que eu conheço, deixa eu ver... a Márcia, da Smell, tá, que de vez em quando nós nos falamos porque nós fazemos algumas clínicas né de treinamento, então nós temos um, a gente tem assim um contato com a Márcia. Com algumas meninas que veio aqui, que ainda não né, que são..., tem uma menina que tava dando estágio aqui no tênis de mesa. Nós temos uma, a nossa, a tia Zaira, ela é do comitê paraolímpico e ela é

enfermeira, ela então sempre nos acompanha, então a gente tá sempre em contato com a tia Zaira. São poucas as mulheres, eu não lembro não.

12- Qual a contribuição dessas mulheres para a prática desportiva?

Olha, eu acho assim que é muito importante a contribuição, a contribuição de cada um, de cada um no seu, na sua especialidade, você tá entendendo. Porque eu acho tanto um psicólogo, a psicóloga, ela vai nos ajudar, certo, no até seguindo o nosso dia a dia, se nos tivéssemos um psicólogo. Ah, ah, nós não temos esse psicólogo. A tia Zaira, além dela ser enfermeira ela é, ela é como se fosse uma mãe. Porque tudo o que a gente precisa, sabe, até um apoio moral, ela nos dá, entendeu, ela tá sempre do nosso lado. Então, são... é, muito importante e eu sinto falta, eu acho até deveria ter uma técnica mulher, porque mulher entende mulher. Você tá entendendo. Então eu acho que são poucas mulheres no nosso meio e é importante a presença de uma mulher, é, principalmente em campeonatos, sabe. É importante, agora nós fomos para a Copa Tango, foi uma técnica de Joinville acompanhando a atleta dela, sabe. Então, ela nos deu a maior força, tanto dentro da quadra, fora da quadra, né. Porque mulher entende mulher, né. Tem coisas assim que, que é coisa de mulher e acabou-se. Então eu acho muito importante essa participação delas.

13- Como é a sua participação na sua associação?

A nível de esporte você está dizendo? Sobre que aspecto... ah eu diria que... bom, eu me relaciono muito bem com todo mundo, com o pessoal do tênis de mesa, o meu próprio trabalho, o pessoal, com a diretoria, com todos que frequentam a associação, eu acho que eu não tenho problema nenhum. Eu acho que eu me relaciono muito bem, a minha participação eu acho que é, eu acho que eu sou uma pessoa bastante participativa.

14- Qual é a sua idade?

55 anos.

15- Você é casada?

Não. Descasada.

16- Tem filhos?

Tenho. Eu já sou avó. Eu tenho dois filhos e dois netinhos.

17- Qual e a sua escolaridade?

Eu tenho o segundo grau.

18- Você trabalha?

Eu trabalho. Eu trabalho aqui na associação.

19- Você estuda?

Não. Gostaria muito. Eu fiz o vestibular de Educação Física, passei mas não... pra variar né no Brasil é muito difícil você estudar, eu não, eu não tive condições de pagar a faculdade, não pude fazer o curso... de Educação Física.

20- Como é a sua vida, a sua rotina?

Ah, é do trabalho, é de casa, eu saio de casa oito e pouco, eu chego aqui na associação. Eu trabalho o dia todo. Daí eu treino até a noite, vou pra casa e final de semana eu fico em casa. Daí em tô cansada, como você disse, ah é, eu me dedico muito pro tênis de mesa, né. Para o tênis de tênis de mesa e para os meus netos, né. Então, é de casa, do trabalho, o tênis de mesa e a minha família.

21- Como você se sente representando o país no esporte?

Ah, eu me sinto assim, primeiro, muito orgulhosa, e eu acho que é uma responsabilidade muito grande. É você estar representando o seu país e você tem que saber representar muito bem porque eu gostaria, meu sonho, ainda é um dia trazer uma medalha pro Brasil, você tá entendendo, a nível de decidir um campeonato europeu, é de um, eu nem digo, de um mundial paraolímpico, quer dizer, mas para Deus nada é impossível! Mas um dia um campeonato aberto, de trazer uma medalha para o Brasil. Eu gostaria de eu estar trazendo a bandeira do Brasil ouvindo o hino nacional.

22- Como que você, como têm sido ou você avalia a sua participação nas competições?

Olhe, esse ano, a última competição foi em Caldas Novas, em Goiás. Eu acho que esse ano apesar de ter sido um ano muito puxado, por causa do meu trabalho, por causa do treinamento, é, eu posso dizer que eu fui muito bem, entendeu. Porque eu hoje ainda eu continuo a premiação no ranking nacional. Eu sou a primeira da minha classe e no

ranking geral no Brasil eu continuo sendo a primeira da classe. E no ranking geral eu continuo sendo a primeira atleta.

23- O que significa o desporto adaptado para você?

O que significa? Ah, eu acho que, que como eu te disse, sempre, eu sempre gostei de esporte, né. Eu sempre gostei de esporte. Eu inclusive tinha um grande sonho que era fazer Educação Física. Fazer pós-graduação não sei aonde, na Europa, eu sei lá aonde. Então sabe aquele sonho que você têm, né. Então, daí quando eu tive o meu problema eu falei “meu deus e agora né!”. E depois que eu soube quando que existia o esporte para-olímpico eu fiquei muito feliz. Porque eu acho de suma importância, porque o esporte, ele, inclusive isso daqui, eu digo de experiência própria. O esporte mudou a minha vida. Sabe. Eu tinha alguns preconceitos. Então a partir do momento, a primeira vez que eu participei de um campeonato, né, de um campeonato, para pessoas portadoras de deficiência, a minha vida mudou. Eu vejo assim, o esporte, ah, ah, ah, ah, é, como se diz, você quer mudar a vida de uma pessoa, é fazer, é praticar esporte. Entendeu. Ele..., sofreu um acidente, ele já é aceito ó. É só mandar para a primeira associação e começar a praticar esporte. Muda a vida dele. Ele muda completamente. Ele começa a ver a vida com outro ângulo, de uma outra forma, que ele pode tudo, que ele também pode, que ele consegue. E eu,... e eu digo isso de experiência própria.

24- E o futuro?

Ah... meu futuro hehhh, eu quero ainda jogar muito tênis de mesa ainda, eu pretendo e vou se deus quiser é pra Paraolimpíada de 2008 participar do Parapan. Quero conseguir minha vaga já no Parapan e participar da Paraolimpíada de Beijing.

25- E em relação ao seu quadro de medalhas? Você consegue relacionar suas medalhas?

Olha, eu tenho, quanto às medalhas, que eu tenho eu não sei. Mas assim eu, eu sei as medalhas, medalhas que foram importantes pra mim esse ano. Esse ano foi muito importante pra mim, primeiro lugar no top doze que foi em Natal. A medalha que eu consegui agora na Copa Tango, que foi as duas de ouro e uma de prata, que foi muito importante pra mim também. Em Caldas Novas eu também ganhei uma de ouro e uma de prata. Eu consegui medalha no campeonato na Itália, isso eu não me lembro a data, mas nós fomos para um campeonato na Itália e eu ganhei duas medalhas de bronze. Fui pro México também, no Parapan. Todos campeonatos panamericanos que eu participei

eu consegui medalha. E quer dizer, e participei também de dois campeonatos mundiais. Mas no mundial é muito difícil você conseguir medalha, né. Entendeu. Mas só de você estar lá pra mim já conta como uma medalha. Entendeu. E na Paraolimpíada também, pra mim eu não trouxe medalha mas é como se eu tivesse trazendo uma medalha pela minha participação.

26- E quantas Paraolimpíadas você já participou?

Eu participei de uma só. Eu participei em 96 em Atlanta.

27- Quais os lugares você já foi pelo desporto adaptado?

Ah, eu já... aqui nas Américas eu conheci Argentina, Venezuela, México, E.U.A., daí nós fomos para Inglaterra, Itália, pra Espanha, fui pra Taipei no mundial, agora nos fomos no mundial da Suíça, é fomos para Nova Zelândia.

Alguns lugares...

Alguns lugares e no Brasil também já conheci alguns estados através do paradesporto.

28- Quantos anos você pratica?

15 anos.

29- Você falou da sua classificação nas paraolimpíadas, qual classe você está?

Na, no ranking você quer dizer?

Não, da paraolimpíada?

Hoje, a minha classe, dentro do esporte, do para-desporto, eu sou classe cinco. No tênis de mesa eu sou classe cinco. Porque de um a cinco é cadeira de roda. No ranking internacional eu estou em décimo sétimo na minha classe. Na classe cinco e décimo sétimo no ranking internacional.

30- Sobre a sua deficiência física, foi adquirida?

É, eu tive um tumor durante a minha gravidez. Entendeu. Tumor na medula e outro no útero, durante a minha gravidez.

31- Como a sociedade aborda o esporte feminino adaptado? Na sua opinião.

Bom, eu acho que hoje, hoje a sociedade tá vendo de uma maneira, de outra forma. Porque há muito tempo não se ouvia falar em esporte pra pessoa portadora de deficiência. Entendeu. Então depois da paraolimpíada de Atenas é que a coisa começou a ser mais divulgada, né. Também saiu em jornal, em televisão, essas coisas todas. Então eu acho que, que ela está vendo com bons olhos o esporte para a mulher. Só que eu acho também que de repente nós é que devemos aparecer mais, sabe. Que às vezes a gente coloca a culpa na sociedade mas também não é só dela. De repente é a gente também. Tem que mostrar “Oh, eu tô aqui” sabe, você chegar...é ir na televisão, mostrar o seu treino. Apesar que claro, outro dia eu estava conversando a seleção brasileira de futebol e de vôlei masculino é cheio de jornalista. Você chega, ninguém sabe que você foi, o que aconteceu, ninguém sabe de nada. Mas tudo bem. Hoje tá muito melhor do que uns anos atrás. Você tá entendendo. Eu acho que a tendência é melhorar. Com relação ao esporte para as mulheres eu não vejo nada, eu acho que não existe nada contra. Eu acho que eles aceitam numa boa, normalmente.

A2

1. Como você entrou para o esporte? Como você se interessou pelo esporte?

Ah, faz... faz na verdade que eu entrei para o esporte, faz dez anos que eu entrei no tênis de mesa e participo dos jogos, né. Mas me interessar eu me interessei desde os meus quinze anos que eu estava em São Paulo que daí eu comecei a treinar lá, só que não era com pessoas deficientes, eram normais. Jogos normais. Depois que eu vim para Curitiba daí que eu fui trabalhar na Telepar né, aonde tinha os deficientes, que daí o pessoal lá já treinava assim né, jogava. Então daí eu me interessei e comecei a treinar, isso faz uns dez anos.

2. Quando que você começou no esporte adaptado?

Então foi isso, com o pessoal que trabalhava lá na Telepar né, que era o pessoal que prestava serviço da PR, os deficientes, e daí foram eles que me trouxeram para treinar aqui.

3. Como você se tornou atleta? Teve opções dentro das modalidades? Como você se vê como atleta?

Não, eu já optei pelo tênis de mesa mesmo, que eu já jogava antes. Como eu me vejo como atleta? Como assim a pergunta? Como eu me vejo?

Como você se vê?

Eu não entendo assim... não, eu me vejo como uma boa atleta. Porque eu me dedico ao meu esporte que eu gosto, que é o tênis de mesa e mais por questão de saúde mesmo né. Que o esporte faz bem para a saúde, também mais por esse motivo também que eu além de eu treinar, além de eu jogar, como participar dos jogos, eu também faço academia e me dedico nessa parte de saúde. Para o bem estar do corpo né.

4. Como é o seu treino? Os horários?

Meus treinos são pela manhã, segunda e quarta pela manhã, terça e quinta à noite né, e aos sábados também quando tem treino aqui de manhã.

5. Como é o seu relacionamento com o técnico?

Ah, eu não tenho problema de relacionamento com o Bene. Ele cobra bastante né mas eu... também... relacionamento de amizade, nós somos amigos, também pelo tempo que a gente treina junto né.

6. Você recebe apoio, patrocínio? O que faz para se manter?

Não, eu tenho a bolsa atleta né, bolsa internacional do governo federal e tenho meu trabalho né, que eu trabalho mesmo na Justiça Federal e ganho meu salário normal.

7. Dificuldades como atleta?

Dificuldades como atleta é... psicológico, agora eu to fazendo curso de terapia né para ver se eu posso... me encontrar o que cada vez está ficando pior o meu... minha concentração, que eu tenho dificuldade de concentração nos jogos, eu fico muito nervosa comigo mesma às vezes. Mas eu estou fazendo terapia e isso tá me ajudando.

8. Relacione todas as mulheres profissionais das quais você mantém contato nos esportes adaptados.

É, no momento eu não tenho assim nenhuma mulher que eu faça... veja meu terapeuta é médico né, daí não..., mas fora do esporte eu não tenho nenhuma mulher assim...

9. Qual a contribuição dessas mulheres para a prática desportiva?

É, eu não tenho assim...

10. Como é a sua participação na sua associação?

É, eu participo aqui dos jogos, também contribuo ajudando pagando a mensalidade. Ah, eu não tenho participação aqui dentro de, de trabalho... não né. Só de jogos mesmo, de participar de jogos da associação.

11. Qual a sua idade?

Tenho 43 anos

12. Você é casada? Tem filhos?

Não. Tenho.

13. Qual a sua escolaridade? Trabalha? Estuda?

3º grau. Trabalho. No momento não estudo.

14. Como é a sua vida? Sua rotina?

Ah, minha rotina é o esporte, academia, trabalho, que daí trabalhar a gente trabalha bastante né, porque não tem um horário muito certo, casa, viajo bastante, só.

15. Como você se sente representando seu país no esporte?

Ah, eu me sinto bem. Quando eu participo, quando eu represento o Brasil eu me sinto orgulhosa de participar dos jogos, de, de... de representar o Brasil.

16. Como tem sido ou como você avalia sua participação nas competições?

Ah, eu... eu sempre... até hoje eu sempre fui bem né nas competições, sempre consegui ficar entre os três primeiros e... não sei... eu participo bem assim, não sei.

17. Na sua opinião como a sociedade aborda o esporte feminino adaptado?

Na minha opinião, é, agora, eu acho que tá evoluindo bastante essa participação. Porque no início, quando eu comecei no esporte quase não tinha atleta feminino. Agora assim, agora o nível tá bem alto mesmo no esporte feminino. Tá bem assim... tem que treinar muito mesmo para conseguir agora, antes não, antes eu era, na minha classe era eu e mais uma outra, agora não, agora tem bastante atletas né para participar. Então tá evoluindo bastante.

18.O que significa o desporto adaptado para você?

O que significa? ... Ah, para mim é como eu já falei né. Eu pratico esporte para me ajudar também por questão de saúde, de tirar o stress do trabalho e isso me ajuda. De ter contato com o pessoal deficiente. Para saber a vida de todo mundo né, as dificuldades. Então isso ajuda para mim também, na vida comum assim.

19.E o futuro?

Olha, eu não pretendo para de treinar, não pretendo parar, não to pensando em parar de treinar e de participar dos esportes. Até quando eu conseguir participar eu vou participar né, então, não sei. Esse é o objetivo que eu tenho, de continuar participando.

Obrigada.

A3

1- Como você entrou para o esporte?

Bom, eu entrei no esporte, eu entrei como velocista, né. Uma colega minha que é deficiente física, que o nome dela é Sueli, ela me convidou para ir na associação. Daí eu falei que não ia porque como eu sou uma pessoa muito alegre, cheia de vida... e eu achava que os deficiente eram muito pra baixo. E ela falava que não, que eu tinha que ir lá pra levantar eles, né. Daí eu falei assim “não eu não vou, só vou assim tipo uma visita”. Daí eu cheguei na associação, a primeira pessoa que eu conheci foi a Maria Luiza Passos, né, que é uma campeã de tênis de mesa. Daí o Irajá, que é o vice-presidente da ADFP, daí ele disse: “Oh, essa menina. Você tem que praticar esporte com esse braço aí, nossa você vai arrebentar”. Aí eu falei: “Não, eu não quero não. Porque eu acho que eu to bem assim”, né. E eu sou uma pessoa que vejo a vida como ela é né, cheia de dificuldades, mas todos vencem. Não só os deficiente, né. Daí eu falei pra ele assim “ah, então eu vou tentar”. Que primeiro eu comecei ela ADFP, como é...,

como atleta. Que antes era ADFP e SEDE. Era tudo misturado, né. Daí eu comecei dentro do atletismo. Daí a Maria Luiza falou assim: “não, ó, você tem que fazer atletismo. Você tem que conhecer. Tem que ver o que cai bem pra você”. Aí eu comecei no basquete, primeiro. O basquete era show de bola, da mulher fazer, né. E a pessoa também... ir se achando, né. E no basquete eu comecei, daí eu é, a gente teve um campeonato brasileiro, que eu e a Malu participava da seleção brasileira de basquete, daí até que a gente perdeu na naquele circuito que teve de basquete, e tudo. Daí as menina..., umas foi casando, outras foi se descobrindo é outra modalidade, que tinha tênis de mesa, é natação, atletismo. Eu fui pro atletismo, né, daí eu virei velocista. Conheci um rapaz chamado Ezequiel, que ele me deu muita força também, que é um para-atleta. Ele era é velocista também. Hoje ele é maratonista, né. Então, eu comecei do nada. Eu não tinha cadeira, não tinha material, pra nada. E ali eu vi o quanto os atletas, eles eram unidos. O Ezequiel sempre falava, que é mais conhecido como o Baiano, né. Ele sempre falava assim sempre pra mim: “, quando a gente for viajar, assim numa competição, eu empresto a minha cadeira pra você. Mas você não pode emprestar pra ninguém, né. Que eu sei que você tem responsabilidade. E foi ali que eu comecei a ser velocista. Nós não tínhamos parceria naquela época, né, que foi em 1970, 91, 92 né. E nós não tinha parceria com a PUC. Então era assim, era de segunda a sexta no Tarumã, sábado e domingo a gente ia pra PUC. Mas só que a PUC emprestava só o final de semana pra gente treinar. Daí levava tudo, lanche, né. Daí cada um né levava o que tinha. Eu, assim, como meu pai tava desempregado, eu levava um pão com margarina, um café com leite pra tomar. Mas nunca desisti. Sabe. De repente assim daí... eu... é... a PUC se interessou né, por nós. Até já tava, já tava começando a se interessar que é o professor Rui da PUC, que é professor de Educação Física. Ele fez, montou um projeto do nosso clube, que é uma parceria. Daí nós é... fomos pra PUC, né. O que fechou tudo. Hoje nós temos convênio com a PUC. Daí meu clube separou da ADFP. Hoje a Malu tá na ADFP, como atleta. Que tem a parte de esporte também a ADFP, na época não tinha. Hoje eles têm que é o Darlan, que é o técnico lá. E eu to no SEDE. Porque foi no SEDE que eu cresci. Mas não dispense a ADFP, vou sempre lá, num..., já fiz fisioterapia lá pra segurar a clínica da ADFP. Mas eu me sinto bem no meu clube. Hoje, o meu técnico, é o Rui Mensolin da PUC, né. Ele me acompanha em tudo, na área de saúde, na área do esporte. E lá... um dia ele falou assim: “, não é melhor você ir pro arremesso?” Daí, daí eu falava assim, até o técnico da Malu, que é o Bene, ele falou pra mim também “é melhor você ir pro atletismo, o arremesso, você tem estrutura

de arremessadora”. Eu falava assim “ah, eu não, que... não quero” sabe, eu acho que a pessoa se desgasta muito. Eu fui pra Goiânia né, para uma competição que teve lá. O técnico não pode me acompanhar, que é o professor Rui. Daí ele disse “não, vai que eu to torcendo pra você”. 22 horas de viagem, sem eira nem beira, hehehe, lá fui eu e a cadeira que eu adoro andar sentada. Então eu levava duas cadeiras, sempre. Uma pra andar atualmente e a outra que era de corrida, que era velocista. Cheguei lá em Goiânia lá tal, a cadeira estragou comigo, né. Ela não queria sair do lugar, eu nervosa e o técnico da seleção me acalmando daí foi ali que eu vi que eu não tinha condições de manter uma cadeira daquelas, ela custa 16 mil dólares. Então, daí eu cheguei aqui em Curitiba e o técnico perguntou como eu tinha ido, eu falei “não, pode aposentar a cadeira que eu to indo pro arremesso”. Com um mês que né tinha o regional de Itajaí, daí o meu técnico começou a me preparar. Aí ele me preparou certinho e tudo, e daí quando saiu o regional ele falava “agora você vai”, “ah, eu não vou que eu to com medo”, “você vai que é lá que você vai se estourar”, daí eu falei “então tá né, já que você quer, vamos colocar na mão de deus e vamo embora”. Daí eu fui tudo, naquele primeiro arremesso assim eu vi que ali ia começar minha carreira. Primeiro lugar no disco, primeiro lugar no dardo e primeiro no peso. Só que eu me destaquei mais no peso e no disco. Fui classificada no brasileiro, né. Fiquei em primeiro no brasileiro, também. E ali eu falei “aqui que eu vou começar”, sabe.

Eu me descobri foi no arremesso mesmo.

2- Quando você se interessou pelo esporte?

Olha... quando eu me interessei mesmo foi na hora que eu descobri que tinha basquete na associação. Logo que eu entrei na associação como sócia né em 1900... acho que em 1992, por aí. Daí o pessoal veio e falou: ó... têm basquete, natação. Natação só se for pra eu esvaziar a piscina né, que eu não gosto. Daí eu fui pro basquete. Foi lá que eu me descobri que eu podia fazer muita coisa. Na própria PR que eu estudei que é lá no Cabral, minha primeira medalha foi prata, que foi no atletismo. E as professora falava pra mim que era pra mim é sempre fazer esporte, e eu falava que não. Era criança, eu sabia que eu podia fazer muita coisa, mas tinha medo. Tinha medo do preconceito né que na época tinha muito preconceito... mas eu não corri atrás. Daí quando eu conheci a Sueli, daí que eu vi que eu podia fazer esporte, lá eu me descobri, foi dentro da ADFP, na hora em que eu fiquei toda empolgada que tinha basquete, eu já tinha visto um mundial que foi aqui em Curitiba. Até foi o primeiro assim que se estourou. Foi a P... a

escola que me levou, que foi a Pr, eu fiquei fascinada, eu achava que “Nossa, olha como eles jogam a bola!”, daí quando eu fui pra associação né, eu tava com 26 anos...25 anos. Daí eu fui pra lá. Minha primeira viagem foi pra Campo Grande. Foi lá em Campo Grande que eu descobri que eu podia, até fiquei... tipo assim, foi meu anjo da guarda na hora que passo mais apuro é sempre era a Maria Luiza que tava. Uma luz, ela é uma grande mulher porque...quando eu foi minha primeira convocação meu pai tava desempregado, minha mãe já era falecida. E daí a Malu falou assim pra mim: “, não, deixa...”, que eu tava preparando o pão pra levar né, e a Malu falou assim: “Não, não precisa porque eu to levando pra você... é... lanche, to levando dinheiro pra mim pagar pra você. Eu falei assim: “Não Malu, você tem, você tem já o teu aí, pra que se preocupar!Ela: “Não, eu levo porque eu sei que você vai estourar na carreira”. Ela falou: “Você tem um potencial legal, você é simpática, você é humilde. E vai... mas o meu pai... pior que... na época era muito dinheiro né, mas era pouco. Daí ela não, e de roupa como é que você tá? Ah, roupa a gente leva o que tem. Minha roupa tava toda suja e o que eu tinha eu levei. Sabe. A minha melhor calça, fui lá, catei, coloquei no varal pra tomar um ar, coloquei no corpo e me mandei.

3- Como você começou no esporte adaptado?

Olha, o esporte adaptado assim pra mim... ah, eu comecei assim do nada. No atletismo, no basquete assim né, eu levava tudo na brincadeira. Até a minha ex-técnica que era a Beti, a gente quebrava muito o pau né. Do nada assim eu descobri o esporte adaptado, eu sabia que eu podia fazer. O meu potencial era ser atleta.

4- Como você se tornou atleta?Teve opções dentro das modalidades? Como você vê como atleta?

Guerreira. Guerreira porque eu me vejo assim aquela pessoa assim que claro tive os momentos de revolta quando eu era mais nova, até 19 anos né. Quando eu descobri que não podia mais andar. Eu tive poliomielite. Daí eu tive toda aquela sessão de fisioterapia desde nenê até vinte e poucos anos né. Daí eu fui pro esporte, ali dentro do esporte eu vi que eu podia muita coisa, que eu podia crescer dentro, que eu podia ser guerreira. Mas tudo isso quem tem culpa é meu pai e minha mãe. Por causa que eles lutaram pra mim chegar até onde eu cheguei.

5- Como é o seu treino?

Bom, meu treino é da três às seis horas da tarde. É um treino assim... bem, hoje tá sendo mais rigoroso né, que eu cheguei a ir pro mundial, então, daí agora meu técnico até a pouco dois, três meses atrás ele aumentou a carga horária. Antes era das duas as quatro. Daí, não, eu treinava das dez da manhã até meio dia que eu trabalhava. Daí quando eu me dediquei ao esporte mesmo né que fez três anos já que eu saí da procuradoria que eu era funcionária lá, eu era terceirizada. E lá também eles me descobriram também. Mas eles não sabiam o que era o esporte adaptado né, então, daí o meu técnico falou assim: “então tá, já que você tá em casa a tarde você vai treinar das duas a três”. Daí era assim, só duas vezes por semana. Hoje não, hoje é três vezes por semana. E agora pouco tempo atrás eu tava treinando todos os dias, eu só vinha pra cá... eu só ficava em casa sábado e domingo.

6- Como é o seu relacionamento com o técnico?

Maravilhoso. Maravilhoso, meu técnico é meu pai, é meu irmão, sabe, é meu psicólogo. Ele é tudo pra mim. Eu acho que o atleta ele tem que ver o técnico que ele tem na mão porque na hora que perde, não adianta o atleta reclamar. Eu acho assim que nós temo que dar valor. Porque não é toda pessoa que é formada em Educação Física que é bacharel né em Educação Física que dá a tua cara pra bater sem ganhar um tostão né. Trabalhar de voluntário pra dá treino. Então eu tiro, se for um dia pra tirar o chapéu, eu vou tirar o chapéu pra o meu técnico. Por causa que ele é sensacional.

7- Você recebe apoio, patrocínio?

Eu recebo hoje a bolsa atleta, sabe.

8- O que faz para se manter?

Pra me manter é a bolsa atleta né. Eu sou registrada pela uma empresa que era minha antiga patrocinadora. Hoje eu sou funcionária deles.

9- Quais são as dificuldades como atleta?

A mídia. A mídia não dá muito apoio né. Eu acho assim que nós atletas, a gente tá lá, tá brigando com a mesma coisa como os outros atletas, entendeu. Quando é campeonato ninguém sabe. Teve o mundial aqui lá no Rio, que eu fui e fiquei em terceiro. Ninguém sabia de nada, do que tava acontecendo. Só a Rede Globo foi um dia lá, eles fizeram a entrevista comigo sobre a beleza negra né e sobre a mulher, bem rapidinho, eles

perguntaram sobre a mulher negra no esporte, só. Depois disso ele não fizeram mais. Nós queremos mais apoio. Não pra se aparecer, se engrandece. Tá tendo um mundial da África do Sul lá na África, ontem eles tavam mostrando um pouco, mas é mostraram só o Clodoaldo que já bateu o recorde né. No sábado eles mostraram pouca coisa no jornal nacional, que o André Brasil, que é amigão meu lá do Rio, que bateu o recorde também, só.

Mas atletismo quando tem Troféu Brasil que teve né, eles mostraram tudo. Mas quando é atletismo adaptado, a mídia não tá nem aí. Eles não querem sabe de mostrar, entendeu. Tem grandes campeões dentro do esporte adaptado. Tem uma que é meu anjo da guarda, que é Rosinha dos Santos, entendeu. Eu acho assim, não só o atletismo, mas no geral tinha que aparecer, tem que aparecer. Nós temos que mostrar quem somos, quem são os atletas adaptados. As mulheres que tá dentro do esporte adaptados.

10- Relacione todas as mulheres, as profissionais as quais você mantém contato no esporte adaptado?

Bom, hoje eu posso dizer que eu tenho as profissionais que me acompanha, primeiro de tudo eu quero falar da minha fisioterapeuta, que o nome dela é Cleima, ela é esposa do Dr. Glauco, que é um cirurgião também que ele é um médico... ortopedista. A Cleima é uma pessoa assim que ela descobriu o esporte em mim. Ela era estudante da Tuiuti há muito tempo atrás, ela dava aula no Amaral. Só que ela veio a me conhecer na PUC. Ela tava com um projeto de fazer uma cadeira adaptada para mim, que era que ia me levantar dentro do esporte. Ela e o professor Osires, o Lucas e o Vinícius e a Eliane que fizeram todo esse projeto da cadeira e tudo, viram o preço, e eles conseguiram montar essa cadeira para mim. A Cleima, ela tem uma visão totalmente da mulher adapt..., do esporte adaptado e das mulheres também. O quê que ela fez? Ela olhou para mim e falou que a minha cadeira tinha que ser feita de acordo para mim, para trabalhar mais o tronco. E daí eu falei para ela: “ah, então vamo né, vamo faze” porque a outra que eu tinha segurava muito o meu tronco, eu não tinha giro de tronco, sabe, eu parecia um robô cope, né. E todo deficiente tem assim um charme brasileiro, só que o meu charme é muito, muito legal assim, sabe. E daí a Claima começou, o professor Osires, eles iam lá me medir, sabe, aí eles fizeram essa cadeira. O engraçado disso tudo é que essa cadeira minha, ela foi ficar pronta bem na quinta-feira, na sexta-feira eu tinha que ir pro mundial, eu só treinei uma vez nela, sabe. E daí eu fui, eu falei assim: “ah, se não der agora vai dar depois, né, é a primeira vez que eu to indo pro mundial, não vou me

preocupar e tal”, mas deus é tão bom para quem acredita em deus, né, que cheguei lá e fiquei em terceiro lugar, e hoje a Cleima é uma pessoa que me acompanha na fisioterapia, ela dá hidroterapia para mim. Hoje eu tenho a Luise também que é da PUC, e ela é nutricionista, ela tem um acompanhamento comigo e com o Paulão, a Cleima também tem com o Paulão. Hoje estão fazendo a cadeira do Paulão também, que já terminaram, né. Eu tenho a Lilian que é meu anjo da guarda também, a Cleima também é, é irmã, psicóloga e fisioterapeuta. E a Lilian também, ela tá fazendo o terceiro de Educação Física, ela é estagiária, auxiliar do professor Rui e ela também ela não sabia o que era o esporte adaptado. Foi até engraçado quando ela me descobriu, né. Ela queria fazer tudo, e eu sentei com ela e expliquei para ela: “Lilian, é assim que tem que fazer!”, porque para o esporte não adaptado, ele é diferente. O esporte adaptado tem que ter um certo trabalho, você não pode explorar o atleta, né. E nem o atleta explorar da situação. Então eu fui explicando para ela e hoje ela sabe como lidar comigo.

11- Qual a contribuição dessas mulheres para a prática desportiva?

Se dedicar muito, ter força de vontade e acreditar. Por causa que o esporte adaptado é assim, se você tem uma deficiência, você não pode colocar sua deficiência em primeiro lugar. Em primeiro lugar você tem que se gostar. Eu gosto de mim, eu vou conseguir e eu quero. Não adianta você fazer o esporte com a cabeça cheia de preconceito e chegar lá na frente e não fazer nada.

12- Como é a sua participação na sua associação?

Ah, muito dez! (risadas) É muito legal o meu clube, sabe, nós atletas, a gente é muito unido, sabe. Então, tem eu assim, nossa! Eu chego e brinco com todo mundo, tem as outras atletas também que eu até tinha esquecido de falar para você, que tem a outra, a Osani, que ela faz travessia também, e natação. E tem a Tati, que é do Banco Itaú, então, eu acho assim que eu sou carismática de mais, eu sou muito humilde, eu me preocupo muito com os meus atletas, sabe, então, tem o nosso colega Zeca, eu me preocupo com ele de mais, e eu sou tipo mãezona dos atletas.

13- Qual a sua idade?

42 anos.

14- Você é casada? Tem filhos?

Solteira. Não.

15- Qual a sua escolaridade?

Hoje eu to fazendo de quinta a oitava, quero fazer o segundo grau também, terminar o segundo grau. Quero fazer massoterapeuta.

16- Trabalha?

Trabalho como auxiliar administrativo. Só que eu vou lá só para receber (risadas), o meu patrão fala que é para eu me dedicar mais ao esporte.

17- Estuda?

To.

18- Como é a sua vida, sua rotina?

Ah, minha vida assim, a rotina é da PUC para casa, da hidro para casa, hoje tá assim. Mas eu gosto de um pagode, sou muito animada, tenho muita união com a minha família. Hoje eu sou pai e mãe de mim e dos meus irmãos. Meus irmãos é pai e mãe de mim e se preocupa comigo.

19- Como você se sente representando o país no esporte?

Olha, para mim é uma satisfação. Porque todo mundo quer fazer esporte, quer carregar o nome do Brasil, quer entrar numa seleção brasileira, mas não é assim. Eu demorei..., para ser descoberta, hoje, faz o que?! 20 anos que eu estou no esporte, mas o trabalho foi bom. Até hoje está sendo bom porque eu sou uma pessoa que não gosta das coisas com pressa. No dia em que eu sair do país, mesmo, hoje eu sou atleta internacional, eu fui em um mundial que foi aqui mesmo no meu país, mas no dia em que eu sair daqui para fora, para ir numa competição, eu quero sair bem preparada, que daí eu quero estender a bandeira e falar: “eu sou guerreira, eu consegui”.

20- Como tem sido ou você avalia sua participação nas competições?

Eu avalio assim, como uma pessoa humilde, né, que primeiro antes de tudo pede a deus, faço uma boa competição. É uma pessoa não antipática, simpática, que eu gosto de pessoas alegres, né. Eles até fazem um pagodinho para eu dançar, eu sambo em cima da cadeira de rodas, né. A Rosinha toca e eu sambo (risadas).

21- Na sua opinião, como a sociedade aborda o esporte feminino adaptado?

Ah, eu, na minha opinião, eu acho que a sociedade ainda não descobriu ainda as rainha que tem dentro do esporte. Mas hoje a sociedade vê assim como mais modos, mas ainda não é do jeito que a gente quer.

22- O que significa o esporte adaptado para você?

É uma importância muito grande na minha vida. Ali que eu cresci, ali que eu vi que é uma profissão hoje para mim também, né. Que eu vejo assim que o esporte adaptado eu sou uma guerreira, nem todos os guerreiros vencem no esporte. O esporte, primeiro de tudo, você tem que ser humilde, outra coisa, você tem que acreditar em deus e não deixar subir na cabeça, e se dedicar. Cada modalidade que eu ganho eu sempre ofereço para deus e depois para a minha família.

23- E o futuro?

O futuro a deus pertence, sabe. No futuro eu quero ter uma ONG né, quero ajudar as crianças carente. Porque eu acho assim, hoje, as criança carente tam precisando mais de apoio, os moleque de rua, a maioria me conhece. O moleque de rua chegam para mim e falam: “daí tia, beleza?!”. Um dia eu sentei com um deles e falei que eles tavam envolvido em drogas né. Eu nunca me envolvi com droga, graças ao meu bom deus. E eu falei assim para eles, se eles queria largar da droga, mas com objetivo, de colocar eles no atletismo. Teve um que falou assim: “não, eu vou largar a droga porque eu sou casado”, 15 anos o menino. Eu tava assim... lastimável. Daí eu falei assim: “então tá”, hoje eu encontro ele, pelo menos um eu consegui ajudar. O outro eu às vezes encontro ele na rua, eu brigo com ele, ele abaixa a cabeça, ele me escuta, sabe. Até esses tempos ele pediu comida para mim daí eu levei ele na lanchonete, o pessoal da lanchonete não queria deixar ele entrar, eu falei assim, se você não deixar ele entrar eu também não entro, daí eu falei assim, vocês tem preconceito? Não. Então tá. Fui num outro restaurante que eu sempre vou lá para almoçar, aí eles deixaram, sabe. Então, meu objetivo é no futuro é ser ou professora de Educação Física, massoterapeuta, montar uma ONG e colocar essas criança lá.

Obrigada.

De nada.

A4

1. Como você entrou para o esporte? Quando você se interessou por esporte?

Eu já... Já jogava tênis de mesa na época do colégio, eu gostava muito e conheci a associação. Na verdade quem me convidou foi a Dina. Eu comecei primeiro nadando. Ela me convidou para um campeonato e eu participei, e depois eu acabei conhecendo o tênis de mesa e entrei para o tênis de mesa. Aí eu joguei em pé, assim logo no primeiro ano, depois houve a possibilidade da cadeira e aí comecei a jogar de cadeira.

2. Como você começou no esporte adaptado?

É, foi através da associação, tinha um amigo aqui do bairro que ele é da cadeirante, daí ele me convidou para conhecer a associação várias vezes e eu sempre ficava protelando, protelando, sabe... daí uma vez eu fui, conheci, comecei a participar e daí no caso como o Jigadin era presidente do Sesi, que faz parte lá de São Moisés, e ela me convidou e daí eu comecei de lá para cá não parei mais.

3. Como você se tornou atleta? Teve opções dentro das modalidades? Como você se vê como atleta?

Se eu tive opções? Outras modalidades? Bom, eu comecei com a natação, como eu já tinha falado e depois eu optei pelo tênis de mesa, eu conhecia e é uma coisa que eu gosto, já jogava interiormente né, daí eu comecei a... E como atleta ... eu acredito assim que eu tenho potencial, o meu técnico fala muito até que eu tenho muita mobilidade, só que ele acha que eu não priorizo muito, eu só assim, por exemplo, o tênis de mesa, como eu to agora fazendo faculdade, eu distribuo um pouco do meu tempo para as coisas assim, não é, o tênis de mesa não é ... assim, só ... eu não vivo só em função do tênis de mesa. O meu técnico cobra isso que eu tenho potencial maior, só assim eu não, eu treino, eu faço minha carga horária, assim, poderia fazer mais. Eu vou investir mais agora por causa do Pan americano. Porque daí eu parei de trabalhar na faculdade, só vou continuar a faculdade, mas não vou trabalhar lá e eu vou me dedicar, vou contratar

técnico particular, vou agora me dedicar ao Pan-americano. Só medalha de ouro, se pegar no Pan-americano, vai para a Paraolimpíadas.

4. Como era o seu treino? Os horários, as frequências,...

Como eu tava na faculdade estudando a noite ficou um pouco limitado, eu ia a tarde duas vezes por semana. Como na associação ali se não fica muito viável para a gente treinar sabe. Daí tem os iniciantes, os horários que eu ia era ruim, então eu dei uma parada assim, entende, para não progredir muito sabe. Daí eu tava indo duas vezes por semana, duas a três horas, daí tinha os iniciantes, você não tinha muita ... e acho que não melhorei muito. E agora antes da Argentina aí eu parei com a faculdade lá, parei o trabalho, paguei uma pessoa para fazer para mim, daí eu treinei um mês assim, intensivo de tarde, de noite, de manhã sabe. Daí que eu...tanto que a gente pegou medalha de ouro em equipe.

6- Como é o seu relacionamento com o seu técnico?

Ah, eu me dou bem. O Bene, ele é uma pessoa que conhece, sabe, eu acho que é o único assim que conhece todos, as deficiências, como trabalhar com o portador de deficiência sabe. Só eu acho que é pouco é... um só para muita gente. Isso eu sinto assim que ele não tem muito tempo, ele tem que treinar os iniciantes, ele tem que treinar o outro,... então eu acho assim que ele tem pouca disponibilidade para muita atleta, eu acho assim que tem que ser uma dedicação maior.

7- Você teve patrocínio, apoio? O que você faz para se manter?

Olha, nós recebemos essa bolsa atleta e existe também da prefeitura que eles dão um incentivo ao esporte. Existe o comitê que paga algumas viagens e existe a confederação também né, que paga né, que banca, eles recebem uma verba, que foi fundada, daí eles mantêm a gente. Mas ainda é pouco assim pelo... a gente observando outros países eles tem um apoio maior. Tá certo que melhorou bastante, nossa, antigamente não tinha nada, a gente ia de ônibus, a gente ficava em alojamento, era aquela coisa assim horrorosa. Agora não, já está bem melhor. A gente fica em hotel, a gente já vai mais de avião e tal, sabe. O pessoal sofreu bastante anteriormente sabe. Não tinha realmente, não recebia nada, ia assim porque gostava, porque realmente era apaixonado. Posso dizer que hoje a gente tá muito bem sabe.

8. Quais são as maiores dificuldades como atleta?

É eu ter mais garra, acreditar mais em mim. Eu ainda entro assim, ah, eu acho que o outro é melhor, aquela coisa assim, teria que ser mais disciplinada um pouco.

9. Você pode relacionar todas as mulheres, as profissionais, nas quais você mantém contato no esporte adaptado?

A única realmente como eu falei é a psicóloga que eu estou indo. Já fiz fisioterapia também com fisioterapeuta, mas agora nas últimas vezes eu fiz com homem. São poucas as mulheres que trabalham com ... no caso, no esporte, pelo menos o adaptado, eu vi poucas mulheres.

10. Qual a contribuição dessas mulheres para a prática desportiva?

Acho que... teriam que se envolver mais, procurar se interar mais. Que fica muito ligado aos homens só, né. As mulheres têm que batalhar mais, ir atrás, procurar seu espaço.

11. Como é a sua participação na sua associação?

Olha, na associação eu me dou bem com os outros atletas, com o pessoal que trabalha, mas eu não gosto muito do... como se diz, o presidente, eu acho ele muito prepotente. Eu evito ir lá, eu só vou mais para treinar, essas coisas assim porque eu não acho legal, tem muita norma sabe, ele quer dar um de grandão, na verdade acaba fazendo outras coisas, põe mulher para trabalhar, coisas assim, eu não gosto muito dele, não sei, não me dou muito bem, ele é muito exaltado, eu procuro nem falar porque ele né, eu acho que ele não serviria para presidente mas o povo, o pessoal, é opinião minha né, mas enfim, converso assim na boa porque também dependo, faço parte lá da associação, só que eu jogo, represento a BDBOU. Olha só, eu fiz, tá aí uma coisa que eu fico realmente, não tem espaço para a minha cadeira, posso deixar a cadeira. Eu fui lá para, aquela vez que eu fui para Brasília que eu ganhei um baita de um troféu, aquela coisa, ninguém ah, nem... eu que levei o troféu lá mostrei daí para o Darlan... “Ah tá, daí, você ganhou o troféu”.

Aí quando o atleta é funcionário da ADFP daí eles colocam no mural, num negócio “Ah, a atleta, a funcionária tal ganhou medalha...”, só que eu sou atleta da ADFP também, eu tive que levar o troféu e dizer que eu ganhei ta tarata ta ta..., e tem vários

que são funcionários e são atletas, daí eles vêm. Mas só o atleta em si eles não..., pelo menos eu senti assim sabe. Então eu procuro ficar na minha assim.

12. Qual a sua idade?

46 anos.

13. Você é casada?

Não.

14. Você tem filhos?

Não.

15. Qual a sua escolaridade?

Agora estou cursando o terceiro grau.

16. Trabalha? Estuda?

Só estudo e faço alguns serviços free lance, assim... trabalho, ah, eu faço arbitragem de futebol de verão sintético, mesária eu trabalho. Já fiz curso de arbitragem de vôlei mas não estou trabalhando, eu até deixei de fazer agora porque eu to me dedicando ao treino mesmo. Eu também me aposentei há dois anos atrás, então, agora estou me dedicando mais ao esporte e aos estudos.

17. Como é a sua vida, a sua rotina?

Ah é... eu tenho uma vida bastante ativa, sabe. Eu, eu saio bastante, tenho bastante amigos, parentes, saio para os treinos, vou pra faculdade, faço um trabalho voluntário ... eu paro muito pouco em casa. Mesmo no final de semana, então, eu viajo ... bem agitado assim, agitado não seria a palavra, uma vida bem movimentada, entendeu.

18. Como você se sente representando o seu país no esporte?

Eu sinto orgulho sabe, de chegar lá e dizer “ah, eu sou brasileira” e o pessoal, só que o Brasil que a gente sente assim, ainda... alguns fala “Ah, Brasil” cidade assim maravilhosa mas assim, tem muita gente que faz uma idéia diferente do Brasil, assim, porque não sei se é por causa dos problemas que tem com a política, alguma coisa assim né, vê o Brasil assim como... acho que como um lugar pequeno, assim, que não tem

infraestrutura boa, um desenvolvimento. Pelo menos eu vi nas últimas vezes que a gente viajou. Eles tem uma idéia às vezes assim do Brasil que é uma coisinha pequena, um lugarzinho assim, não um país desenvolvido, aquela coisa assim. Mas eu acho que, eu me sinto orgulhosa de poder chegar lá e representar, e muitas vez... também de ouro o pessoal fala, um dia a gente tava lá no aeroporto e “Ah, você é do Brasil?!, não sei o que ...” daí já sabe, começou a conversar e coisa. E tem muitos que conhecem também bastante né, agora também tem gente saindo, viajando, acabam ...

19. Você pode fazer uma avaliação da sua participação nas competições?

Assim como eu tenho os resultados eu tenho também sabe, eu sempre tenho ficado, sempre pego medalhas, tem vezes que de bronze mas muitas vezes de ouro. Entre eu e a Maria Luiza, é assim, agora claro ela anda treinando mais, eu parei, ela teve ... Uma vez era eu outra vez era ela sempre pra competição entre a gente né, mas claro que é no treino e depois independente disso a gente tem amizade de tempo né. E é gostoso, me dou bem com os outros atletas sabe, a gente tem bastante afinidade e tem conseguido bom resultados, se eu me disciplinasse mais melhoraria.

20. O que significa o desporto adaptado para você?

Seria uma né, como uma inclusão sabe, eu acho assim valoriza muito a pessoa portadora de deficiência, é aquela coisa de você ser capaz né, daí o povo dizer “nossa, vocês jogam e jogam bem. Nossa como você joga bem!”, aquela coisa assim valoriza bastante sabe, como pessoa me ajudou a integrar no o lado social, também aquela coisa assim. Eu acho que me ajudou bastante né, como o próprio Daniel tava falando assim que talvez você tenha um pouco de complexo assim, uma fase ali da adolescência, depois você vê que tem tanta gente que batalha, daí ã eu me sinto orgulhosa de... sabe, da minha pessoa mesmo e estar batalhando. E ver quando o pessoal fala, nossa, daí você fica assim com mais ânimo né para continuar batalhando.

21. E o futuro?

Pois é he, he, he o futuro é eu ir para as Paraolimpíadas, por enquanto essa é a meta né. E é claro, na minha, como para-atleta realmente é um sonho que eu acho que todos almejam né conseguir participar de uma Paraolimpíadas. Ainda to tentando batalhar para essa, se não der eu ainda vou numa próxima, eu acho que nunca é tarde pra você né conseguir, sabe, dá para... mas eu queria ver se eu conseguia realmente nessa. Eu

tenho que acreditar que vai dar certo, treinar bastante, participar dos treinos, ver, realmente eu to visando para o ano que vem, viver em função do tênis de mesa.

A5

1. Como você entrou para o esporte? Quando você se interessou por esporte?

Foi através do meu acidente.

2. Como você começou no esporte adaptado?

É... Através da associação dos deficientes daí que eu fui convidada e... Para participar dos esportes.

3. Como você se tornou atleta? Teve opções dentro das modalidades?

Sim. No início foi cadeira, né. Corrida. Depois foi natação.

4. Como você se vê como atleta? Como ex-atleta?

Pra mim foi um mundo novo que eu entrei, né. Então, quando aconteceu o acidente comigo eu achei que a minha vida tinha terminado. Daí quando eu conheci o esporte e tudo, a turma, nós a turma dos deficientes, parece que a vida... Deu outra vida que eu achava que não tinha mais, né. Daí foi onde o interesse e fui, né.

5. Como era o seu treino? Os horários, as frequências,...

Ah sim, era na católica, eu treinava a tarde, sábado o dia todo, três vezes na semana.

6- Como era o seu relacionamento com o seu técnico?

Ah... era bem, era bom. Era a Beti e tinha o Douglas. Era muito bom. Muito legal.

7. Você teve patrocínio, apoio?

Não, não.

8- O que você fazia para se manter?

Olha, acontece o seguinte: eu entrei na, no Sede. O Sede não tinha nada. Não tinha uma cadeira de roda para os atletas, não tinha um uniforme, não tinha nada. Eu entrei e comecei a fazer bingo, arrecada, consegui uniforme para todos os atletas, consegui 40 cadeiras de roda para os atletas. Consegui viagens, a gente foi para Vitória, Porto Alegre, nós fomos duas vezes pra Brasília. Depois que eu entrei lá o Sede cresceu e cresceu o número dos atletas. Então foi assim um...daí eu peguei... o Sede não tinha nada, daí eu comecei a trabalhar em cima daquilo porque eu achei que a minha vida seria naquilo, entende. Certo. Deus me deixou pra mim fazer algo pelos outros, né. Então foi onde a gente conseguiu. Não tinha nem atleta no Sede, sabia? Então foi... através assim, daí, daí todo mundo cooperou. Daí eu pedi apoio, né, quando a gente viajava a gente pedia apoio para as empresas, e tal. Eles davam passagem de avião, de ônibus, i você precisa ver o que a gente conseguiu de viagem.

9- Quais foram as maiores dificuldades como atleta?

Ai, em que sentido assim...

Nas dificuldades.

A eu..., a eu... pra te falar a verdade, assim, é, ainda tem, né! Porque agora eu não tô mais lá. Mas às vezes a gente queria alguma coisa e não conseguia, você tinha que trabalhar, às vezes, pra gente tudo é difícil, né. Você tinha que estar recorrendo isso e aquilo,... se é nessa parte assim que...

10- Você pode relacionar todas as mulheres, as profissionais, nas quais você manteve contato durante o esporte adaptado?

Os deficientes?

Os profissionais.

Ah, os profissionais... a Beti, a nossa técnica e o Douglas. E tem a fisioterapeuta, a Dra. Carolina, ela foi professora lá da PUC, ela era minha fisioterapeuta, ela me acompanhava também no esporte. O Douglas era fisioterapeuta também. Tinha uma acompanhante nossa, a Maria, que ela lidava com fisioterapia também, ela acompanhava a gente nas viagens. Eram esses assim que davam apoio pra gente.

11- Qual a participação dessas mulheres para a prática desportiva?

Bom, a Carolina foi mais pela minha amizade que eu tinha com ela, né. Que eu conheci ela logo que aconteceu o acidente lá na PUC, então a gente... e a Maria também, a Maria até me acompanhou quando eu fui pro Sara Kubitschek, a Maria foi de companheira minha. O Douglas já era todo entrosado com os rapazes né, no basquete.

12- Como era a sua participação na sua associação?

Eu acho que eu já falei né mais ou menos.

Você pode repetir.

Ah, sim. É, não, eu fui presidente, né. Como eu te falei. Eu fui presidente lá, quando... não vou repetir tudo de novo, mas quando eu cheguei lá não tinha nada, daí eu achei que nós tinha que trabalhar, que tinha bastante pessoas, que nós tinha que fazer alguma coisa, então eu comecei a fazer bingo, fazer jantares, sabe,... é pra gente conseguir dinheiro, a gente conseguiu dinheiro pra comprar cadeira de roda, uniforme, viagem bastante.

13- Qual a sua idade?

56.

14- Você é casada?

Sou.

15- Você tem filhos?

Tenho três filhos.

16- Qual a sua escolaridade?

Só o primeiro grau né.

17- Trabalha?

Não. Só em casa.

18- Estuda?

Não.

19- Como é a sua vida, a sua rotina?

Ah, agora meus filhos todos casaram. Agora é só eu e o meu marido. Daí a minha rotina em casa, eu vou nos bingo, saio com as amigas, às vezes assim pra gente se encontrar as atletas, é assim...

20- Como você se sentia representando o seu país no esporte?

Ah, eu me sentia orgulhosa e tenho orgulho até agora porque eu deixei muitos atletas que ainda tão ganhando medalha e foram né pra fora do Brasil. Então, eu sou ainda, tenho orgulho, eu saí de lá mas deixei atletas que ainda tam até hoje né.

21- Você pode fazer uma avaliação da sua participação nas competições?

Ah, pra mim foi bom, até pelo fato do acidente. Porque recuperou os movimentos, sabe. Por causa que quando aconteceu o acidente comigo, eu ia ficar tetraplégica. E daí através do esporte que foi vindo os movimentos. Natação, a natação eu faço, fazia com Nostal, ele é professor de Educação Física. Então foi através do esporte tudo que pra mim, eu dou muito valor ao esporte.

22- O que significa o desporto adaptado para você?

Para mim é lazer, é saúde e...eu continuo fazendo assim não...não para praticar esporte mais, só para minha saúde eu faço fisioterapia e natação.

23- E o futuro?

Ah eu, o meu futuro eu não posso esperar mais nada além do que eu tou. Eu acho que eu já cheguei aqui, pra mim tá ótimo. Então espero que continue assim, para mim tá bom.

A6

1. Como você entrou para o esporte?

Como você se interessou por esporte? Na época eu conheci, eu trabalhava numa empresa que trabalhava com deficientes, era umas vagas para deficientes e conheci um rapaz na empresa que fazia esportes. Foi através dele.

2. Como você começou no esporte adaptado?

Através desse pessoal. Daí eu conheci o Vilmar Souza que na época era presidente do clube esportivo para deficientes, ele na época e a esposa dele a Sônia, daí através deles que eu conheci o esporte adaptado.

3. Como você se tornou atleta? Teve opções dentro das modalidades? Como você se via como atleta?

Não. Na época não tinha muita opção não. Na época tinha arremesso de peso, tinha dardo, tinha corrida de cadeira, fazia 100 metros, não tinha assim muita opção não na época. Eu comecei assim, como não tinha muita opção, nós não tínhamos muitos professores também, o que tinha que eu conseguia fazer eu fazia. Daí eu fiquei durante algum tempo fazendo isso. Na época nós só fazia isso, as três modalidades.

4. Como era o seu treino? Os horários, as frequências,...

Ah, era puxado. Quando eu comecei era bem difícil porque eu morava muito longe, tinha que treinar a noite, nós normalmente treinava no Oswaldo Cruz as vezes ou na Católica, normalmente era na Católica assim com mais tempo. E eu trabalhava durante o dia, o dia inteiro e chegava a noite eu tinha que treinar, eu achava assim que era bem puxado. Mas dava para adaptar né, na época assim foi muito bom.

5. Como era o seu relacionamento com o técnico?

As técnicas, quer dizer, eram duas meninas, eram amigas nossas que treinavam, era muito bom. A relação era muito boa. Elas viviam o que elas faziam, era um trabalho muito bonito, era um trabalho voluntário porque ninguém ganhava nada pra dar treino e nem para treinar, nem para viajar nem nada. Mas era muito bonito. Era um trabalho muito bonito, uma relação muito bonita.

6. Você teve patrocínio, apoio?

Não. Nunca.

7. O que você fazia para se manter?

Na época eu trabalhava para me manter e as viagens, quando tinha uma viagem, o brasileiro, que nós tinha que viajar era patrocinada, o clube conseguia. Mas eu particularmente nunca ganhei nada para praticar esporte. Na época não tinha.

8. Quais foram as maiores dificuldades como atleta?

Ir e voltar, tipo ir para o treino e voltar, voltar tarde, isso era mais difícil. E materiais, na época não tinha, tinha muita dificuldade com material. Isso era bem difícil.

9. Você pode relacionar todas as mulheres, as profissionais, nas quais você manteve contato durante o esporte adaptado?

O esporte adaptado? Ah não lembro. Eu conheci na época o único profissional mesmo da área que era o professor de natação, professor Douglas, excelente professor, ele era da área e ele era profissional e era ... e uma fisioterapeuta, não trabalhava diretamente com nós mas a gente conheceu ... í não me lembro o nome dela, eu acho que era Jéssica, mas eu não tenho certeza. Ela era fisioterapeuta e tinha bastante contato, na verdade ela era namorada de um deficiente e ela tinha bastante contato com a gente. No mais era só voluntários, não era profissional da área. Nós não trabalhávamos na época com profissionais.

10. Qual a participação dessas mulheres para a prática desportiva?

Na época?! Eu não me lembro assim porque na verdade nós não tínhamos né, assim, profissionais não.

11. Como era a sua participação na sua associação?

Eu... eu fazia parte da DFP mas assim, mais para trabalho, que era a associação que a gente participava. E do clube esportivo era mais como atleta. Trabalhei mais com a diretoria mas bem pouco tempo, não tinha muita relação com a associação. Só como atleta mesmo.

12. Qual a sua idade?

Quase com 45 anos.

13. Você é casada?

Separada.

14. Você tem filhos?

Uma filha, 12 anos.

15. Qual a sua escolaridade?

2º grau.

16. Trabalha?

Trabalho.

17. Estuda?

No momento não.

18. Como é a sua vida, a sua rotina?

Olha, no momento eu to mais assim trabalhando. Só trabalhando, eu faço um cursinho de matemática, mas é só duas vezes por semana. Vou prestar vestibular, pretendo fazer uma faculdade e minha rotina é meio de vagar assim. Não pratico esporte, não estou mais praticando esporte e pretendo fazer natação agora, vou tentar fazer natação mas não sei nem se consigo já.

19. Como você se via representando o seu país no esporte?

Ah, era muito bom. Foi uma fase assim, eu acho que foi a melhor fase da minha vida, foi na época do esporte. Era muito emocionante, por mais que você fosse numa competição e perdesse sabe, ou tirasse em segundo ou perdesse a competição, era mito boa aquela coisa, quando cantavam é... uma coisa que eu me emociono até hoje quando alguém tá jogando ou participando do campeonato e cantam o hino nacional, era a parte mais emocionante. Quando cantava o hino nacional era muito bom!

20. Você avalia sua participação nas competições?

Eu não era uma excelente atleta, não, sabe. Nunca, eu nunca fui, eu não me achava uma atleta assim muito boa. Até porque eu não tinha muito tempo para treino e não me dedicava exclusivamente, assim, uma coisa que eu admiro nos atletas que fazem isso

mas eu nunca consegui, me dedicar totalmente só para o esporte, ter tempo, viver só isso. Na época eu estudava e trabalhava, então eu não tinha muito tempo assim, então eu não me considerava uma excelente atleta não. Eu tinha condições de participação mas eu tinha muito para melhorar, muito a aprender.

21. Na sua opinião como a sociedade aborda o esporte feminino adaptado?

Eu acho que a sociedade em si não dá muito valor não para o esporte. Assim, eu acho assim, o brasileiro só dá valor mesmo para o futebol. Eu acho que só tende a ver futebol na frente, até... você vê hoje, não, não no deficiente mas isso no geral, porque você vê o Brasil é campeão de vôlei mas ninguém dá bola para isso né. É só futebol, futebol, futebol só onde rola dinheiro. E o esporte para deficiente é ainda, tá muito complicado, apesar que tem muita gente trabalhando na área, interessada nessa área, mas ainda é muito difícil e com as mulheres é mais complicado ainda. O pessoal acha que é diversão, o pessoal vai lá só para se divertir, passar o tempo para quem não tem o que fazer que faz isso, eu acho que o pessoal meio que vê por aí.

22. O que significa ou significou o desporto adaptado para você?

Aprender a conviver, a realizar sonhos, principalmente eu assim que achei que deficiente jamais faria um esporte, era assim que eu pensava. Na época assim foi diferente, foi muito bom. Eu hoje assim sinto muita falta, tive que parar, é fiz tênis de mesa uma época mas tive que parar porque a minha tíbia era pequena, na época da minha separação eu parei e não consegui mais voltar. É uma coisa assim que eu sinto muita falta e até pelo fato assim, a convivência com outras pessoas, outros estados e outras culturas e até por isso eu acho que ajuda muito.

23. E o futuro?

Olha... , o futuro para mim he é fazer minha faculdade que eu nunca consegui fazer até por problemas financeiros e me estabilizar financeiramente para eu cuidar da minha filha, e ajuda até ela a fazer uma faculdade futuramente né. Eu não sei se eu chego a voltar a praticar esporte até porque eu tentei esses dias, eu tava com problema agora em maio, junho e eu queria voltar no tênis de mesa, eu até fui fazer um teste e... para voltar no tênis de mesa, mas eu jogava na época tênis de mesa em pé, minha categoria é em pé, não é na cadeira. Fui classificada em pé, eu tentei voltar mas o técnico falou que ou eu volto jogar em pé ou eu não volto jogar. Eles não, tipo assim, quem foi classificado

na época para jogar em pé não pode mais jogar na cadeira. O desporto não aceita, não sei o por que, o que mudou, mas não aceita. Então o que acontece, eu não tenho mais condições de jogar em pé porque eu hoje to mais velha, to mais com dificuldade física, eu tenho muita dor na coluna, então eu não tenho mais condições de jogar tênis de mesa em pé, eu não aguento mais fazer isso. Então eu queria até jogar na cadeira, até voltei a fazer um teste assim, eu até falei assim, se eu conseguisse a jogar na cadeira eu voltaria a jogar tênis de mesa, mas ele disse que não pode. Ou eu tenho que conseguir jogar em pé ou eu não jogo mais tênis de mesa. Daí eu não voltei, não quis mais, eu falei: “tá, nem vou tentar porque eu sei que a minha coluna não aguenta, eu vou forçar muito e para mim não adianta”. Se eu conseguir futuramente voltar... fazer natação ou algum esporte, eu acho que seria natação.

A7

1. Como você entrou para o esporte? Quando você se interessou por esporte?

Bom, interessar, interessar mesmo foi quando eu tinha dezesseis anos. Que daí eu comecei a participar de campeonatos né e comecei a gostar assim do esporte. Daí me interessei, comecei a treinar com mais afinidade mesmo.

2. Como você começou no esporte adaptado?

Bom, no esporte adaptado nós tínhamos em Porto Alegre associações né, de deficientes visuais, que participavam de campeonatos nacionais e começamos a participar, a... a... a.. como vou dizer, ter pessoas que começaram a se interessar em.. em nos treinar porque eram professores de.. de visão normal né, que começaram a se interessar pelo esporte para deficientes e aí a gente começou a treinar e foi assim, foi.. foi, nossa, foi muito legal.

3. Como você se tornou atleta? Teve opções dentro das modalidades?

Me tornei atleta a partir do momento que eu vi que o esporte pra mim é começou a me dar uma estrutura de vida melhor, uma postura de vida melhor, eu comecei a correr e comecei a me sentir bem. Então, eu achei que o atletismo fosse né uma... uma coisa assim benéfica pra mim.

No começo não tive opções. No começo a gente fazia cinco, seis provas né e fazia corrida, arremesso de peso, salto em altura, salto em distância, não tinha uma modalidade. Então, todo mundo cada um fazia cinco, seis modalidades dentro do esporte.

4. Como você se vê como atleta?

Hoje? Hoje eu não me vejo mais como atleta né, hoje eu já parei. Então hoje eu não... não, vejo que o esporte me deu né muitos benefícios. Mas hoje assim como atleta não, o atletismo me deu muita coisa né na minha postura de vida, mas hoje não me vejo assim não tem nada.

5. Como que foi o seu treino? Os horários, as frequências,...

Frequência, todos os dias né. E a gente trabalhava, então, eu saía do serviço já, já saía de casa com a mochila pra sair do serviço e ir direto pra Praça Oswaldo Cruz, pra... pro Colégio Estadual, pra Católica, pra Federal. Então, a gente tinha assim vários lugares de treino. E a frequência era direto, só não ia quando realmente tinha alguma coisa, um machucado, alguma coisa, mas senão, era todos os dias mesmo.

6. Como era o seu relacionamento com o seu técnico?

Muito bom. Sempre tive um bom relacionamento com os técnicos, que eu tive vários técnicos né. Então eu graças a deus sempre tive um bom relacionamento com todos eles.

7- Você teve patrocínio, apoio?

Não. Esse foi uma coisa que a gente teve, a gente foi só na garra mesmo. Não tinha um, a mídia não... não nos apoiava, os empresários não apoiavam, então, era só na garra mesmo. A gente ia treinar com o que a gente tinha, o uniforme da entidade né, que a gente representava e alimentação também era da gente, não tinha, não tínhamos apoio nenhum mesmo.

8- O que você fazia para se manter?

Trabalhava. Trabalhava fora. Então a gente né, como eu tinha o meu ganho, então a gente se virava desse jeito. Claro, para as viagens, aí sim, aí o pessoal né, o pessoal lá de cima, lá da associação que daí nos... bancava pra gente.

9- Quais foram as maiores dificuldades como atleta?

Dificuldades eram essas: falta de patrocínio, que nós não tínhamos patrocínio, então a gente tinha muita dificuldade, a gente às vezes saía do serviço e sem se alimentar direito, a gente não tinha aquela alimentação de atleta, a gente comia como uma pessoa qualquer né. Então, a gente não tinha um apoio da... da... de ninguém, nós não tinha, de ninguém mesmo. Então era muito complicado pra gente. Mas mesmo assim tudo valeu a pena.

10- Você pode relacionar todas as mulheres, as profissionais, nas quais você manteve contato durante o esporte adaptado?

Ah, eu não sei, não me lembro. Me lembro da... de quem? Da Adria né, que hoje é atleta, olímpica, e é destaque. Ah, quem mais? A Márcia, que é uma... uma menina no pc, lá no Rio de Janeiro. Quem mais? Tem, meninas assim de... que treinavam comigo mas que... a Leila do Rio Grande do Sul, a Vera do RS também.

Essas são atletas?

Foram atletas.

E as profissionais?

Profissionais que você diz da... do?!

Que estavam ao seu redor.

... (silêncio)

E no treinamento, tinha alguma mulher?

Que eu lembro não.

E nas viagens? Quando vocês viajavam, na equipe tinha uma fisioterapeuta, uma enfermeira?

Ah, sim. Tinha a enfermeira da..da.. a pessoa que nos acompanhou pra...pra.. pra Nova York foi a Bárbara, lá do Rio de Janeiro.

O quê que ela era?

Ela era a.. a.. na verdade ela era tudo. Ela era acompanhante feminina, ela era da administração, ela que organizou tudo né na verdade pra viagem tudo. Ela que correu atrás de.. do patrocínio, que na última hora não tinha patrocínio pra gente poder viajar. E aqui, quando a gente foi pra Seul, quem que estava?! ... A Vanessa que foi como intérprete nossa, e enfermeira..., é que nós, é porque enfermeira, na verdade, ela ia mais pro pessoal, porque quem viajou junto na... nessas Paraolimpíadas é né, o pessoal de cadeira de rodas, o pessoal os pcs, então ela ia mais pra acompanhar o pessoal da...do..do do pessoal dos deficientes físicos né. Para os deficientes visuais mesmo não... que a gente lembra assim não tinha. O fisioterapeuta era homem. Então não ...

11- Qual a participação dessas mulheres para a prática desportiva?

Bom, como foram poucas mulheres assim, eu vejo, a mulher tem muita... muita... muita participação, muito valor né. A gente tem que se valorizar, mas eu vejo, como é que eu vou te responder? Porque... né é difícil, porque não... como a gente não teve assim muito contato com técnico, com técnicas, com...com mulheres assim, fica difícil eu te responder
essa pergunta. Eu não sei, eu realmente não sei.

Mas na sua opinião, como a sociedade aborda o esporte feminino adaptado?

... Não sei. Como é que eu vou te responder, o quê que eu vou te responder? ...

Da atleta do esporte feminino adaptado.

Bom, eu...eu praticamente eu num... nunca tive assim muito problema. Tive problema inclusive com... né, porque eu me destaquei muito...muito rápido né, eu... eu sempre tive um bom destaque no esporte, sempre fui uma atleta muito forte. Então, eu... eu não sei, eu sempre fui muito bem vista no meio do...da sociedade, dos homens. Mas eu ainda vejo que falta muito, hoje em dia eu não sei, mas faltava muito muita é...é informação até pro... pro pessoal, porque eram muito mais homens do que mulheres praticando esporte.

12- Como era a sua participação na sua associação?

Participação, você diz como atleta ou como diretora, essas coisas, a participação?

Não, não somente como atleta.

É, eu tive na Adevipar em 90. Em 90 eu fui diretora de esporte, eu nossa, batalhei bastante pro... mas é, sempre tem um pouco de discriminação né, o pessoal, os homens sempre querem mandar um pouco mais, a gente é um meio burrinha pra eles né, mas eu acho que vai mudando, tem que mudar.

13- Qual a sua idade?

41

14- Você é casada?

Não. Solteira

5- Você tem filhos?

Tenho. Tenho uma filha.

16- Qual a sua escolaridade?

Eu tenho o 2*grau completo, né.

17- Trabalha?

Atualmente sou dona de casa

18- Estuda?

Não.

19- Como é a sua vida, a sua rotina?

Hoje eu sou do lar. Eu hoje cuido da minha filha, na verdade eu sou dedicada praticamente pra casa. Cuido da minha filha, faço os afazeres de casa né, almoço, jantar, os afazeres domésticos. E né, alguma coisa que precise sair a gente sai pra resolver coisas na rua, mas eu sou do lar.

20- O que significa o desporto adaptado para você?

O que significa? É à maneira de... do... atleta como portador de deficiência poder praticar o seu esporte né com alegria, com... né, tendo uma pessoa que possa ajudá-lo no... nesse esporte, ele poder se sobre sair né, eu acho que é isso.

21-O que significou o desporto adaptado para você?

O que significou? Bom, pra mim, na minha vida foi bom pra minha... pro meu desenvolvimento, é eu sempre fui uma pessoa muito tímida né, eu... eu pra mim foi bom porque pude me relacionar com outras pessoas, pude ver outras... outras atletas, outras pessoas, outros esportes. Então pra mim foi muito importante na minha vida porque eu.. eu cresci como pessoa.

22- E o futuro?

Meu futuro deus pertence! Me futuro eu realmente não sei que pode acontecer, não sei. Meio... meio... meio, não sei, eu... eu me sinto um pouco.. pra te dizer hoje, eu me sinto um pouco é esquecida no... no meio do... do esporte sabe. Eu acho que eu representei muito bem o Brasil, e eu realmente, hoje em dia eu me sinto um pouco, não sei, é claro que eu não queria: “ah, você foi a primeira atleta brasileira...” mas sabe você sente, que na verdade nós abrimos caminhos pro pessoal que está aí hoje, e na verdade a gente não. esqueceu, o Brasil é muito... o povo é muito esquecido né. Então você fica meio sem.. sem perspectiva pro futuro. O futuro na verdade não sei, não to mais praticando esporte pra competição né, faço um esporte diário, mas pra competição...